

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Uma Spy Story brasileira?

Leitura de *A Última Viagem do Lobo Cinzento*

Robinson dos Santos Pereira

Florianópolis, dezembro de 2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

Uma Spy Story brasileira?

Leitura de *A Última Viagem do Lobo Cinzento*

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Literatura.

Área de concentração: Teoria Literária.

Curso de Pós-Graduação em Literatura.

Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientação: Profa. Dra. Maria Teresa Arrigoni

Mestrando: Robinson dos Santos Pereira

Florianópolis, dezembro de 2005

Agradeço

Especialmente aos meus pais pelo apoio e estímulo durante a jornada que começou em 2002. Agradeço também a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com palavras amigas, com paciência, com cuidado, com carinho e amizade para que eu conseguisse concluir este trabalho.

Agradeço também a Deus, que nele acredito e confio. Acho que sem ele não existiria romance de espionagem, nem literatura, nem livros, nem papel, nem palavras, nem letras, nem homens.

Tão pouco, existiriam idéias.

À minha orientadora, Maria Teresa Arrigoni.

Que Deus sempre a ilumine e permita que muitos outros estudantes e pesquisadores possam desfrutar de sua infinita paciência, inteligência e sabedoria.

Obrigado por apontar os caminhos mais corretos.

À professora Tânia de Oliveira Ramos, que segurou minha mão nos primeiros passos dessa viagem. Foi fundamental para que o caminho pudesse ser trilhado.

Ao professor Paul Bleton, do Departamento de Literatura do Centre de Recherche en Littérature Québécoise, da Université Laval, Quebec, Canadá, pelo material concedido graciosamente e pelas dicas sobre os romances de espionagem.

À Elba, por ter sido condescendente comigo em alguns momentos e, em outros, rígida.

Agradeço a forma atenciosa como o escritor Telmo Fortes me atendeu, quando do início deste trabalho. Considero que não fosse pela sua coragem de e tentar, não somente esta dissertação não teria sido feita, assim como não teríamos ainda uma obra que, apesar de singela, demonstra ousadia em desafiar todo um gigantesco mercado editorial viciado em valorizar sempre a tradução em detrimento de nosso próprio manancial de idéias e de talentos. A batalha apenas começou.

Sumário

Resumo	
Abstract	
Introdução:	10
1. Resumo de viagem:.....	13
2. Em busca da receita do bolo:	36
3. Um lobo sob a lupa:	52
4. Uma questão de ideologia:.....	67
Considerações finais:	89
Bibliografia:	93

Anexos:

Paratextualidade na capa de *A Última Viagem do Lobo Cinzento*

Deslocamentos do espião

Deslocamentos do Lobo Cinzento

Legendas para as siglas da dissertação

O Lobo Cinzento e seu algoz

Lista de vítimas?

Capas de outras obras investigadas

Resumo

Esta pesquisa propõe-se, através da leitura crítica do romance *A Última Viagem do Lobo Cinzento*, e do levantamento do embasamento teórico necessário para compreender o gênero de espionagem, entender o porquê da ausência de romances do mesmo gênero produzidos no Brasil. Procuo, com este trabalho, estabelecer as diferenças entre romance policial e de espionagem, com o objetivo de destacar o caráter profundamente ideológico que é inerente ao segundo. Seleccionamos, para fundamentar este estudo, obras que ajudam a compor um quadro da literatura dessa vertente temática no Brasil, assim como servir de referência dentro da teoria literária. Pautamo-nos, também, em romances que pertencem a tradicionais vertentes da literatura de espionagem mundial, assim como também obras teóricas sobre o tema e textos de cunho historiográfico e sociológico.

Palavras-chave: romance – leitura – espionagem – teoria literária

Abstract

This research proposes, with critical reading of the novel called *A Última Viagem do Lobo Cinzento*, and the survey with needed theoretic basis knowledge to understand the sort of spy romances, and knows the reason why we don't have this kind of production in Brazil. With this job, i want to enumerate differences between spy and police novels, in order to highlight the deeply ideological meaning that belongs to other one. We select, to base this study, works that help to figure Brazilian literature, as well as being reference of the literary theory. We decided to use as reference, also, novels that belongs to traditional worldwide spy fiction, as well either theoretic works about the subject and historical and sociological essays.

Legendas para as siglas da dissertação

ABWEHR – Serviço militar de informações do exército do III Reich.

CIA – Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos.

KGB – Serviço de espionagem da antiga União Soviética.

SD – Sexto Departamento (ou SD-Exterior) do setor de inteligência do III Reich, dedicado a operações fora do país.

SMERSH – Departamento pré-KGB de operações clandestinas da Rússia.

SNI – Serviço Nacional de Inteligência, serviço secreto do Brasil durante o governo militar, extinta por Fernando Collor.

Ss – Spy Story. Utilizamos o segundo “S” minúsculo para evitar que fosse confundida com SS, a sigla da tropa de elite do exército nazista, já que o tema da obra é a Segunda Guerra Mundial.

UVLC – A Última Viagem do Lobo Cinzento.

Introdução

“Como a língua não é uma ferramenta literariamente autônoma, mas um instrumento sempre já político, é, paradoxalmente, pela língua que o universo literário permanece submetido a dependências políticas”¹

O romance de espionagem é “um fenômeno do século XX”². Desde o final do século XIX até os dias de hoje, tem inspirado dezenas de autores e gerado milhões de exemplares que são vendidos em todo o mundo. Seria de se esperar que existisse sobre esse fenômeno literário uma ampla bibliografia voltada à sua pesquisa, seja no Brasil (como consumidor), ou nos países que mais publicam esse tipo de obra. Mas não é assim que acontece. O gênero que é conhecido como Spy Story (que chamaremos doravante de Ss) é praticamente desconhecido no Brasil. Que fique claro: o gênero, não as obras que dele fazem parte.

Se a denominação do gênero é praticamente desconhecida no país, resguardando uma citação de José Paulo Paes e outra de Sandra Reimão, a produção local acompanha essa tendência. São as traduções que dominam o mercado do romance de espionagem no Brasil, e nisso não é diferente do resto do mundo. A produção é hegemonicamente anglo-saxônica, com obras produzidas em inglês nos Estados Unidos e Inglaterra – a França teve sua fase de produção relativamente interrompida na década de 1980, completando aproximadamente 100 anos de Ss.

Pessoalmente, como consumidor desse tipo de literatura, fui despertado para tentar entender esse tipo de relacionamento entre a produção e o consumo do romance de espionagem, que é o tema central deste trabalho. É um relacionamento unilateral, onde um lado produz e o outro apenas consome, em um processo que vem se mantendo inalterado há mais de um século.

É possível afirmar que seja o único caso dentro dos mercados culturais de massa em todo o mundo, de uma especialização tão profunda de papéis. O romance policial, por exemplo, que teria surgido no século XIX na Inglaterra, segundo Sandra Reimão, autora de recente estudo publicado sobre o gênero, já começaria a gerar similares brasileiros ainda nas duas primeiras décadas do século XX. Sabe-se, já foi estabelecido que Pagu teria publicado uma série de contos policiais, sob o pseudônimo de King Shelter, na revista Dectetive na mesma época. A Ss, no entanto, permanece encastelada, desde sua gênese, isolada praticamente dentro de uma cultura.

¹ CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo, Estação Liberdade, 2002, p. 148.

Como leitor, comecei a questionar essa ausência de exemplares brasileiros de romance de espionagem. Quando isso aconteceu, sequer sabia denominar o gênero no qual se inseriam as obras traduzidas que me levaram à pesquisa. Na busca de resposta para esse questionamento, encontrei o suporte teórico para definir os pressupostos do gênero. Foi preciso buscar no exterior alguma referência no assunto, posto que até mesmo estudos específicos da área de tradução já publicados no país ainda não puseram suas luzes sobre um caso tão flagrante de hegemonia da tradução e de suas conseqüências no campo ideológico.

A partir daí, era preciso me aproximar dos mecanismos ficcionais do romance em geral para que fosse possível estabelecer pontos literários de contato entre a Ss traduzida e uma eventual produção local. Apoiei-me inicialmente em Candido e Bosi para entender os contextos históricos da construção da literariedade no Brasil; em Lubbock e Friedman, em busca de conceitos teóricos sobre os elementos da narrativa; em Venuti, Schleiermacher e Casanova Pascale para compreender o singular poder da tradução.

Apoiei-me em Atkins, Cawelti, Rosenberg e Bleton, autores de tratados específicos sobre a Ss nos EUA, na Inglaterra e na França, para compreender as especificidades do romance de espionagem. Com pude prosseguir na busca de responder os questionamentos: que não será que bastaria a presença do espião, do contra-espião ou das operações de espionagem para inserir um texto dentro do gênero? Ao invés de tentar provar que uma determinada obra produzida no Brasil seria um romance de espionagem, direcionei meu trabalho a um rumo inverso. Ou seja, busquei descobrir como chegar e responder à questão central: o que faz com que um romance feito no Brasil, contendo os elementos fundamentais do gênero não possa ser considerado uma Ss? Será que seria possível encontrar elementos que pudessem definir seu distanciamento dos preceitos da Ss?

Partimos, então, nesse rumo, acompanhados pela obra *A Última Viagem do Lobo Cinzento* (que doravante chamaremos de *UVLC*). O livro de Telmo Fortes, editado na Ilha de Santa Catarina pela Insular, não tem em sua ficha catalográfica a denominação de romance de espionagem. Mas possui elementos suficientes para que, à primeira vista, pareça pertencer ao gênero. Lá está o espião, o agente de contra-espionagem que o persegue, a missão, a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo. Aparentemente todos ingredientes necessários.

Com a obra selecionada e o ferramental para empreender uma leitura com mais profundidade do que a que faria um leitor ingênuo, organizei este trabalho em quatro partes. A

² “...phenomenon of the twentieth century”, CAWELTI, J.G.; ROSENBERG, B.A.. *The Spy Story*, The University of Chicago Press, Chicago, 1987, p.11.

primeira dela não poderia deixar de ser a apresentação do Lobo Cinzento e seus espões. Afinal de contas, a obra de Telmo Fortes é pouco conhecida, teve uma tiragem pequena e seu entendimento é necessário para que se possa conhecer o material sobre o qual minha leitura vai se desenvolver.

Em um segundo momento, afastamo-nos da obra de Telmo Fortes para fazer um levantamento histórico do romance de espionagem. Apesar de muitos o considerarem uma variação da narrativa detetivesca, encontramos origens da Ss em 1821, nos EUA, décadas antes da formalização, por Edgar Allan Poe, daquele gênero. Apresentamos no segundo capítulo um resumo da primeira narrativa de espionagem da história e avaliamos as características do texto. Avançamos no tempo e investigamos o surgimento dos primeiros espões de papel na Inglaterra, onde o gênero floresceu com mais força, revelando os nomes mais importantes publicados até hoje, como John Le Carré e Ian Fleming.

No terceiro capítulo, com a ajuda de teóricos como Paul Bleton, que ministra aulas sobre Ss no Canadá e já publicou alguns livros sobre o tema, delineamos as regras do gênero. Tais regras foram dispostas lado a lado com *UVLC* para que pudéssemos avaliar questões fundamentais dentro da trama de Telmo Fortes.

Posto isso, partimos para uma quarta parte do trabalho, que consiste em direcionar um olhar microscópico sobre os possíveis pontos de junção e afastamento de *UVLC* com relação ao gênero de espionagem. Assim, buscou-se reconhecer os motivos que podem ser os responsáveis não somente por impedir que a obra em questão seja chamada de Ss, mas sim também compor uma teoria capaz de explicar o porquê da ausência do gênero no Brasil.

Empreender esta viagem ao lado do Lobo Cinzento e de tantos espões representou não apenas aprofundar meus conhecimentos em torno da teoria literária, pois para entender melhor o contexto que gerou a Ss foi preciso buscar ajuda de sociólogos, historiadores e teóricos da tradução. Buscamos apoio em Said, Lukács e Hobsbawn, cujas teorias e pesquisas iluminaram sobremaneira este fenômeno literário do século XX.

Procuramos, no final, fugir de dogmatismos e conclusões por demais simplistas ou fechadas. Afinal de contas, todo o escopo do trabalho sempre foi o de tratar de “possibilidades” (grifo nosso). Da possibilidade de existir um gênero específico para tramas envolvendo assuntos de espionagem; da possibilidade da feitura de um romance desse gênero no Brasil; da possibilidade dos leitores brasileiros assimilarem uma produção nacional apesar da hegemonia desse gênero em tradução.

Resumo de viagem

“...o novo gênero não se constitui necessariamente a partir da negação do traço principal do antigo, mas a partir de um complexo de caracteres diferentes, sem preocupação de formar com o primeiro um conjunto logicamente harmonioso”³

A escolha de um autor praticamente desconhecido como tema desta dissertação foi proposital. É exatamente sobre uma espécie de preconceito para com um gênero literário que este texto pretende discutir. No caso, um gênero no qual se enquadraria um livro que tem espões como personagens e atividades de espionagem entre nações. *UVLC*, escrito por Telmo Fortes, tomado como objeto de nosso estudo, ajudará a direcionar luzes a um questionamento sobre a dificuldade de construção de um imaginário que corresponde a um gênero desenvolvido com sucesso em outras culturas.

Telmo Fortes publicou, além de *UVLC*; *Glória Até o Fim - Espionagem Militar na Guerra do Contestado*⁴ e *O Tesouro Hebreu*⁵. Nessas obras o autor explora uma temática (consciente de seu pioneirismo) pioneira dentro do cenário literário brasileiro.

Os livros de Fortes foram publicados pela Editora Insular, sediada no centro de Florianópolis. Dirigida por Nelson Rolim de Moura, a editora não é especializada em obras como as que Fortes escreveu até agora. Segundo Moura, a publicação do primeiro livro do Procurador de Justiça ocorreu, inicialmente, como uma parceria entre autor e editora, na qual as despesas referentes à editoração eletrônica e produção gráfica do livro foram divididas entre as duas partes interessadas – o que poderia representar, em primeira análise, que a empresa julgava a obra como um risco que não valeria a pena correr sozinha. No entanto, a partir do segundo título, a editora viria a assumir uma postura diferente da inicial, tomando para si a responsabilidade financeira de publicar e distribuir, integralmente, a obra – no caso, *UVLC*.

Mesmo ultrapassando o crivo dos editores, a temática literária proposta por Fortes tem ainda que seduzir o leitor. Apesar de reconhecer-se o interesse do público por obras de

³ TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*, 2 ed., Perspectiva, São Paulo, 1970, p. 104

⁴ *Glória Até o Fim – Espionagem Militar na Guerra do Contestado* (FORTES, Telmo. Florianópolis: Insular, 1998) é a primeira obra de Telmo Fortes. Pesquisador dedicado, Telmo vasculhou a Biblioteca do Exército e arquivos militares em busca de informações que o ajudassem a mostrar como funcionaram os bastidores de um dos maiores conflitos armados internos do Sul do Brasil.

⁵ *O Tesouro Hebreu* (FORTES, Telmo. Florianópolis: Insular, 2002) é a continuação de *A Última Viagem do Lobo Cinzento*. Enquanto a trama do primeiro livro se desenrola durante a Segunda Guerra Mundial, a seqüência se desenvolve mais na atualidade, quando o famoso grupo neonazista Odessa decide resgatar o ouro que afundou junto com o submarino alemão U-513, a fim de utilizar os recursos para o financiamento de suas ações

espionagem, sobre as quais autores como Ken Follet, Tom Clancy e Le Carré tornaram-se especialistas, não foi percebido, até o momento em que se escrevia esta dissertação, alguma disposição em especial do público pela obra de Fortes ou de qualquer brasileiro que tenha se aventurado pelos mesmos caminhos⁶.

Uma das constatações da qual podemos partir é de que a obra do escritor brasileiro é fruto de grande trabalho de pesquisa. De acordo com entrevista realizada com o editor Nelson Rolim, na cidade de Florianópolis, em 2002, foram duas as características em Telmo Fortes que chamaram sua atenção: a primeira seria a capacidade de contar histórias de forma bastante direta e simples; a outra, a obstinação ao empreender a busca de informações para compor um livro. Os primeiros trechos da apresentação de *UVLC* demonstram a disposição de Telmo Fortes e a forma como ele enxerga a pesquisa:

“Para escrever este romance, precisei amarrar dois trechos obscuros da nossa recente história regional, compondo, com o emprego de algumas criaturas ficcionais, uma estória de suporte, indo além dos umbrais que nos permite o oficialismo. Destarte, alterei os nomes de determinadas personagens reais sem importância para o contexto geral; gerei algumas datas e criei prováveis situações, absolutamente factíveis com os eventos conhecidos.” (p.7)

O autor, após deixar claro que tem a intenção de respeitar a realidade como inspiração para a feitura de sua obra, prossegue:

“A história do sul do Brasil é riquíssima! Há de se entender todavia que os nossos atos de hoje serão conhecidos como história, já no dia de amanhã. Assim não precisamos e não devemos nos restringir unicamente aos fatos do Descobrimento, da Independência, da Abolição ou da Proclamação, para pensarmos que estamos tratando de história. A

terroristas. Novamente, Telmo Fortes utiliza personagens históricos no romance, pessoas como o próprio Joseph Mengele e Klaus Priebecke (este último preso no Brasil nos anos 80).

⁶ Nas pesquisas em busca de romances de espionagem no Brasil, foram encontrados sete romances. Três deles são de Telmo Fortes, como previamente citado. Outros dois são de Luiz Eduardo Matta (*Ira Implacável* e *Conexão Beirute-Teeran*), o sexto, e mais antigo, é *O Jogo da Gata Parida*, de Luiz Gutemberg, de 1987, e *Conexão Amazônia*, de Gabriel Zide Neto.

Os livros de Matta serão deixados de lado por serem praticamente versões em português de tramas estrangeiras. *Conexão Beirute-Teeran*: existem apenas referências a locações e personagens tipicamente libaneses e do Oriente Médio nas suas 153 páginas. Já *Ira Implacável* tem sua cronologia iniciada no Brasil, para ser transferida rapidamente para o Líbano, no Oriente Médio, levando para lá um deslocado general brasileiro, em uma situação desprovida de verossimilhança. A formação de um comitê extraordinário da ONU formado por generais de 10 países para deliberar sobre a ameaça de um ataque terrorista de grandes proporções é, considerando-se o desenrolar dos fatos históricos recentes envolvendo o tema, no mínimo uma forma ingênua de envolver um personagem brasileiro em uma trama internacional de espionagem. A partir da página 49 (de um total de 234) toda a ação se desenrola do outro lado do mundo, envolvida em uma temática totalmente alijada da realidade brasileira.

O Jogo da Gata Parida, apesar de abordar ações de espionagem, como instalações de escutas e "grampos" telefônicos, revela-se mais uma comédia de costumes, de humor ácido e de sarcasmo, forjada como forma de crítica às intrigas e conspirações palacianas em torno da sucessão presidencial durante a ditadura militar. Encaixa-se mais como um romance político do que realmente um exemplar da literatura de espionagem.

narrativa que se seguirá, balizada por fatos reais, demonstrará cabalmente como tem sido interessante o meio em que vivemos.” (p. 7)

No processo de produção de *UVLC*, Telmo Fortes deslocou-se até os Estados Unidos para encontrar-se pessoalmente com o piloto da Força Aérea responsável pelo disparo que afundou o submarino alemão a qual o nome do livro se refere. Não era a primeira vez em que Fortes adotava este procedimento. Em entrevista concedida em dezembro de 2002, em sua casa em Jurerê Internacional, contou que enquanto escrevia sua primeira obra, *Glória Até o Fim*, Fortes viajou várias vezes ao Rio de Janeiro atrás de documentos militares sobre a Guerra do Contestado.

O cuidado com a apuração destas informações, no entanto, pode ter superado o manejo das mesmas dentro da estrutura do texto de *UVLC*. Geralmente, o autor faz isso com a intenção, como veremos adiante com pormenores, de fundamentar o texto, ganhar veracidade. O editor Nelson Rolim explica, na contracapa da edição única de 1999, que: *“Até hoje nenhum livro havia revelado em detalhes a impressionante saga da espionagem alemã no sul do Brasil durante a 2ª Guerra Mundial. Trata-se da audaciosa intervenção de agentes secretos nazistas, e a ação dos policiais brasileiros na tentativa de desbaratar esta rede de espiões e partidários da Alemanha hitlerista.”* E prossegue destacando que Fortes *“Surpreende ainda ao desvendar as ‘esquecidas’ operações em águas catarinenses do submarino alemão U-513”*

Não se tem notícia, até o término da produção desta dissertação, de uma segunda edição de *UVLC*, ou sequer do desejo da Editora Insular de fazê-la. Mesmo que fosse uma (recomendável) edição que trouxesse as necessárias correções resultantes de uma revisão gráfica e gramatical, que parece ter faltado na primeira edição. Com 279 páginas e uma capa que ostenta uma foto digitalmente trabalhada sugerindo a imagem de um submarino de guerra em meio a um mar encapelado, o livro apresenta, abaixo do título (ornamentado com uma pequena bandeira com a suástica), um subtítulo em alemão que significa *“Afundado no Atlântico-Sul”*. Esses ícones serão esmiuçados adiante.

Na página 9, logo após a apresentação – já citada – Fortes ilustra a obra com duas reproduções gráficas denominadas *“Os personagens inconscientes do drama”*, que são o hidroavião Martin PBM-3D Mariner e o submarino tipo IX-C prefixo U-513, apelidado de Lobo Cinzento. Logo abaixo de cada ilustração, encontram-se especificações e dados técnicos acurados sobre cada um dos transportes militares:

“Submersível transoceânico tipo IX-C prefixo U-513, do comandante Karl F. Guggenberger

Características:

Deslocamento emerso, 1.120 ton; submerso, 1.232 ton.

Dimensões: comprimento, 76,70m; largura do casco 6,75m; calado, 4,70m.

Autonomia: emerso, 25.000 km, a 18,6 km/h; 115 km a 7,5 km/h.

Armamento: um canhão de 105mm; um canhão antiaéreo de 37mm e outro de 20mm; 22 torpedos de 533 mm, em quatro tubos a vante e dois a ré.

Tripulação: 54 homens.” (p. 9)

As referências são precisas: a trama é ambientada na 2ª Guerra Mundial e vai abordar, com grande precisão e respeito aos dados e fatos reais, assuntos militares. É como se Fortes quisesse dizer ao leitor que pode acreditar nele, que tudo que vier pela frente é fruto de estudo, de pesquisas. Diante desta proposta, a narrativa inicia-se com uma volta no tempo, para o final da Primeira Guerra Mundial, quando:

“O soldado raso Lothar Winckler, do 756º Batalhão de Infantaria, olhava para o campo a sua frente, mirando sem ver a cotidiana e invariável paisagem que ali tinha o apelido de “terra de ninguém”, com as suas poças de lama nos milhares de buracos feitos pelas granadas da artilharia e as pequenas árvores tísicas...” (p. 11)

Pertencente a um exército derrotado, Winckler passa a viver um cotidiano como o de muitos alemães de sua geração: *“Depois da rendição e da volta ao lar, perambulou alguns meses por entre as ruínas do país, inutilmente atrás de um emprego, não demorando para concordar de forma definitiva que a solução para seus apertos passava necessariamente pela emigração”* (pág. 12). Após uma tentativa fracassada de vida na Argentina, ele e o irmão chegam, em 1921, ao Brasil, fixando moradia no estado de Santa Catarina. Decidido a não chegar ao fim da vida como colono agricultor, Winckler emigra novamente, desta vez para São Paulo, onde começa a trabalhar como comerciante, viajando de um estado a outro para uma empresa de importação e distribuição com sede na Alemanha.

O ex-soldado sobe na vida, casa-se e, em um certo dia, recebe a notícia de que sua mãe está para morrer em Emden, sua cidade natal, na Alemanha. Viaja para lá para acompanhar os últimos momentos da genitora, embora a cada dia que passa, a mulher recupere a saúde, sem aceitar que o filho vá embora. Winckler consegue uma transferência de seu emprego e consegue permanecer na Alemanha até que explode outra guerra, fato que se antecede de pouco a morte de sua mãe.

Com as dificuldades advindas com a Segunda Guerra Mundial, a saída de Lothar Winckler do país é impossibilitada, ainda mais quando o III Reich, em posse das

credenciais do ex-soldado, demonstra interesse pela desenvoltura com a qual este tinha mobilidade dentro do Brasil:

“Certamente, foram as credenciais de Lothar, mantidas nos arquivos, que chamaram mais tarde a atenção dos recrutadores do governo. Eles precisavam de alguém no Brasil, decidido e capaz de cumprir uma missão sigilosa e de transcendental importância para o esforço de guerra. Tal pessoa deveria manter mínimas relações com os demais agentes que por lá trabalhavam. Precisava, pois, conhecer muito bem o país para se virar sozinho.” (p. 14).

A volta para o Brasil ocorre em seguida. *“Iria fazê-lo pelo Rio de Janeiro, evitando especialmente o Recife, onde poderia ser reconhecido”* (p. 14), tornando claro que Lothar Winckler já estava inserido em uma nova realidade, uma realidade de ilegalidade em solo brasileiro, onde vivia antes como comerciante, com família constituída e emprego certo.

“Faria, a seguir, tudo por sua própria conta. Sabia que o Abwehr - o Serviço Militar de Informações - dispunha de uma extensa rede de espões localizados no Brasil, dando permanência nos portos, controlando o movimento dos navios mercantes notadamente ingleses, informando aos submarinos, mas ele não podia contar com o auxílio de quase nenhum daqueles agentes.” (p. 14-15)

A nova realidade de Winckler é a de espião. Radicado brasileiro, mas “pela legislação alemã, ele seria um alemão até depois da morte” (p. 13), o personagem é delineado por Fortes como um homem que se adapta facilmente aos fatos. Afinal de contas, foi um soldado que lutou na Primeira Guerra Mundial, viu o mundo mudar violentamente diante de seus olhos e parece não ter questionamentos sobre seu novo papel. São três páginas que separam o Winckler comerciante teuto-brasileiro do Winckler espião nazista. Até mesmo sua constituição física é descrita de forma desnordeante:

“Lothar era daquele tipo de alemão de cabelos negros - como Adolf Hitler - e os dez anos passados sob o sol abrasador do Recife, haviam-no tostado ao ponto de ele ser confundido facilmente com um nativo, não fossem os seus cento e setenta e nove centímetros de altura. Auxiliava-o ainda o português escorreito, aprendido graças ao fato de raramente ter vivido entre sua gente, naquela última década.” (p.15)

A função de espião parece ter sido assimilada facilmente por Lothar. Fortes acrescenta à narrativa informações precisas sobre o novo status do comerciante teuto-brasileiro, mostrando, mais uma vez, o resultado de suas acuradas pesquisas:

“Ele era agora, um dos tantos agentes especiais do RSHA, o Escritório Central de Segurança do Reich, um órgão da Allgemeine SS, (...) Winckler era, mais especificamente,

um agente lotado no Grupo D, do Sexto Departamento, ou SD-Exterior, destinado aos assuntos no estrangeiro. O Grupo D dedicava-se a espionagem e operações em países sob a influência norte-americana." (p. 15)

Mas a transformação não ocorre apenas no campo retórico. Winckler frequenta “a ‘escolinha noturna’ do SD (Sexto Departamento)” (p. 16), iniciando-o na arte da espionagem. Após o treinamento, em janeiro de 1942, Lothar Winckler, já mais agente secreto do que realmente comerciante, segue para Berlim para ter acesso às informações que finalmente abririam as portas da verdadeira missão para a qual fora recrutado. É um homem chamado Walter Schellenberg quem explana o que precisa ser revelado:

“— As ofensivas motorizadas exitosamente por nós levadas a efeito — ponderou o brigadeführer — neste tipo de avanço idealizado pelos nossos generais, revelaram uma particularidade que não havia sido prevista no início da guerra. As operações sobre quaisquer terrenos, com efetivos deslocando-se quase sempre fora de estradas e em alta velocidade, obrigaram os serviços de manutenção a substituir virtualmente todos os pneumáticos de cada uma das viaturas empenhadas em combate, e que são milhares. Assim, nossas reservas de pneus, que em verdade jamais foram muito grandes, encontram-se atualmente em níveis, digamos, críticos.” (p. 16)

A Segunda Guerra Mundial chega em seu terceiro ano. “Corria o ano de 1941 e a sorte da guerra sorria ao III Reich” (p. 14). No entanto, “o bloqueio dos portos europeus por parte dos ingleses, vem a ameaçar a eficiência das futuras grandes movimentações das nossas (alemães) forças terrestres” (p. 16). Ao bloqueio dos ingleses, é somada a entrada dos Estados Unidos na guerra, com sua presença estratégica na América Latina, que prejudicava as intenções nazistas na região. “A América Latina era uma fonte inesgotável e excepcional de fibras e minérios essenciais ao esforço de guerra de qualquer nação industrializada” (p. 22), confirmando que “nas mãos da Alemanha (...) tais recursos significariam, no mínimo o fim da Inglaterra” (p. 22).

Limitando o acesso do inimigo às fontes de matéria prima, os EUA e a Inglaterra forçam os nazistas a tomar medidas alternativas para obter produtos até então disponíveis em profusão, como a borracha para a fabricação de pneus.

O papel da rede de espionagem criada pelo III Reich - da qual Lothar faz parte - é minar as alianças norte-americanas e inglesas no Hemisfério Sul (especificamente na América Latina). Winckler é um comerciante teuto-brasileiro treinado para espionar, e sua missão é garantir que o exército de Hitler consiga fazer algo tão básico quanto simplesmente mover-se sobre pneus.

A simplicidade do objetivo da missão é diametralmente oposta à dificuldade de sua execução. Nos idos de 30 e 40, praticamente toda a produção de borracha do Brasil era comprada por empresas norte-americanas, que chegavam a adquirir, até mesmo com suas operações salvaguardadas por uma legislação vigente na época, todo o excedente ao consumo interno brasileiro. É esta realidade que Lothar Winckler deve enfrentar:

“— Assim, senhor Winckler, até que os cientistas alemães aprendam a fazer borracha sintética com outros ingredientes comuns, ou concluam os estudos abandonados na América, só nos resta a derradeira alternativa. Vamos nos servir capciosa e diretamente da própria reserva destinada ao consumo interno do Brasil.” (p. 19)

Contrabando foi a saída encontrada pelos espões. Segundo Fortes, em entrevista para o jornal *A Notícia*, publicada em 28 de julho de 1999 e assinada por Maurício Oliveira, a venda ilegal de pneus foi um negócio que ajudou a forrar os bolsos de muitas famílias brasileiras durante a segunda metade do conflito entre a Alemanha e boa parte do mundo.

“A Alemanha precisava desesperadamente de pneus. Hoje um pneu roda 50 mil quilômetros no asfalto, mas durante a guerra não se podia escolher terreno e a vida útil era bem menor”, compara Fortes. Como os alemães não conseguiam produzir pneus suficientes, apelavam para a compra ilegal. No Brasil, que era um dos inimigos da Alemanha, contrabandear pneus para os nazistas era um crime contra a segurança nacional. Mesmo assim, muita gente se arriscou. ‘Todos esses registros foram destruídos para proteger famílias tradicionais, que enriqueceram durante a guerra’, acusa Fortes. De acordo com documentos encontrados pelo escritor, um único pneu chegava a custar 10% do valor do veículo. Convertendo para valores atuais, é como se cada pneu de um caminhão de R\$ 20 mil custasse R\$ 2 mil.”

Voltando à UVLC, tal atividade ilegal compreendia em um verdadeiro trabalho de espionagem, se considerarmos que Lothar deveria agir dentro de território hostil para obter benefícios em uma ação contrária a uma legislação - a qual havia sido criada para garantir um monopólio norte-americano e que, conseqüentemente, acabava por prejudicar o estado que o espião representava.

Lothar vai para o sul do Brasil, por onde levará a cabo seu plano de fazer passar carregamentos de pneus comprados irregularmente - apesar da vigilância governamental sob ordens dos Estados Unidos - para a Argentina, país que se encontrava numa posição abertamente pró-Alemanha, apesar de toda a pressão yanque no sentido de tornar a América Latina um reduto aliado. O disfarce do espião é o mais simples e aquele que despertaria menos desconfiança: o de comerciante, profissão que desempenhava, como já foi

dito, antes de voltar à Alemanha quando fora visitar a mãe enferma. Mas ele não irá desincumbir-se sozinho de sua missão. Em São Paulo trava contato com outra agente nazista do Sexto Departamento:

*"— Lothar, não é? — quis saber.
— Exatamente — [...] — e você é...
— Sabine — ela disse, sem nunca abandonar o sorriso.
Sentaram-se. A garganta de Lothar estava seca. Não podia imaginar que mulheres tão bonitas pudessem trabalhar para o SD. Achou que era um disparate, pois uma mulher daquelas com certeza iria chamar a atenção de todo mundo, despertando suspeitas..." (p. 24)*

A imagem estereotipada da espiã alemã, de uma Mata Hari sediada em terras brasileiras, surge emoldurando o nome de Sabine Sigrid von Lauer, militante do Partido Nacional-Socialista, aos 34 anos de idade. Ela atua mostrando a Lothar a realidade de um trabalho que, até então, ele havia experimentado somente na teoria. Segundo Sabine, em solo brasileiro, o jogo de espionagem seria conduzido, na época, por pessoas inexperientes, se comparadas com os alemães: *"— O Brasil está cheio de otários. O pessoal do Abwehr (o serviço militar de informações) é otário e a polícia brasileira é otária. Mas em contrapartida, o país está apinhado de profissionais, como os agentes do FBI e do serviço secreto inglês. E, naturalmente, nós..." (p. 26)*

Essa imagem de uma espionagem incipiente no Brasil, Sabine continua a explicar, seria como dizer, afinal de contas, que o confronto real ocorreria entre norte-americanos e alemães:

"— Como eu lhe disse, este negócio aqui comporta a participação de amadores e de profissionais. O Abwehr e a polícia brasileira estão no lado de lá da rua, no clube dos bobos. O'Shaugnessy e o pessoal do SD fazem parte do clube que fica do lado de cá. O Abwehr montou seu esquema de espionagem com apoio de cidadãos simples, sem treinamento, sem supervisão profissional. O velho Canaris, ao que parece, não tem muito dinheiro para gastar. No Rio eles têm dois transmissores mas não tomaram nenhuma precaução para mantê-los protegidos da vigilância policial..." (p. 26)

Assim, tranqüilamente, Sabine Lauer resume o cenário da espionagem e da contra-espionagem do Brasil na época da Segunda Guerra. Ela afirma que o serviço secreto militar alemão – o Abwehr – seria incompetente como a polícia brasileira, a quem era atribuída a missão de contra-espionagem. Em contrapartida, o FBI, representado pela figura de O'Shaugnessy, tinha uma competência comparável à do Sexto Departamento alemão.

Depois de investir neste processo de familiarização - que, lembremos, iniciou-se na apresentação do romance, quando o autor fala sobre como “a história do Sul do Brasil é riquíssima!” – o narrador conduz Lothar Winckler de São Paulo rumo à região Sul. O deslocamento é obrigatório, pois o agente teuto-brasileiro começa a fazer os contatos necessários para ativar uma linha de contrabando de pneus; e o destino de suas mercadorias é a Argentina. Inicialmente, o expediente adotado pelo espião é o de comprar o maior número possível de pneus:

*“— Quantos pneus?— quis saber o gerente.
— Deixa eu ver. São doze carros, a seis unidades por carro, dão setenta e dois. Dobremos esta quantia, para os efeitos de obtermos uma reserva. Preciso também de trezentas e cinquenta câmaras de ar.
A primeira reação do gerente foi de surpresa misturada com incredulidade.”* (p. 30)

Da mesma forma que Lothar precisa dos pneus, não pode levantar suspeitas acerca de sua necessidade de uma quantidade tão grande do produto. Seu expediente é, então, colocar a culpa na curta longevidade dos pneumáticos em uso na região sul do país: “— O senhor não conhece as estradas de Santa Catarina. Até hoje não conseguimos completar uma viagem de ida e volta com mais de duzentos quilômetros, sem furar pelo menos um pneu.” (p. 30)

Acostumado com transações comerciais, Lothar obtém resultados rápidos em sua primeira negociação. Mas conseguir pneus não era difícil apenas para o espião teuto-brasileiro. Até mesmo os comerciantes encontravam complicações para obter os produtos, e isso faz com que Lothar precise ser ainda mais persuasivo, explorando a ganância do vendedor:

*— Acho que não vou ter toda a mercadoria — falou finalmente, num tom mais baixo.
[...]
— Escute — falou o alemão, igualmente em voz baixa — eu não vim até aqui comprar pneus apenas para minha empresa. Estou aproveitando a viagem e adquirindo para outros clientes particulares, você me entende, não é?”* (p. 30)

O diálogo acima se refere à primeira tentativa de Lothar para obter o material necessário para o cumprimento de sua missão no Brasil, através de um simples comerciante de pneumáticos. O espião alemão mostra habilidade na tentativa de dissimular sua compra. É uma ação necessária, pois devido à existência de uma legislação que protege e destina aos EUA o excedente do consumo de borracha dentro do Brasil, comprar um

carregamento grande de pneus poderia revelar-se uma atividade subversiva; uma sabotagem de um sistema, de um esquema estabelecido entre os governos brasileiro e dos EUA.

Ao mesmo tempo em que Lothar é um personagem que assume o papel de espião, cercado de toda uma mitologia moderna que o enquadra na mesma categoria de um James Bond, por exemplo, ele não deixa de ser uma pessoa normal. É como se o narrador quisesse dizer que o espião é uma pessoa como outra qualquer, que tem à disposição as informações técnicas e ideológicas que a habilitam à função, mas que é susceptível a dramas e às necessidades cotidianas e familiares de qualquer um. Exatamente por isso que o próximo passo de Lothar no Brasil será, no meio das viagens que tinham como objetivo estabelecer contatos com outros espiões nazistas na fronteira com a Argentina, o de desviar o rumo para encontrar com seu irmão em Brusque, no Estado de Santa Catarina. Um encontro que agregará tensão à trama, em um local onde a influência nazista se fez presente, antes e durante a Segunda Guerra Mundial – em comissões organizadas de apoio ao III Reich.

Antes que Lothar dirija-se para Santa Catarina, é apresentado ao leitor o personagem inspetor Pereira, um policial gaúcho que recebe a missão de trabalhar ao lado de forças policiais norte-americanas instaladas dentro do Brasil. A presença americana e as suas atividades se devem às supostas atividades de grupos de alemães em defesa de interesses do plano de expansão germânico.

"O agente Emil O'Shaugnessy era, por sua vez, um 'cobra' do SIS e fora escolhido a dedo por (J. Edgar) Hoover dentre seus quatro mil agentes, atendendo a um pedido especial de Sumner Welles, o subsecretário de Estado. O diretor Hoover também queria comprovar uma idéia sua. Ele sabia, instintivamente, encontrar-se nos países da América do Sul - Argentina e Brasil, principalmente - o ninho onde os espiões nazistas eram "chocados" e tinham seus principais contatos, fontes de alimentação, locais de homizio e vias para chegar e sair do continente. Era por ali que eles penetravam nos Estados Unidos." (p. 43-44)

Enquanto O'Shaugnessy, agente americano escolhido a dedo pelo FBI, age nas regiões mais centrais do país, Pereira combate o crime no sul do Brasil. O brasileiro não parece compactuar das mesmas certezas nutridas pelo americano. O narrador nos apresenta a forma como o policial de 25 anos pensa com relação à criminalidade que ele tem como missão enfrentar:

"...bandido era quem matava, roubava, feria, furtava, abusava de mulheres, incendiava casas ou abandonava crianças ao relento. Os restantes, do tipo falsário, vigarista, contrabandista e caluniador, eram casos para serem examinados com vagar. [...] Onde

encaixar então, os agitadores nazistas? Em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, as chefias sabiam dessa relutância, mas na falta de um organismo especial de segurança eram compelidos a manter com a polícia judiciária a função de contra-espionagem." (p. 49)

Outro trecho, mais adiante, reforça a forma de Pereira pensar:

"Pereira não era dos que supunham que um cidadão, por ser de origem alemã, deveria ser necessariamente um nazista e, mais remotamente ainda, cedia à crença de que um nazista seria alguma coisa a mais do que um nazista, como um espião..." (p. 50)

Mas, enquanto Pereira não consegue julgar espiões com o mesmo rigor de seus colegas americanos, é revelado ao leitor que cidadãos teuto-brasileiros viviam sob uma rígida organização clandestina que tinha como principal objetivo servir de apoio às forças alemãs. A chegada (e retorno) de Lothar ao estado de Santa Catarina é marcada por observações que criam um cenário exótico mesmo para o leitor catarinense, acostumado com sua geografia e sua história.

" (...) Lothar chegou em Brusque, deixou sua mala no Hotel Gomes, alugou uma bicicleta e pedalou preguiçosamente por uma estrada tortuosa e poeirenta, em direção à casa do irmão, distante duas léguas da cidade. Brusque contava com uma ativa célula nazista funcionando, em rigorosa clandestinidade, e sob constante incentivo da direção estadual do IV Círculo do Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão, localizado em algum ponto ultra-secreto do vizinho município de Blumenau." (p. 59)

Esse mecanismo nazista instalado no sul do país, que para Lothar significa uma garantia de apoio para seu trabalho como espião, representa a desgraça de seu irmão, Walter. Politicamente identificado com os ideais da Schwarze Front - *"uma antiga dissensão entre lideranças do Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão"* (p. 73) -, este último encontra-se em profundo estado de pobreza quando da chegada do espião na cidade. Lothar estranha a situação do irmão e descobre que ela advém do fato dele não ter se submetido à política dos nazistas de Santa Catarina. Diz Walter:

"Eu quero ser conhecido como alguém que nasceu na pátria de Schiller, não na de Hess; na pátria de Goethe, não na de Göring; na terra de Mozart, não na de Goebbels. O meu führer moral é Carlos Magno que destruiu as hordas bárbaras muçulmanas e salvou a Europa, não Hitler, que lançou a barbárie contra a civilização. Eu sou um homem decente, Lothar" (p. 75)

Agindo sob este discurso, e negando obediência ao Partido Nacional-Socialista, Walter e sua família - composta de duas crianças e esposa (“... *nem Sabine, nem mesmo a mais estupenda das rainhas de beleza do III Reich chegariam perto daquela Mulher*” [p. 62], segundo Lothar) - são obrigados a sofrer um boicote imposto pela sociedade brusquense da época. Mesmo instado a fugir da cidade com ajuda financeira do espião, Walter nega-se a ir embora, “...*Não antes dos nazistas*” (p. 76), de certa forma complicando as coisas para Lothar, que não pretende, apesar de sua missão secreta, deixar seus parentes passando privações, ainda mais pelo fato de quando estas privações serem causadas exatamente por homens que deveriam estar do seu lado. A única maneira que ele vê para tentar retirá-los da penúria é intervindo em nome deles perante a máquina nazista local:

“No dia seguinte, trataria de encontrar alguém capaz de lhe promover um contato positivo com a célula local. Tinha de chegar até o kreisleiter, o supremo diretor do IV Círculo, na cidade vizinha, onde, se fosse preciso, identificar-se-ia como agente especial do SD e formularia um pedido ético-administrativo.” (p. 77)

Esta decisão leva-o diretamente a um dos homens mais poderosos de Brusque na época, o cônsul alemão Karl Renaux, a quem solicita um contato com “*Ernest Hirsch ou qualquer outro hierarca do Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão*” (p. 84), apresentando-se como “*o agente especial Lothar Winckler, do grupo D, VI Amt, do Escritório Central de Segurança do Reich, em operação determinada pelo próprio Reichführer Adolf Hitler*” (p. 85). A informação surte o efeito desejado, deixando o velho empresário empolgado por estar diante de um espião da Alemanha Nazista - “...*O Führer! ...Ele o mandou aqui?*” (p. 85) - e fornece a informação desejada.

Mas não é Lothar quem encontra Hirsch, e sim o contrário. Pego em uma armadilha, o espião é obrigado a utilizar seu treinamento para subjugar o grupo de nazistas enviados pelo homem que colocou seu irmão na miséria. A um deles, Lothar confessa apenas ser “*um funcionário do Reich*”, conquista sua confiança e atenção e o ameaça (assim como a todos seus partidários) caso acontecesse algo a Walter e sua família. A medida garante ao espião tranqüilidade suficiente para retornar à missão para qual, inicialmente, havia voltado ao Brasil, e toma rumo a São Paulo.

No sudeste, Lothar dá continuidade ao seu trabalho. Ele consegue convencer um comerciante paulista a participar de uma espécie de sociedade, cedendo um local para

armazenar os pneus antes de serem levados para a fronteira com a Argentina: “*Vá comprando e abarrote o galpão. Quando eu mandar o telegrama, embarque a mercadoria [...] Faça de conta que tudo é legal.*” (p. 106 - 107). As conversas que tivera com os nazistas de Santa Catarina haviam-no tranqüilizado um pouco com relação às pressões que seu irmão vinha sofrendo. “*Lothar procurou, a seguir, mas não encontrou nem sinal da sede secreta do Landesgruppe Brasilien que sabia localizar-se na cidade.*” (p. 107) A intenção era de que, mesmo na capital paulista, pudesse tomar uma atitude contra aqueles que prejudicavam sua família, mas “*Resolveu deixar o oferecimento da queixa contra Hirsch para outra oportunidade, de modo a não atrasar o serviço. Talvez o dirigente partidário tomasse consciência de seus erros e quiçá até abandonasse Brusque.*” (p. 107)

Os ataques de submarinos alemães no Atlântico Sul contra os navios mercantes brasileiros, no entanto, refreiam as atividades da rede de espionagem. Os ânimos das autoridades e da opinião pública brasileira ficam exaltados contra os alemães, e o risco do negócio de contrabando aumenta: “*...Pra te dizer a verdade, reparei que eles estão mobilizados por causa dos afundamentos dos navios mercantes deles. Acho que não aceitarão suborno*” (p. 113), diz Franz Grubber, alemão, integrante do esquema do contrabando de pneus na fronteira com a Argentina. Ele sabe que, com a necessidade de refrear as atividades referentes à missão, Lothar seguiria para Santa Catarina, a fim de resolver problemas pessoais. Tais problemas representam um motivo de atrito entre duas facções de nazistas em solo brasileiro, e isto poderia representar um risco, caso chamasse a atenção das forças policiais brasileiras. Por este motivo, Grubber, em conversa com outro membro da Ausland Organization (a rede de espionagem germânica que age fora de solo alemão), Siegfried Becker, tece comentários sobre as atitudes de Lothar Winckler:

“— Já o nosso amigo Winckler — tornou a falar o encarregado dos negócios — desviou-se, ao que parece, de sua rota e foi visitar um irmão numa cidadezinha no interior de Santa Catarina, onde aprontou uma pequena confusão envolvendo o diretório clandestino do NSDAP local, inclusive agredindo fisicamente aos nossos homens.” (p. 118)

Mas Becker, no entanto, obteve outras informações e surpreende Grubber com uma nova diretriz, que pode representar o assassinato de Lothar, caso os problemas de família que o espião fora resolver venham a representar risco à missão:

“— O irmão de Winckler é membro da frente Negra! - rosnou Becker.

*Grubber sentiu o sangue fugir-lhe do rosto.
 — Não-o sabia nada disso... O que vamos fazer?
 — Inicialmente, vigiá-lo — esclareceu Becker.
 — Só isso?
 — Por enquanto só. Qualquer anormalidade que seja registrada em relação a Winckler, você está desde já encarregado de executá-lo. Trata-se de uma necessidade.” (p. 119)*

Tal necessidade torna-se mais óbvia à medida que o plano ganha contornos mais definidos: “— Agora podemos dizer que o plano é factível, só não podemos deixá-lo esfarelar-se por conta de um agente amador que quer misturar problemas familiares com os negócios de Estado.” (p. 121) e por isso a decisão tomada pelos espões veteranos se transforma em uma ordem: “*Grubber chamou Becker para um lado e segredou: - Escreva a ordem de eliminação de Winckler, e mande alguém do SD (Sexto Departamento) fazer o serviço... Sabine, por exemplo! Ou então aquele fanático da Ausland, lá de Santo Ângelo, o tal Lowitz.*” (pág. 120) A sugestão de Grubber é acatada por Becker, que escreve em um papel a ordem de matar Lothar e o nome do agente que deverá realizar o assassinato.

Enquanto isso, em Santa Catarina, Lothar, isolado das articulações de seus colegas, não encontra muito o que fazer em defesa de sua família. Hirsch, o homem que prejudicara Walter, desapareceu. Teria se escondido em uma cidade vizinha, não antes de fazer queixas contra Lothar ao Partido. “*Se Lothar fosse realmente um agente do SD, então, só restava a Hirsch antecipar-se e lançar uma pá de lama na honorabilidade de sua família (p. 129)*”, posto que sua posição de espião do III Reich tornava-o uma figura quase intocável. A estratégia de Hirsch é difamar Walter por sua decisão de casar-se com uma católica, “*de ter abandonado o credo luterano e afiliado-se à Frente Negra, de desafiar continuamente os esforços nacionais socialistas e escarnecer publicamente da figura de Adolf Hitler*” (p. 129). Hirsch termina seu relatório acusando Lothar de uma conduta irregular:

“Assim — escreveu — estranhava especialmente a conduta de um funcionário alemão que além de vir em socorro do pilantra do seu irmão, andava espalhando tratar-se de um agente especial do Reich.” (p. 129)

O relatório de Hirsch circula pelas as mãos de todos os agentes do Abwehr sediados em Joinville, e “*transmitiram-no para o Rio de Janeiro, diretamente ao general Niedenfuhr, adido militar alemão acreditado tanto no Brasil quanto na Argentina*” (p. 129).

É Sabine que, ao encontrar Lothar em terras gaúchas com mais uma carga de pneus que está levando rumo à Argentina, “*preveniui-o sobre o estado de ânimo dos*

camaradas em Buenos Aires em relação a sua pessoa” (p. 130). Lothar não parece ficar abalado e agradece pela informação, acrescentando que estava inclinado a abandonar a missão, pois não gostava de *“trabalhar para quem não me dá apoio”* (p. 130). A expressão provoca em Sabine uma reação a qual mostra a Lothar como deveria comportar-se como espião:

“— As coisas não têm esta simplicidade Lothar - lembrou-lhe - a Alemanha está em guerra e ela não precisa demonstrar gratidão de espécie alguma. São seus filhos que devem ser-lhe gratos. Se abandonares o serviço agora, poderão tentar classificá-lo como um desertor, um traidor.” (p.131)

A espiã sugere que Lothar não tome mais nenhuma medida impensada contra Hirsch, mas que não deixasse as coisas como estavam. Para Sabine, o ideal seria que ele recorresse *“aos meios legais disponíveis, sem fazer barulho em demasia”* (p. 132), mas Winckler explica que já tentara estes meios, mas não conseguira nada, que o Partido não se havia posicionado. Por isso, o espião adverte a colega, afirmando que caso sua família sofresse mais nas mãos de Hirsch, viria a matá-lo pessoalmente. Sabine fica preocupada com a afirmação e começa a sentir *“que Lothar não era um bom nazista. Faltava-lhe um certo ânimo, uma ponta de convicção”* (pág. 134). Ao mesmo tempo em que demonstrava fibra e coragem para cumprir a missão, não era fiel aos princípios nacionais como deveria um espião ser - *“provavelmente todos aqueles anos passados entre os brasileiros o tivessem amolecido”* (p. 134), foi na verdade, o que pensou Sabine.

Apesar dos dramas paralelos, a missão continua e as primeiras toneladas de pneus partem para a Alemanha através de um navio cargueiro dinamarquês batizado de Catamarca. O negócio estava funcionando bem e Lothar era uma das peças mais eficientes dentro do processo de contrabando.

“Lothar era o mais indispensável de todos os operacionais envolvido com o projeto dos pneus. Ele comprava, ele transportava, ele simulava negócios, escondia caminhões e estoque, detinha as contas bancárias e agora, em razão de sua grande coragem pessoal [...] iria dar segurança aos contrabandistas brasileiros quando estes comessem a agir por conta própria nas cotas do rio Uruguai. Se Lothar fosse embora, o programa corria o risco de sofrer um atraso de seis meses.” (p. 141)

Becker não achava que a operação corria riscos somente com a partida de Lothar, mas também com a morte do espião. *“Nem pensar”, arrepiou-se Becker, voltando*

atrás em seus propósitos. Se os pneus jorrassem na Alemanha, ele seria promovido a major” (p. 141). Desta forma, a vida de Lothar estaria em risco - devido aos eventos de indisciplina partidária ocorridos em Brusque – no caso da operação dos pneus resultar em fracasso: *“Qualquer medida definitiva referente a Lothar (...) só deveria ser tomada diante das seguintes circunstâncias: o eventual fracasso do ‘Operativo Goma’ em virtude dos problemas provocados em Brusque”* (p. 141), considerava Becker, ou *“após o embarque da segunda carga do Catamarca, já que depois disso, o agente perderia seu valor”* (p. 141).

O sucesso da primeira carga excita o contrabandista paraguaio Aloguio Lavalle, que passa a se dedicar, como Lothar, à compra dos pneus. Apresentado por Grubber ao paraguaio, Lothar, com informações que Sabine consegue com um oficial do Exército Brasileiro, adverte-o sobre os pontos da fronteira menos guarnecidos, os locais ideais para passar as remessas da mercadoria.

No entanto, como Sabine começa a ser investigada por Pereira, o risco das informações ficarem cada vez mais raras exige da espã uma atitude. Aproveitando-se de sua beleza física, seduz um juiz para pressionar o policial a deixá-la em paz. O investigador, que usara um ladrão comum para provocar um incidente com a advogada, simulava investigar um caso de roubo no quarto de hotel da espã, enquanto, na verdade, desconfiava de suas atividades no Brasil, e para isso quis ter em mãos algum objeto ou documentos que poderiam estar em seu quarto.

“— Como está o caso da doutora Sabine?

— Estamos investigando...

— Acho que não - atalhou o juiz - pelo que nos consta o senhor anda bisbilhotando a vida da pobre moça ao invés de cumprir com a sua obrigação.” (p. 143)

O juiz encerra sua observação afirmando que o policial estaria, “a partir de agora [...] terminantemente proibido de vigiar a moça” (p. 143) A atitude faz o policial perder o ânimo, facilitando o trabalho dos espões nazistas, enquanto, do outro lado do mundo, o resultado do bom andamento da operação dos espões nazistas em solo brasileiro requer uma nova atitude do Reich. Com o aumento da quantidade de pneus a serem enviados para a Alemanha, seria preciso encontrar um meio de fazer o pagamento de toda a mercadoria, e um dos problemas que a Alemanha atravessava na época era a falta de liquidez, aliada a uma crescente desconfiança do mercado financeiro com relação ao reichmark. Utilizar o ouro resultante de pilhagens de áreas ocupadas (e de judeus aprisionados) foi a solução. E para

levar esta preciosa carga - derretida e transformada em barras - é designado o comandante Friederich Guggenberger, estaria à frente da tripulação do submarino U-513. Ele recebe uma ordem do alto comando:

“De ordem superior, o comandante do U-513 em sua aparente missão exploratória deverá transportar carga de valor a ser entregue a autoridades consulares na Argentina. Um oficial encarregado de escoltar a sobredita carga viajará a bordo, com o conhecimento do Grande Almirante Karl Dönitz e determinação do Reichführer SS Heinrich Himmler” (p. 169)

Uma verdadeira operação secreta. O que oficialmente seria uma simples missão militar para averiguar as linhas de defesa do Atlântico Sul fazia parte de um grande esquema de espionagem. Titubeante, Guggenberger, como militar que respeita a hierarquia, aceita a missão e embarca no U-513. Junto com ele, embarca um misterioso passageiro, também militar, o capitão Wolfgang Rastner. Sua missão, além de entregar o ouro a salvo na Argentina, é a de convencer Guggenberger a desembarcar em solo brasileiro para mostrar, aos cidadãos teuto-brasileiros, “que nossos soldados continuam podendo entrar e sair mesmo de um galinheiro ianque” (p. 212), segundo palavras do próprio Rastner.

Enquanto isso, no Brasil, Pereira, mesmo após acuado por um juiz para deixar Sabine em paz, é levado, pelos fatos, a tomar uma atitude em relação à espia. Se de um lado a Brigada Militar, com menos homens e menos recursos, regularmente prende traficantes de pneus na fronteira, o Exército, “contando com bem planejadas e discretas patrulhas, não lograva o mesmo êxito. Aliás, não obtinha sucesso algum” (p. 177). O investigador Pereira sabia o motivo: os encontros às escondidas entre um capitão chamado Apolinário, do Exército Brasileiro, com Sabine Lauer. “Apolinário, ou era um traidor, ou era uma besta falante sendo habilmente manejado por uma espia” (p. 177), sugere o narrador, mas não mostra exatamente o que Pereira imagina. Seu faro o leva a crer que há algo de errado com a linda européia:

*— Lembra aquela advogada bonita... a estrangeira?
— Claro. [...]
— O senhor acredita que ela seja mesmo uma norueguesa?
— Não tenho razões para crer ao contrário. E o que seria o contrário?
— Advinha, delegado.
Ivens Pacheco pensou um pouco.
— Diga você — ordenou.
— Uma contrabandista argentina!”* (p. 179)

A suspeita de Pereira vem das investigações que ligam Sabine com o submundo do contrabando na fronteira entre o Brasil e a Argentina. O policial não pode imaginar uma relação entre o contrabando na região e espionagem nazista. O delegado Ivens Pacheco contribui para as investigações, entregando para Pacheco um envelope timbrado do DOPs (Delegacia de Ordem Política e Social) com uma ordem de prisão para um dos suspeitos que se relacionava constantemente com Sabine: Oscar Lowitz. O documento era claro:

“...residente atualmente na comarca de Santo Ângelo, neste Estado, procurado por ter ingressado ilegalmente no país e suspeito de espionagem em favor do Governo alemão...”
(p. 182)

Com os registros de testemunhas alegando terem visto Lowitz entrando em contato com Sabine, Pereira sai em busca do primeiro. Não o encontrando, requisita a suposta advogada para uma acareação. Ele quer deixá-la confusa para tentar provocar uma falha em seu disfarce, pois ainda não sabe do que se trata. Como não pode prendê-la sem motivo, libera a mulher, que encontra, logo em seguida, com Lowitz. O espião está fugindo para a Argentina.

Enquanto Sabine conversa com Lowitz, Pereira pressiona o capitão que ela seduziu. Ele tenta negar envolvimento com a espiã, mas não consegue. “Consciente das bobagens que fizera e por conseqüência, disposto a desataviar-se um pouco daquele sentimento de culpa” (p. 200), o capitão decide participar de um estratagema para acuar a espiã e fazê-la denunciar seus colegas. O plano dá certo parcialmente, resultando na fuga de Sabine, que se refugia em Santa Catarina, tentando encontrar-se com Lothar.

Apesar de não conseguir capturar Sabine, Pereira encontra, na casa de Lowitz, que está sob custódia da polícia, uma documentação criptografada. Como não tem a tecnologia necessária para decifrar o que há escrito no papel, decide levá-lo para seus colegas norte-americanos, a equipe do FBI instalada em Porto Alegre. De lá, o documento é enviado para o Rio de Janeiro, de avião. Decifrada, a mensagem nazista continha instruções para os espiões nazistas sediados no Rio Grande do Sul eliminarem Lothar Winckler, caso ele insistisse em sua vingança contra Hirsch, em Brusque.

A informação é suficiente para levar Pereira direto para Santa Catarina, onde ele imagina que Sabine e Lothar, de quem ele ainda não tinha a menor idéia de quem

fosse, deveriam estar. Antes, faz uma parada em Florianópolis, onde ele recebe apoio irrestrito da Polícia Militar e do DOPS, sob recomendação do próprio FBI:

“O capitão Lara Ribas tinha um telegrama escondido em sua gaveta, prevenindo-o a propósito da chegada do inspetor Pereira. Referia-se a ele como um policial incansável, honesto e dotado de invulgar capacidade investigativa, sendo portanto, merecedor de toda a atenção e apoio.

Estava assinado por ninguém menos que Emil O’Shaughnessy” (p. 219)

Tal apoio vem em forma de pessoal e armamento pesado. Agora Pereira tem certeza de que não está lidando com um grupo de simples contrabandistas.

Concomitantemente, no U-513, que se aproxima da costa brasileira atacando todos as embarcações com as quais cruza o caminho, é recebida uma mensagem de rádio em código. Ela indica a data e o local onde o comandante Guggenberger deve desembarcar no litoral catarinense.

Quem recebe a incumbência de preparar a recepção de Guggenberger em solo catarinense é exatamente Ernest Hirsch, por quem Lothar Winckler nutre um desprezo especial. *“Seria a maior festa nacional-socialista de todos os tempos em Brusque, e se desse tudo certo, deveria ser repetida em Blumenau, em Joinville e outros lugares”* (p. 221), pois se tratava de trazer à presença dos cidadãos teuto-brasileiros simpatizantes do III Reich um verdadeiro herói nazista, *“famoso ‘ás’ dos submarinos, o homem que havia posto a pique um porta-aviões inglês e que recentemente recebera uma condecoração de Adolf Hitler”* (p. 220).

A reunião estava marcada para ocorrer em uma casa situada em um ponto isolado no município litorâneo de Porto Belo, o que facilitaria sobremaneira a movimentação dos convidados especiais Guggenberger e Rastner. *“Cada cidade onde o partido mantinha uma célula ativa, mandaria um representante e uns vinte outros convidados dali mesmo, teriam a honra de receber um convite, mas só na última hora, para evitar vazamentos e possível batida policial”* (p. 221).

Um dos convidados especiais da região era o cônsul Karl Renaux, a já mencionada liderança política em Brusque. Exatamente a quem Sabine procurara para acabar com o boicote feito a seu irmão de Lothar. Renaux propõe uma troca: sentindo-se responsável pela estadia de Guggenberger em solo catarinense, e por não confiar em Hirsch, aceita ajudar Walter Winckler caso Lothar e Sabine se dispusessem a *“dispensar uma proteção profissional ao comandante”* (p. 231):

“Não podemos permitir que uma simples ação de propaganda vire um fiasco e uma vida brilhante venha a se perder.

[...]

— Quero de você, a promessa que um, ou os dois estarão com o comandante Guggenberger desde seu desembarque até sua volta ao navio” (p. 231)

Como Sabine responde positivamente, Renaux ajuda-a a comprar o moinho que havia sido tomado do irmão de Lothar e o devolve ao dono original. Felizes com o desenlace do drama familiar, Lothar e Sabine vivem um momento de romance e planejam um futuro juntos, após o fim da missão de guarda-costas a eles atribuída por Renaux.

Entrementes Pereira está em Brusque, em vigília com sua equipe, acompanhando todo o movimento de nazistas para a reunião com o herói submarinista. Suas investigações em torno da presença de Lothar levam-no até Zimbros, município próximo de Porto Belo. *“O que Lothar Winckler queria realmente ver”* (p. 244) em Zimbros?, perguntava-se Pereira, após ouvir de um motorista de táxi que o agente alemão dissera que estava interessado em comprar um terreno no local. *“Existem outros lugares com terras baratas e estradas melhores”* (p. 243), continuou Pereira, desconfiado. Ele começava a se convencer de que alguma coisa deverá acontecer naquele local.

Antes de chegar à orla de Porto Belo, o U-513 ataca mais um navio norte-americano, desta vez o Richard Caswell. Se Guggenberger pudesse saber que seria exatamente o ataque que terminaria por facilitar a sua localização pela Força Aérea dos EUA, dias depois, não teria ordenado o lançamento dos torpedos que afundaram o navio. Mas ele não tinha como saber disso e foi adiante, encontrando um local seguro para deixar o U-513 e dirigir-se ao solo brasileiro.

Chega a véspera da reunião. Na Delegacia de Polícia de Brusque, é deixado um bilhete anônimo com as inscrições *“Eles todos irão se encontrar amanhã à noite”* (p. 252), o que leva um policial local a falar para Pereira que *“parece que há um traidor entre esses alemães”* (p. 253). Ainda concentrado em caçar Sabine, Lothar e outras pessoas que julga serem contrabandistas, Pereira decide que farão um cerco ao local que os espões haviam visitado em Zimbros.

O U-513 é conduzido habilmente *“numa lâmina de apenas cento e cinqüenta pés de espessura e nenhuma manobra evasiva poderia ser realizada a contento naquelas circunstâncias”* (p. 256), para que Guggenberger e Rastner possam ser deixados o mais próximo possível da praia. *“Os homens a bordo, por mais experimentados que fossem,*

estavam com os nervos à flor da pele" (p. 256), pois eram alvos fáceis para um ataque. Sob um clima de tensão, os nazistas chegam à terra firme, onde eram aguardados por Hirsch e mais quatro homens - um deles é Lothar.

Os militares são levados à casa, onde aproximadamente 50 simpatizantes do partido aguardam-nos. São citados nomes de famílias importantes que estiveram no local, naquela data:

"Nomes ilustres das melhores famílias alemãs estavam presentes: Freitag, Kleine, Hennings, Taubner, Spiewek, Vogel, Clauss, Weimann, Steppat, Gosch, Woltmann, além de integralistas brasileiros e italianos especialmente convidados, como Oliveira e Cervi." (p. 259)

A reação desses convidados diante dos símbolos do III Reich (o hino alemão e as saudações nazistas são executados) chega a emocionar Guggenberger. Ele parecia não poder esperar *"aquela gente, de tão longe, comportando-se com mais dignidade e empenho do que alemães residentes na velha pátria"* (p. 260). Os oficiais, no entanto, são obrigados a deixar a festa (que havia começado como um encontro político) quando Lothar demonstra preocupação e deixa o interior da casa para averiguar a situação. Na volta, é interpelado por Guggenberger:

*"— O que há, agente especial? — indagou.
— Pode ser bobagem minha, comandante...
— Não! — considerou o marujo — pode ser também o sexto sentido do caçador dando um aviso. O que há, afinal?"* (p. 261)

A mera desconfiança de Lothar é o suficiente para demover o comandante da idéia de permanecer no local, mas Hirsch convence Rastner a ficar para agradar aos partidários, *"pois do contrário, a solenidade chegaria prematuramente ao fim"* (p. 261). Guggenberger e Rastner concordam, combinam um reencontro em alto-mar, no dia seguinte e o primeiro segue até a praia com Lothar, de volta ao U-513.

Após deixar o submarinista à orla, embarcado no bote que o levaria ao submarino, o espião retorna à casa onde acontecia a festa e depara-se com a força-tarefa de Pereira pronta para invadir o local. Inicia-se, então, um confronto à bala. Rastner sai ferido, enquanto Lothar e um policial tombam mortos. O militar nazista é preso e levado a um hospital. De volta a Brusque, Pereira invade o hotel onde está Sabine e dá voz de prisão.

“Por ela ficaram sabendo que Grubber e Lowitz jamais planejaram vir para aquela cidade” (p. 266). Pereira conta para Sabine que Lothar Winckler fora morto no tiroteio, e a espiã “rompeu num choro baixo e contínuo. Pediu licença para abrir sua bolsa e dela retirou um pequeno papel”, p. 266. Antes que os policiais pudessem impedi-la, Sabina rasga-o:

*"Era a cópia da ordem emitida pelo Capitão Siegfried Becker, tantas vezes desobedecida, determinando que eliminasse o único homem que realmente amara em toda a sua vida [...]
O drama, em terra, tinha terminado."* (p. 266)

No momento em que Walter Winckler recebe a notícia da morte do irmão, que tanto se arriscara para ajudá-lo, “o californiano Roy Sheldon Whitcomb [...] empurrou as manetas para diante e os dois potentes motores radiais Wright-Cyclone com 1.900 hp rugiram e fizeram o avião de alumínio estremecer” (p. 268). Era o hidravião Martin Mariner 74P5, cujo capitão, Whitcomb, o autor Telmo Fortes entrevistou pessoalmente para escrever *UVLC*, decolando para ir de encontro ao U-513, nas proximidades de Porto Belo. Sem que soubesse da prisão de Rastner e do destino do espião que ficara responsável por protegê-lo e levá-lo para bordo do submarino, Guggenberger seguia o planejado na noite anterior. “Não pretendia mexer-se dali enquanto não recuperasse Rastner. Depois rumaria direto para Buenos Aires” (p. 270), onde deixaria o colega militar e toda aquela carga de ouro enviada para custear as remessas de pneus. Os planos de Friederich Guggenberger, no entanto, começam a dar errado quando:

"Whitcomb esquadrinhou a superfície do mar e divisou-o, acinzentado e com riscos de ferrugem no casco decorrentes dos meses no mar. 'É ele' - disse para si mesmo, ao mesmo tempo em que sentia a adrenalina espalhar-se até pelas unhas" (p. 269)

Ao avistarem o avião em vôo rasante, os militares a bordo do U-513, que estava emerso para o provável resgate de Rastner, iniciam um combate em superfície. “Foi tudo em vão... Os marinheiros assistiram horrorizados quando seis bombas desprenderam-se do bojo do avião” (p. 271).

Com riqueza de detalhes, é descrito o momento em que o submarino é atingido pelas bombas lançadas pelo avião norte-americano, vindo afundar sob as coordenadas “27° 17’ de latitude e 47° 32’ de longitude” (p. 272). Segundo as informações que constam de um capítulo acrescentado ao último, sete homens sobreviveram ao ataque

aéreo, sendo um deles o próprio capitão Karl Friederich Guggenberger. São dados históricos levantados pelo autor, em suas pesquisas.

Sabine Lauer foi condenada pelo Tribunal de Segurança Nacional a seis anos de prisão, enquanto Rastner, a 35 anos, por espionagem com violação do território nacional e homicídio (ele é responsável pela morte de um policial no tiroteio de Porto Belo). Guggenberger foi tratado inicialmente no Rio de Janeiro, após ser resgatado do naufrágio do U-513, mas foi extraditado para os EUA. Logo após a guerra, voltou para a Alemanha. Quanto ao submarino U-513, com a informação sobre seu destino, o romance é concluído:

"O Lobo Cinzento, e a sua guarda fúnebre de quarenta e um valentes marujos, vigiam em silêncio um pequeno tesouro no frio e escuro fundo do Atlântico Sul. Será?" (p. 275)

Em busca da receita do bolo

“... o tradutor deve almejar o objetivo de proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tais como a leitura da obra na língua original oferece ao homem formado de tal maneira que gostaríamos de chamar, no melhor sentido da palavra, de admirador e conhecedor.”⁷

Para respondermos à pergunta se *UVLC* é um romance de espionagem, precisamos encontrar, primeiro, respostas para dois outros questionamentos: Existe um gênero com este nome⁸? Se existe, como podemos identificá-lo através de uma análise de elementos que sejam comuns a duas ou mais obras consideradas do gênero? No capítulo anterior fizemos uma leitura do texto de Telmo Fortes e encontramos uma tendência à valorização do tema “espionagem”. Procuramos deixar claro que será preciso buscar fontes para dar crédito a essa constatação, mostrando que determinados elementos fazem diferença em relação a outros gêneros e são capazes de atribuir uma autonomia à narrativa em questão.

Como ponto de partida, tomaremos duas referências encontradas em enciclopédias, a *Enciclopedia della Letteratura*⁹, que aponta a existência de uma Ss, como uma ramificação do romance policial que ganhou autonomia por “*alcançar características originais*”¹⁰. Outra fonte, a Wikipedia, enciclopédia eletrônica disponível na internet¹¹, aponta a existência de um gênero chamado Spy Fiction (SF), “*algumas vezes chamado de thriller político*”¹². Dele fala que “*desde sua inserção o gênero sempre desfrutou de grande sucesso popular, mas raramente encontrou a aclamação crítica*”¹³.

Tanto a definição de Ss e a de SF coincidem em praticamente todos os pontos e, por isso, utilizaremos aqui apenas o termo Ss, por ser oriundo da fonte mais palpável

⁷ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Tradução*, in *Clássicos das Teorias da Tradução*, Volume 1, alemão-português, UFSC, NUT, Florianópolis, 2001, p. 49.

⁸ Encontramos, ao longo de nossa pesquisa, raras citações ao gênero de espionagem em obras brasileiras. A mais extensa é de José Paulo Paes em *A Aventura Literária Ensaio Sobre Ficção e Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.22-23: “*O nexos ideológico com os interesses colonialistas nem sempre é imediato ou ostensivo no romance de aventuras. O mesmo não se pode dizer no romance de espionagem, seu sucessor histórico, para Tzvetan Todorov, que fala no ‘relativo desaparecimento do romance de aventuras’ nos dias que correm e na ‘sua substituição pelo romance de espionagem’.* Tanto o espião como o agente de contra-espionagem que protagonizou esta última modalidade de ficção estão sempre a serviço de uma potência em guerra declarada ou virtual com outra e são por elas estipendiados. A radicalização ideológica consequente à Guerra Fria só fez aumentar a tendência maniqueísta do romance de espionagem, onde tudo é lícito na luta entre o Bem (nosso) e o Mal (deles), muito embora comecem a surgir tentativas de superar o maniqueísmo por via de uma visão as mais das vezes niílista das ideologias e dos que as servem profissionalmente”.

⁹ Milão: Editora Garzanti, 1999, p. 1.017.

¹⁰ *Enciclopedia della Letteratura*, Milão: Editora Garzanti, 1999, p. 1.017.

¹¹ site www.wikipedia.com, ver *spy fiction*.

¹² “sometimes called political-thriller”, *ibid*.

¹³ “since its inception the genre has always enjoyed great popular success, but has rarely met with critical acclaim”, *ibid*.

(a *Enciclopedia della Letteratura*). Partiremos do princípio que tal gênero existe – apesar das raras referências disponíveis em bibliografia no Brasil. Não obstante, tomaremos como referências, inicialmente, as duas enciclopédias apenas para guiar-nos em um percurso no qual tentaremos comprovar a autonomia da Ss.

Como já foi dito, segundo a definição da *Enciclopedia della Letteratura*, a Ss teria surgido através de um desmembramento do romance policial e, com sua evolução, estabelecido uma série de características que fundamentaram, para si, uma identidade específica. No entanto, é senso comum atribuir a James Fenimore Cooper o pioneirismo em utilizar a espionagem como tema literário, com seu *O Espião*¹⁴, de 1821. O contexto desta obra¹⁵ é o do final das hostilidades entre os Estados Unidos da América e a Inglaterra, com o término da Revolução Americana, que marcou a independência daquele país, em 1776. Na época, o espião, que dá nome ao livro, já é tratado “*sem as conotações infamantes inerentes ao termo*”¹⁶.

Mesmo considerando *O Espião* uma Ss pioneira¹⁷, escrita em uma época¹⁸ em que os códigos do gênero ainda não estavam estabelecidos e sedimentados, é possível encontrar no livro de Cooper características que a enquadram entre as Ss atuais.

¹⁴ *The Spy: A Tale Of a Neutral Ground*. COOPER, James Fenimore, 1821.

¹⁵ Otto Maria Carpeaux, no volume IV de *História da Literatura Ocidental* (1962), trata de Cooper como um dos maiores representantes do romance histórico nos Estados Unidos: “A afirmação parece ser paradoxal aos que consideram o grande romancista americano só como criador do ‘indianismo’ (...) Com efeito Cooper era saudosista, mas sempre da mesma maneira, de modo que os contemporâneos e a posteridade não conseguiram unificar os aspectos diferentes da sua obra. Para os contemporâneos, Cooper foi sobretudo o romancista do *Spy*, primeiro romance marítimo, à maneira de Walter Scott, e o historiador da marinha de guerra dos Estados Unidos. Só nessa qualidade lhe retribuíram elogios entusiasmados; e, com efeito, Cooper soube evocar com força poética os feitos dos marujos na guerra da Independência, com poesia evocativa, porque a grande época da marinha americana, então, já pertencia ao passado (...) Cooper é o romancista da ‘fronteira’, no sentido em que Turner a definiu como motor de expansão democrática do país para o Oeste. Mas Cooper, pertencendo a família de ‘terrariantes’ meio feudais, não viu com agrado essa expansão. Suas simpatias voltaram-se para o índio e o pioneiro, expulsos pela civilização urbana e pelo policiamento da ‘fronteira’; e assim o ciclo dos romances do pioneiro Natty Bumppo transformou-se em ‘Amadis’ americano, novo romance de cavalaria, forte na evocação poética, fraco no que diz respeito à caracterização dos personagens (...) É esse papel de Cooper na história literária do século XIX, como criador do ‘indianismo’.” *História da Literatura Ocidental* (1962), p. 1743-1744. Com Alfredo Bosi, em *A História Concisa da Literatura Brasileira*, a ligação entre contextos de Cooper e Alencar fica ainda mais clara: “O Brasil ideal de Alencar seria uma espécie de cenário selvagem onde, expulsos os portugueses, reinariam capitães altivos, senhores da barra e cutelo rodeados de sertanejos e peões, livres sim, mas fiéis até a morte” (pág. 153). E é José Paulo Paes quem afirma, em *A Aventura Literária*, que “...Alencar não abjurou de toda a literatura de entretenimento. Num texto autobiográfico intitulado *Como e por que sou romancista*, lembra ele, entre outras coisas, a influência exercida sobre sua vocação pelos serões de família (...) mais tarde apaixonou-se por Fenimore Cooper, de cuja influência há traços em sua obra”, p. 33.

¹⁶ *Enciclopedia della Letteratura*, Milão, Garzanti, 1999, pág. 1.017.

¹⁷ Em *The Spy Story*, Cawelti e Rosenberg afirmam que “Cooper é o primeiro verdadeiro romancista de espionagem – que é, o escritor do primeiro romance de espionagem – porque ele viu aquilo que escritores mais recentes tiveram que descobrir, que o espião interage no limiar, na terra de ninguém; e ele, Cooper, foi capaz de imaginar e de expressar o que era existir lá e descrever a relação de regiões limítrofes para aqueles que interagem em sociedades estruturadas, standartizadas” (“Cooper is the first real spy novelist – that is, the

Em *O Espião*, James Fenimore Cooper urde uma trama de espionagem no final do século XVIII, durante a guerra da Revolução Americana contra a Inglaterra. Na história, temos Harvey Birch, um mascate que todos os habitantes da região de Nova York sabem ter sido contratado pelos ingleses para fornecer informações sobre as movimentações das tropas revolucionárias. O capitão Lawton é o oficial destacado para capturar Birch morto ou vivo (para levá-lo diretamente à forca). Ele encontra a família Wharton, que usualmente compra produtos oferecidos pelo mascate-espião. Os integrantes da família Wharton são:

- duas irmãs que discordam sobre qual partido da guerra deve vencer;
- o pai, dividido por viver em solo americano e ter um filho lutando do lado dos ingleses;
- o filho, que movido por amor fraternal e filial, arrisca-se, em uma visita aos seus familiares. Por ser pego em terreno inimigo, é considerado injustamente espião e, assim, condenado à morte.

Cooper reúne estes e outros personagens em uma trama que alterna ações de guerra, romance e espionagem, terminando o livro com a libertação do jovem Wharton das acusações e mostrando que Harvey Birch era, como a maioria dos personagens julgava, um espião. Mas não um espião a serviço da Coroa britânica, e sim um agente secreto que agia motivado pelo amor ao novo país e que lutava por sua liberdade. Por isso, Birch arriscava a vida perfilando ao lado dos ingleses para roubar-lhes os segredos e entregá-los diretamente ao general George Washington. E é das mãos do herói da Revolução Americana que Birch recebe, no final da história, uma carta que afirma, à posteridade, o quão patriota havia sido. Como se este reconhecimento oficial do comandante da revolução não bastasse, Birch encerra

writer of the first spy novel – because he saw what recent writers have to had to discover, that the spy dwells in liminality, in noman’s land; and he, Cooper, was able to imagine and to express what it was like to exist there and to describe the relation of liminal regions to those who dwell in the mainstream in ordered, structured society”), p. 36.

¹⁸ Sobre a época da feitura de *O Espião* por Cooper vale retomar considerações de Carpeaux sobre o caráter político/ideológico de contemporâneos como Balzac e José de Alencar, como uma forma de ligá-los em uma mesma “rede” ideológica: “Balzac (‘que comparava Cooper com Homero’ i.e.) era reacionário político e social (...) e a atitude de Cooper não era muito diferente. Sob o mesmo contexto histórico, no Brasil José de Alencar produzia sob a mesma ótica indianista: “No sul do continente, as ‘elites’ que tinham conquistado a Independência das novas repúblicas, não eram de descendência puramente européia; procuravam uma nobreza não-européia como predecessora ideal”. Eis porque o brasileiro José de Alencar, político conservador, autor do notável romance scottiano *As Minas de Prata*, idealizou em *O Guarani* e *Iracema* os índios da sua terra”, p. 1745-1746.

sua vida em um combate, como soldado – o que seria, na época da escritura do livro, uma forma mais honrada do que morrer como espião.

Dois trechos extraídos do texto de Fenimore Cooper comprovam como a figura do espião era vista pela sociedade da época – início do século XIX. O médico da companhia comandada pelo capitão Lawton – a quem fora atribuída a missão de capturar Harvey Birch – criticava a forma como seu comandante manjava o sabre em batalha:

*“— Estou tão certo que este homem foi morto pelo capitão Lawton como se eu próprio o tivesse visto dar o golpe. E no entanto quantas vezes já lhe indiquei os meios de pôr um adversário for a de combate sem lhe destruir os princípios da vida! É uma crueldade agir deste modo para com a raça humana e, aliás, é tratar a ciência com pouco respeito; é querer não deixar-lhe nada para fazer.”*¹⁹

Mas o mesmo doutor, que apresenta tanta compaixão para com o inimigo em combate, expressa tais idéias sobre a pena condizente a alguém acusado do “crime” (o grifo é meu) de espionagem: “- Se tenho algum desejo que seja contrário ao prolongamento da vida humana, é ver esse tipo (Harvey Birch, o espião) enforcado”²⁰. O discurso do personagem pode ser orientado pelo fato de Birch ser considerado inimigo dos americanos (não somente inimigo, mas um traidor). Mas é o próprio Birch quem se lamenta. Ele afirma que “os que na guerra pilham e matam são honrados e recompensados, os que servem o seu país fiel e honradamente como espiões vivem desprezados, ou são enforcados sem misericórdia...”²¹. Independente do lado de quem se observe os conceitos acerca da espionagem, sempre existem referências à atividade como um crime. Seja o doutor Stelgreaves ou o capitão Wharton – americano, sim, mas fiel à coroa britânica – desprezam o espião. O último diz, sobre a acusação que pesa sobre sua cabeça:

*“— Senhor Birch — interrompeu Wharton indignado — esquece-se que nunca desempenhei o desprezível papel de espião. Sabe bem que é uma acusação falsa e caluniosa”*²²

Falsidade e calúnia. Dois itens que, para o soldado, são artifícios que o espião utilizaria para não enfrentar o combate com a coragem que se exige como premissa básica de um militar. Se Birch o ajuda a fugir da força – ainda desempenhando o papel de

¹⁹ COOPER, J. F. *O Espião: Um Episódio da Guerra da Independência*, O. Pierre, Rio de Janeiro, 1978, p. 95.

²⁰ *Ibid.*, p. 135.

²¹ *Ibid.*, p. 310.

²² *Ibid.*, p. 310.

espião britânico – a atitude serviria para garantir-lhe mais uma vez a oportunidade de entrar em combate e, assim, arriscar a vida por uma causa que considera justa. O homem da época julgaria, como sugere Cooper através do comportamento de seus personagens, que ao espião cabe assumir uma postura traiçoeira e, quando sua posição é descoberta e a justa pena de morte é atribuída ao seu crime, tenta fugir covardemente.

Diante de um preconceito tão profundo acerca do papel do espião, o narrador pretende fazer com que Birch, o agente duplo, seja admirado, de alguma forma, pelo leitor. É ele quem salva o capitão britânico da forca. É ele quem evita matar, quando tinha a possibilidade, seu perseguidor, o capitão Lawton, o mesmo homem que, com seu sabre, nunca desferia golpes que apenas ferissem o inimigo. É Birch quem se nega a receber dinheiro por seu trabalho – a recusa é feita diante do próprio general George Washington, o único homem que conhecia seu verdadeiro papel naquela guerra. Porque não é dinheiro que o espião de Cooper almeja, mas sim um pedaço de papel que possa ler, no futuro, quando, cansado de viver sob o peso de seu papel de espião, tenha um pouco de alento. O texto contido no referido bilhete é revelado somente na última página do romance:

“Razões políticas da maior importância, e que interessam ao destino e à vida de várias pessoas, obrigaram a guardar segredo até este momento do que agora vai ser revelado. Harvey Birch foi sempre um servidor fiel e desinteressado da pátria. Que Deus lhe dê a recompensa que não recebeu dos homens! G. Washington”²³

Resta, diante do bilhete que Birch tinha em uma das mãos após ser morto em combate como um soldado, um certo constrangimento. Se o papel de espião era considerado vil e desprezível por qualquer um dos lados, por que George Washington é tão solene e agradecido ao defender o espião? Podemos considerar que já existiria em *The Spy*, uma preocupação do autor²⁴ em modificar a forma como a sociedade enxergava a figura do espião? Cawelti explica que: *“A tradicional imagem do espião era aquela de traição e ganância – as treze peças de ouro de Judas – a esta persistiu por séculos”²⁵*. Mas quando

²³ Ibid., p. 310.

²⁴ Cawelt e Rosenberg sugerem, na página 37 de *The Spy Story* que *“Cooper não escolheu para desenvolver a figura do espião futuramente, talvez porque o comerciante de peles parecia um símbolo de herói da cultura americana muito mais importante. Ele deve ter sido influenciado também pelo tradicional ânimo contra espões como traidores e mercenários”* (*“Cooper did not choose to develop the figure of the spy any further, perhaps because the Leatherstocking seemed a much more important symbolic hero of American culture. He may also have been influenced by the traditional animus against spies as traitors and mercenaries”*).

²⁵ *“The traditional image of the spy was one of treachery and greed - Judas's thirty pieces of silver - and this persisted for centuries”*, CAWELTI, ROSENBERG, op. cit., p. 37.

Birch recusa o dinheiro oferecido por Washington, é provavelmente uma forma que Cooper encontra para negar que todo espião poderia ser considerado um mercenário:

*“Mesmo no início do século XIX, supunha-se que Napoleão tenha dito, quando perguntado por que não havia premiado com a Legião de Honra seu grande espião-mestre Schulmeister, ‘Ouro é a melhor recompensa para um espião’”*²⁶

E Birch não aceita o dinheiro como forma de pagamento porque atuou como espião movido puramente por patriotismo. Analisando os espiões que viriam seguindo a trilha iniciada pelo protagonista de Fenimore Cooper, Bleton, conclui que a motivação do espião na Spy story é o amor à pátria, pelo qual, *“segundo a premissa originária do gênero, os fins, justificam os meios”*²⁷. O mesmo afirma Umberto Eco, quando avalia o que faz de 007 um herói:

*“É mais uma certa força moral, uma fidelidade obstinada a seu dever – sob as ordens de ‘M’ sempre presente como guia – que lhe permitem superar certas provas inumanas sem exercer faculdades sobre-humanas”*²⁸

É certo que quando Ian Fleming criou 007, a figura do espião provocava uma outra espécie de repercussão perante o público, bem diferente da época de Cooper, mas, mesmo assim, está intrínseco em James Bond o mesmo amor à pátria que sente Harvey Birch. Se em *O Espião* a negação ao soldo provém da necessidade encontrada pelo autor de modificar o prestígio da categoria profissional da área de espionagem junto ao leitor, em Fleming serve como suporte para a capacidade rocambolesca, muitas vezes sobre-humana, de 007. Isto porque a imagem do espião, na segunda metade do século XX já é de herói. Enfim, duas finalidades para o mesmo princípio que, assim como o apego pelo exótico, parece nortear o romance de espionagem.

Uma característica marcante do romance de Cooper – na época em que foi publicado – é reconhecida pelo autor já no prefácio, e ele não se refere ao fato de sua história abordar o tema da espionagem, mas sim a ambientação de sua trama em cenário norte-

²⁶ “Even at the beginning of the nineteenth century, Napoleon is supposed to have said, when asked why he did not award the legion of honor to his great spymaster Schulmeister, ‘Gold is the only reward for a spy’”, id., p. 37.

²⁷ “selon la maxime germinale du genre, la fin, l’amour de la Patrie”, BLETON, Paul, *Les Anges de Machiavel. Essai sur l’espionage*, Quebec, Nuit Blanche Éditeur, Collection Études Paralittéraires, 1994, s/n.

²⁸ ECO, U. *James Bond, Uma Combinatória Narrativa, in Análise Estrutural da Narrativa*, 2 ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1973.

americano. O ano de sua publicação era 1821, e optar por este caminho – o de trazer o romance para o Novo Mundo – parecia ser uma atitude ousada:

*“Várias razões podem levar o Americano que compõe um romance a escolher o seu país como local da cena... é um caminho novo, que ainda não foi aberto e que terá pelo menos todo o encanto da novidade. Uma só pena célebre (refere-se a Charles Brockden Brown) se ocupou até agora entre nós deste gênero de obra...”*²⁹

A ambientação do romance em território americano é apontada como uma diferenciação em relação à maioria dos textos contemporâneos de Cooper. Ele destaca que, até a data em que foi lançado *O Espião*, poucos escritores teriam se empenhado com a mesma intenção. Por mais paradoxal que possa parecer, está presente, na escolha do cenário do romance a própria terra onde autor e leitores-alvo vivem, este elemento de exotismo que Paul Bleton destaca como uma das características do romance de espionagem, em *Les Anges de Machiavel. Essai sur l'espionnage* (Quebec, Nuit Blanche Éditeur, Collection Études Paralittéraires, 1994), ao qual ele dedica atenção no capítulo 7, *L'espace Fourbe*. No trabalho citado, Bleton quer mostrar que “esse exotismo não é realmente necessário ao romance de espionagem, o que ainda acentua seu aspecto de contingência decorativa”³⁰. Mas embora não seja necessário é freqüente – é disso que trata o capítulo 7 de sua pesquisa. E, por este motivo que o sugere fundamental, exatamente porque:

*“...o contra-espião deve fazer face ao ataque de um adversário inesperado que ele tem que aprender a reconhecer por baixo de suas aparências enganosas, mestre da iniciativa, ele penetra no covil escondido do seu adversário, do outro lado da fronteira ou do outro, ele combate o mal na fonte”*³¹

Este “mal na fonte” ao qual Bleton se refere é o antagonista de sua obra, aquele que é alienígena à cultura para a qual é produzida a Ss. O protagonista (ele se refere a um contra-espião) deve ir ao estrangeiro para enfrentar seu inimigo, para lutar contra o mal. Este estrangeiro, longe do leitor, é o terreno exótico.

²⁹ COOPER, J. F., *The Spy*, p. 5.

³⁰ “Cet exotisme n'est en outre pas vraiment nécessaire au roman d'espionnage, ce qui accentue encore son apparence de contingence décorative”, BLETON, P., op. cit., s/n.

³¹ “le contre-espion doit faire face à l'attaque d'un adversaire inattendu qu'il lui faut apprendre à reconnaître sous ses trompeuses apparences; maître de l'initiative, il pénètre le repaire caché de l'adversaire, de ce côté-ci de la frontière ou de l'autre, il traite le mal à la source”, Id.

Bleton encontra na Ss francesa a opção pelo exotismo como um elemento funcional da narrativa, e não apenas como mera decoração. Ele toma como exemplo uma obra de 1936, *Double Meurtre sur la ligne Maginot*, repleta de cenários claustrofóbicos e soturnos, ambientada em boa parte nos subterrâneos da linha de defesa criada pelos franceses para resistir a uma previsível invasão germânica, e a compara com *Os Crimes da Rua Morgue*. Para o romance policial, cuja referência é o conto de Edgar Allan Poe, os aposentos lúgubres; para a Ss, os terrenos exóticos, como os túneis de uma casamata gigante que deveria proteger a França de um devastador ataque terrestre alemão. Cada uma das narrativas utiliza seu cenário a sua maneira:

*"Romance determinante na história do gênero na França, Double Meurtre sur la Ligne Maginot, de P. Nord, pode muito bem ser lido como um exemplo de um 'exotismo rarefeito', os subterrâneos da linha Maginot fornecendo um meio ambiente de tal modo presente e inquietante; a singularidade do local remete não menos que aos espaços parcimoniosos típicos do romance de investigação, aos aposentos fechados - como aquela, famosa, da Rua Morgue a qual o título pisca aos olhos"*³²

Vemos, então, que *O Espião* já antecipava, em 1821, dois elementos que viriam a ser basilares para a Ss: em primeiro lugar, a inevitável temática abordando o mundo da espionagem; em segundo lugar, a ambientação exótica. Nas Ss da atualidade, os túneis subterrâneos da linha Maginot, citados por Bleton, foram substituídos por desertos no Oriente Médio, a gelada Sibéria, o fundo do mar, a órbita geoestacionária da Terra – por onde transitam dezenas de satélites espões dotados de lentes, laser e infravermelho. Todos locais muito distantes do leitor médio, do ser humano normal, mas referências bem claras do território onde vive ou se esconde o “inimigo”.

Podemos ainda lembrar os livros de Ian Fleming sobre o espião 007, agente a serviço da majestade real britânica. O apelo ao território exótico, nestes casos, cristaliza-se como característica do romance de espionagem, com os cenários distantes, os suntuosos cassinos, mansões, geleiras e países onde ocorrem as aventuras de James Bond. Retornando a Fenimore Cooper, o exótico, no entanto, não é o distante, e sim o próximo. Não era preocupação do autor, escrever sobre lugares que o autor conhecera apenas de passagem, menos que – talvez – um provável leitor que tivesse nascido e vivido parte de sua vida lá.

³² “Roman tout à fait déterminant dans l'histoire du genre en France, *Double Meurtre sur la ligne Maginot* (1936) de P. Nord peut bien être lu comme un exemple d'“exotisme rarefié”, les souterrains de la ligne Maginot pourvoyant un environnement tellement présent, inquietant; la singularité du lieu n'en renvoie pas moins plutôt

Talvez este leitor fosse capaz de exercer críticas fundamentadas sobre eventuais falhas de localização cometidas pelo escritor. Apesar, no entanto, do local ser próximo, é exótico no sentido de não fazer parte da moda da época dentro da nascente literatura americana.

Geralmente apresentando ambientação em cenários exóticos a Ss apresenta uma estrutura parecida com o romance policial³³. Talvez por este motivo que a Ss seja considerada um desmembramento deste último gênero. Algo que parece estranho se levarmos em conta que os romances que podem ser identificados com a gênese da Ss estejam cronologicamente localizados a partir de 1821, enquanto o romance policial surge com *Os Crimes da Rua Morgue* (1841), de Edgar Allan Poe.

No romance policial, a função mais comum do exotismo, como Bleton se refere como que “piscando aos olhos” em *Os Crimes da Rua Morgue*, é o de criar uma atmosfera de mistério, porque dela sobrevive o gênero policial. Neste gênero, o exotismo não é utilizado para permitir ao protagonista que enfrente “o mal na fonte”, como sugere Bleton. Ao invés disso serve para fazer com que o leitor sintam-se ainda mais confuso com a realidade que está sendo exposta a ele. Sandra Reimão, em *Literatura Policial Brasileira*³⁴, mostra que o romance policial tem duas vertentes: de Enigma e Noir (ou americano), e, em ambas, encontra-se o detetive como sua personagem central, com a missão nítida de “através de uma dedução lógica rigorosa, reconstruir uma história, um fato passado, e assim descobrir o(s) culpado(s)”³⁵.

aux espaces parcimonieux caractéristiques du roman de détection, aux chambres closes – comme celle, fameuse, de la rue Morgue à laquelle le titre cligne de l’œil”, BLETON, P., op. cit., s/n.

³³ Segundo Cawelti e Rosenberg, em *The Spy Story*, a estrutura da Ss conta com a presença do espião, o contra-espião e a vítima, que é sempre o *british way-of-life* ou o *american way-of-life*; e segue geralmente a ordem: 1) Labirinto; 2) Evasão; 3) Captura; 4) Interrogação; 5) Tortura; 6) Escapada por um triz; 7) Na corrida (p. 61). O romance policial, de acordo com Sandra Reimão, tem uma estrutura, mesmo levando-se em consideração a existência do romance enigma e o *noir*, marcada pela existência do detetive, do criminoso e da vítima. No Enigma, estes três personagens fazem parte de um jogo de mistério, enquanto no *Noir*, um jogo de suspense. Para Todorov, em *A Estrutura do Romance*, “todo romance policial se constrói sobre dois assassinatos; o primeiro, cometido pelo assassino, é apenas a ocasião do segundo no qual ele é a vítima do matador puro e impune, o detetive” (p. 95, op. cit. George Burton). Nesta síntese, Todorov parece não dar a importância à vítima, mas apenas ao criminoso e ao detetive. No entanto, tanto a visão de Sandra Reimão, quanto de Todorov mostram aproximações entre os dois gêneros em questão.

³⁴ REIMÃO, Sandra, *Literatura Policial Brasileira*, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2005. No livro, Sandra Reimão mostra que existe uma série de romances produzidos por autores brasileiros que se encaixam em definições do gênero, tanto do romance de Enigma quanto *Noir*. Ela toma algumas obras pontuais como exemplo e, desconstruindo-as, estabelece pontos de contato com clássicos policiais. As últimas 12 páginas do livro, antes das referências bibliográficas, apresentam uma cronologia do romance policial no Brasil. Vale a pena destacar que, na página 56, a pesquisadora insere o livro *Os Mortos Estão Vivos*, de Flávio Moreira da Costa, como “uma narrativa mais próxima do romance espionagem/suspense do que do policial”, apresentando uma das raras citações nacionais ao gênero alvo desta dissertação. Infelizmente, Sandra Reimão não apresenta as características do romance de espionagem para que se possa fazer a necessária análise dos pontos de afastamento do livro de Moreira da Costa, em relação ao romance policial.

³⁵ Id., p.7.

Enquanto no romance policial de Enigma o cenário ajuda a criar o clima de mistério, no policial Noir, ainda segundo Sandra Reimão, sua função parece aproximar-se ainda mais daquela que Bleton revela dentro da Ss:

“Os autores clássicos das narrativas policiais noir tinham por objetivo propiciar o reencontro da literatura policial com a realidade do mundo do crime, da qual, eles acreditavam, a literatura enigma estava separada. Ao invés de abordar crimes e contravenções ocorridos em privilegiadas classes sociais, o romance policial noir enforçará o crime em seu meio mais freqüente – a marginalidade, o bas fond social”³⁶

Quando Sandra Reimão fala em “enfocar o crime em seu meio mais freqüente”, nos remete a Bleton explicando que o espião vai enfrentar o mal em sua raiz, em seu território. O Mal para o detetive do romance Noir é o crime e este vai ao submundo enfrentá-lo, em busca da mesma verdade que seu colega, no romance policial de Enigma, persegue. No entanto, no Noir, nem sempre “existe verdade final indiscutível, inquestionável, uma interpretação acima de qualquer suspeita”³⁷. Encontrar esta verdade, no romance policial, é poder atribuir a alguém a responsabilidade sobre o crime. É conhecer o culpado, saber quem cometeu o Mal, saber quem fez – responder a pergunta “quem fez isso?”.

Assim como o romance policial, a Ss tem um compromisso de revelar uma verdade. Mas nem sempre esta verdade é uma consequência da ação do espião. A Ss mostra uma luta entre o Bem e o Mal, na qual geralmente sabe-se claramente quem é o Mal – o inimigo – e o que ele fez, e o suspense está em saber como será o final desta luta – responder a pergunta “como fazer isso?” – como impedir uma guerra nuclear, como impedir um atentado, como impedir a vitória do inimigo.

Sendo assim, percebemos que na Ss “A promessa implícita feita aos leitores é aquela de poder olhar atrás da cortina do cenário da história oficial”³⁸. Verdade esta que revela não apenas o meio onde o espião vive e atua – mas sim a verdade³⁹ histórica que o leitor ainda não havia percebido ao seu redor. A própria ação do espião é uma forma da narrativa mostrar ao leitor que aquela, a verdade que ele lê, é a correta. É o tipo de

³⁶ Id., p. 13.

³⁷ Id., p. 12.

³⁸ *Enciclopedia della Letteratura*, op.cit., p. 1.017.

³⁹ “O termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com freqüência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas aquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade.”, ROSENFELD, Anatol. In *A Personagem de Ficção*, 4ª ed, São Paulo, Editora Perspectiva, 1974, p. 18.

característica que já aparece claramente em *O Espião*, quando Cooper mostra ao leitor de sua época o quanto eram estreitas as ligações entre os dois lados da mesma guerra, o quanto estavam próximos um do outro. Obras de Ss atuais assumem este compromisso com muito mais veemência e precisão, típico daqueles que entenderam o mecanismo e aperfeiçoaram o método.

Podemos avaliar o caso de *A Soma de Todos os Medos*⁴⁰, de Tom Clancy, que começa com o prólogo *A Flecha Quebrada* (tradução do inglês *Broken Arrow*, jargão utilizado pelos militares do Pentágono para se referir a uma arma nuclear dada como perdida). O trecho, datado de 1973, mais precisamente no dia 6 de outubro, é ambientado nas colinas de Golan, na ocasião do ataque sírio a Israel. Fato verídico, comprovado por documentos históricos, foi testemunho da resistência israelense que suportou durante dias hordas de carros de combate em uma proporção de nove (sírios) para um (israelense), até que chegassem os reforços e os inimigos fossem rechaçados de volta para casa.

Assim que relata o fato histórico, Clancy começa a analisá-lo, oferecendo ao leitor descrições dos bastidores daquela que ficou conhecida como Guerra de Outubro, um breve conflito que nunca atingiu a fama da Guerra dos Seis Dias, em 1967. “*Fora de Israel, exceto nas escolas em que os homens aprendem a profissão das armas, essa batalha foi estranhamente esquecida*”⁴¹, explica Clancy, apropriando-se de um evento histórico especialmente nebuloso, no qual começa a inserir, mesclando ficção e realidade, a sua narrativa.

O narrador descreve, na página 14, como o governo israelense reagiu às informações sobre o avanço sírio: “*A situação nas colinas de Golan foi imediatamente avaliada como grave*”, “*Parecia que o maior pesadelo acabara ocorrendo; haviam sido apanhados fatalmente despreparados*”, “*A reação inicial dos oficiais de operações do estado-maior foi bem próxima do pânico*”. Somando estas informações com dados históricos, Clancy lança a sua ficção como se fosse a verdade que fora escondida do público até então – até mesmo porque, como ele diz antes, a Guerra de Outubro fora esquecida pela própria história:

⁴⁰ CLANCY, T., *A Soma de Todos os Medos*, Record, Rio de Janeiro, 1994.

⁴¹ Id., p. 12.

“Às 3:55 horas, horário local, no dia 7 de outubro, apenas quatorze horas após o início dos combates, as ordens de alerta para a OPERAÇÃO JOSUÉ foram transmitidas por telex à base da FAI nos arredores de Beersheba”⁴²

A partir deste momento, o leitor lê uma frase como “Israel não tinha muitas armas nucleares na ocasião... e nega ter qualquer uma até hoje” e já admite a autoridade do eu que narra no assunto. Admite, além disso, que boa parte do que ele escreve é verdade. Forma-se um acordo entre autor e leitor, extremamente necessário na Ss, o que Hayden White chama de pacto da veracidade em *Introdução à Poética da História*⁴³. Se a Ss promete a revelação da história que a história oficial pretende ocultar, é fundamental que o leitor aceite a autoridade do escritor, e isso, como vimos, é feito com mecanismos (como o aproveitamento de pesquisas históricas, por exemplo) para impregnar a ficção “da seriedade que o discurso histórico tradicionalmente se reveste”⁴⁴, para “dar um caráter mais verossímil à obra e criar no leitor o fingimento da verdade, o ‘pacto da veracidade’”⁴⁵.

Este pacto não é uma premissa básica apenas da Ss, mas, considerando-se que o gênero quer estabelecer uma promessa de que é capaz de revelar uma verdade, é necessário criar este conceito perante o leitor. É um relacionamento muito estreito entre o eu que narra e o leitor. Uma leve desconfiança de que existam inverdades demais na fundamentação da trama pode fazer com que caia por terra a confiança do leitor no texto. O trecho abaixo exemplifica este relacionamento. Em *Dívida de Honra*⁴⁶, dois personagens, Clark e Chaves, dois especialistas em espionagem e infiltração em território inimigo (mesmo em casos em que não haja conflito declarado) vão ao Japão com a missão de destruir aviões militares japoneses. A estratégia é entrar no país por vias comerciais normais, o que significa passar por uma alfândega sem portar qualquer tipo de arma ou equipamento de fins militares. Eles apresentam documentos que comprovam que são jornalistas e carregam apenas material fotográfico como câmeras e lentes, além da bagagem normal de qualquer turista. Em Tóquio, hospedam-se em um hotel localizado diante da cabeceira de uma das pistas do aeroporto militar. De dentro do quarto do hotel, é revelado que um dos jogos de lentes na bagagem é, na verdade, uma arma não-letal.

⁴² Id., p.14.

⁴³ Em *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. p. 12-13.

⁴⁴ *Os imprecisos limites*, José Saramago – entre a história e a ficção: uma saga de portugueses, Tereza Cristina Cerdeira da Silva, Lisboa, Dom Quixote, 1989, p. 23-29.

⁴⁵ FERRAZ, S., *O Jeitinho Brasileiro de Sherlock Holmes*, Furb, Blumenau, 1998.

“A luz ‘mágica’ que haviam usado na África não era mais do que uma lanterna incrementada, mas esta contava com uma lâmpada de xenônio capaz de produzir três milhões de velas. A parte mais complexa do sistema era o refletor, um espelho de aço de alta precisão que confinava o feixe a um diâmetro de menos de dez metros a uma distância de um quilômetro e meio”⁴⁷

Chavez aponta a lanterna para os aviões militares que estão pousando no aeroporto. Assim que dispara seus feixes de luz, e estes atingem as cabines dos aviões, piloto e co-piloto de cada aeronave ficam cegos com a intensidade luminosa. Imediatamente os homens perdem o controle das aeronaves, que caem segundos antes da aterrissagem. Para as autoridades japonesas, são acidentes sem explicação. Para o agente Chavez, “*é assassinato*”⁴⁸.

Quando Tom Clancy descreve uma lanterna como esta, ele não está sugerindo a existência de um relógio que dispara laser ou de um carro que fique invisível. O leitor aceita que ele está descrevendo uma plausível arma não-letal, um equipamento capaz de cegar momentaneamente uma pessoa, criado por uma indústria especializada em fornecer equipamentos para atividades militares ou de espionagem – um mundo completamente estranho para as pessoas comuns. É a forma como o autor utiliza as pesquisas sobre os equipamentos tecnológicos e das burocracias que cercam o mundo da espionagem militar que dão a ele credibilidade. Com esta credibilidade, ele consegue conduzir sua narrativa, e, no momento em que mostra equipamentos ou ações verídicas que o leitor não conhecia, Clancy revela uma verdade que contribui por revelar uma verdade global, social e política que faz parte de sua trama.

Descrever equipamentos e procedimentos não é uma característica exclusiva de Tom Clancy. Autores como Ken Follet, Frederick Forsyth, John Le Carré utilizam e apresentam as mesmas técnicas em seus livros, com o mesmo objetivo: convencer o leitor de que estão diante de fatos reais – fatos reais que criam cenário para histórias de ficção que, o leitor assume, bem poderiam ter sido verdadeiras.

Outro exemplo está em *A Soma de Todos os Medos*, no pós-fácio do livro, quando o autor explica como conseguiu as informações necessárias para escrever a obra. Para narrar uma trama acerca da produção de uma bomba atômica a partir dos restos de uma arma perdida pelas forças armadas israelenses (a “broken arrow” citada anteriormente), Clancy precisava de dados específicos sobre física nuclear.

⁴⁶ CLANCY, T.. *Dívida de Honra*, Record, Rio de Janeiro, 1999.

⁴⁷ Id., p. 687.

“... Todo o material neste romance relacionado com tecnologia e fabricação de armas pode ser encontrado facilmente em dezenas de livros... Quando pedi expressamente as especificações das próprias máquinas usadas em Oak Ridge e outros lugares, recebi as informações no dia seguinte...”⁴⁹

Apesar desta busca pelos dados verdadeiros, Clancy afirma que “*por motivos que espero que sejam óbvios para o leitor, certos detalhes técnicos foram alterados, sacrificando a plausibilidade (grifo nosso) no interesse da obscuridade*”⁵⁰. O escritor faz isso – sacrifica a sua tão almejada plausibilidade – como uma advertência sobre os riscos de tais informações estarem disponíveis para qualquer pessoa. Mas, na verdade, o comentário contribui, e muito, para sedimentar a identidade do escritor como alguém que não somente escreve sobre aquilo que conhece, como também detém e reproduz informações que traduzem uma verdade oculta para a maioria das pessoas.

Até agora, detectamos (como características da Ss) a presença de tema relacionado ao mundo da espionagem, o exotismo, a revelação da verdade. Mas um dos aspectos mais marcantes, talvez o de maior contribuição para sua autonomia, seja o de “*refletir (chegando à xenofobia nas elaborações mais simplistas) a política do país em que foi escrito*”⁵¹. Paul Bleton⁵² diz que “*Na França, a narrativa de espionagem nasce como reação à derrota contra a Prússia*”⁵³, o que indica a presença de uma dicotomia maniqueísta ligada à política nacional da época. A questão é, se o caso isolado da França em meados do final do século XIX pode ser considerado como uma regra da Ss. Tomemos o caso de *O Espião*, de Fenimore Cooper, que é contemporâneo, do mesmo século, de *Les Aventures singulières de Michel Hartman*, 1873, de Gustave Aimard, ou de *Les Espions*, 1874, de Alexandre Brot. Podemos concluir que, diferente do romance policial, Bem e Mal são representados por nações, posturas ideológicas, e não podem corresponder a noções absolutas.

⁴⁸ CLANCY, T. *Dívida de Honra*, Record, Rio de Janeiro, 1999, p. 680.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 892.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 892.

⁵¹ *Enciclopedia della Letteratura*, p. 1017.

⁵² BLETON, Paul. *Dictionnaire des littératures policières*, direção de Claude Mesplède, Paris, Joseph K, Collection Temps noir, 2003, vol. 2, p. 578-581 (obtido através do próprio Bleton via e-mail, daí a impossibilidade de se determinar a página exata da citação).

⁵³ “*En France, le récit d'espionnage naît en réaction à la défaite contre la Prusse*”, id.

Assim como o gênero também floresceu na França, estimulado por um sentimento de revanchismo contra a Prússia, segundo Bleton, a Inglaterra conhece o desenvolvimento desta narrativa em uma época em que sentimentos nacionalistas⁵⁴ fervilham:

*"Na Inglaterra o gênero passa por um desenvolvimento vigoroso entre as duas guerras - do bastante literário Ashenden or the British Agent, 1928, de Somerset Maugham à literatura popular de Dennis Wheatley, Sapper ou Francis Beeding"*⁵⁵

Não apenas é o surgimento de uma literatura em uma época em que guerras explodem por praticamente toda a Europa, mas sim uma narrativa que aborda traição, artimanhas e relações de poder entre países, ideologias e interesses nacionais e antagônicos, refletindo um contexto que, conhecido como “*primavera dos povos*”, foi claramente, e sobretudo em termos internacionais, uma afirmação de nacionalidade, ou melhor, de nacionalidades rivais”⁵⁶.

Sobre esta fase, que compreende aproximadamente entre 1850 e meados de 1940, o historiador Eric Hobsbawn explica que “*as únicas questões internacionais que contavam eram as relações entre as cinco grandes potências européias... Inglaterra, Rússia, França, Áustria e Prússia. O único estado além destes com suficiente ambição e poder para ser levado em conta, os Estados Unidos...*”. Neste trecho, o historiador cita, coincidentemente, pelo menos três países onde a Ss floresceu. Sobre um deles, a Inglaterra, Martin Green argumenta, em *The English Novel in the Twentieth Century – The Doom of Empire*⁵⁷, que “*Em 1900 os ingleses dominavam um grande império, e suas mentes vibravam com poder*”⁵⁸ e “*todo este poder (do império britânico) era um forte estímulo para escritores e leitores da Inglaterra*”⁵⁹) e que tal poder “*estimulou alguns, como Kipling, a identificar eles próprios com o império, em orgulho e responsabilidade*”⁶⁰, citando Rudyard Kipling. Deste

⁵⁴ HOBBSAWN, Eric, em *A Era dos Impérios*, fala sobre o fenômeno do nacionalismo na Europa em meados do final do século XIX e início do século XX: “*...no período de 1880 a 1914, o nacionalismo avançou dramaticamente e seu conteúdo ideológico e político transformou-se... A própria palavra ‘nacionalismo’ apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados...*”

⁵⁵ “*En Angleterre, le genre connaît un vigoureux développement entre les deux guerres - du très littéraire Ashenden or the British Agent, 1928, de Somerset Maugham à la littérature populaire de Dennis Wheatley, Sapper ou Francis Beeding*”, Id., s/n.

⁵⁶ HOBBSAWN, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*, 3ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982. p. 93.

⁵⁷ GREEN, Martin. *The English Novel in the Twentieth Century – The Doom of Empire*, 1984, Routledge, Kegan Paul plc – Londres.

⁵⁸ *In 1900 Englishmen ruled a great empire, and their minds thrilled with power*”, id., p. 4.

⁵⁹ “*all this power (do império britânico) was a strong stimulus to the writers and readers of England*”, id., p. 4.

⁶⁰ “*stimulated some, like Kipling, to identify themselves with the empire, in pride and responsibility*”, id., p. 4.

autor, Paul Bleton inclui *Kim* (1901) entre os primeiros livros de Ss do início do século XX no *Dictionnaire des littératures policières*, o mesmo livro ao qual Green se refere como “um poderoso estudo sobre a autoridade”⁶¹.

Podemos sugerir, então, que a Ss não é apenas uma narrativa de ficção que busca refletir um contexto, uma ideologia, mas sim um gênero que projeta o poder – uma forma de propaganda, talvez. Sua difusão pelo mundo faz lembrar que o tradutólogo Lawrence Venuti afirma que “...o texto estrangeiro que chega a ser um best-seller traduzido torna-se fonte de súbita proliferação de valores”⁶². E se projeta, é porque encontra, nos mercados consumidores, um terreno fértil para a propagação da cultura da língua de partida:

*“Como os ‘best-sellers’ têm sido livros que tratam das grandes preocupações de uma população’, publicar uma tradução pode ser altamente vantajoso apenas quando ela corresponde às expectativas atuais da cultura doméstica. O critério da editora em relação ao texto estrangeiro, portanto, é principalmente comercial, até mesmo imperialista...”*⁶³

Levando-se em consideração que nos dias de hoje a quase totalidade da produção do gênero no mundo é escrita na língua inglesa, na Inglaterra e nos EUA, e que a Ss é um das mais vendidas literaturas do mundo, poderia ser dito que “sim”, que o resto do mundo divide as “mesmas preocupações” que aquelas vividas pelos cidadãos dos países fornecedores de Ss. Toda a divulgação da Guerra Fria fez com que uma pessoa qualquer, em qualquer canto do mundo, imaginasse que sua casa seria qualificada como alvo de mísseis nucleares russos. Poderíamos até considerar que leitores de Ss nos EUA e na Inglaterra, assim como em Cuba, no Brasil ou em Portugal, compartilhassem um código. Este código estabelecido até hoje pela Ss pode ser visto não apenas como uma autonomia do gênero, mas também como um valor universal.

Essa universalidade deveria ser compartilhada por Telmo Fortes em seu *UVLC*, considerando-se que o livro explora a temática da espionagem. Mas será que é possível realmente afirmar que *UVLC* é um romance de espionagem?

⁶¹ “...a powerful study of authority”, idem, p. 40.

⁶² VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Edusc, São Paulo, 2002, p. 237.

⁶³ Idem, p. 236.

Um lobo sob a lupa

"Todas as coisas humanas têm dois aspectos... para dizer a verdade todo este mundo não é senão uma sombra e uma aparência; mas esta grande e interminável comédia não pode representar-se de um outro modo. Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos nos assegurar de nenhuma verdade."

Erasmus – Elogio da Loucura, 1509.

Se *UVLC* é um romance de espionagem, é uma pergunta que só poderia ser respondida às luzes do conhecimento de conceitos que explanamos no capítulo anterior e comparando o livro de Telmo Fortes pontualmente com teorias estabelecidas sobre o gênero. Partiremos de uma premissa básica de Todorov afirmando que “...a obra-prima da literatura de massa é precisamente o livro que melhor se inscreve no seu gênero”⁶⁴, que pode ser entendido como que o rigor às regras de um gênero fazem de uma obra literária um típico representante de sua linhagem.

Estabelecidas estas duas convenções, este capítulo propõe a avaliação de *UVLC* comparando-o a livros enquadrados dentro das características da Ss. Tomaremos obras como *O Espião*, *A Soma de Todos os Medos*, *O Punho de Deus*, *Código de Honra* e *Ordens do Executivo* para esta finalidade. A maioria destes livros já foi citada no capítulo anterior como referências para as características da Ss, elencadas a seguir na ordem: exotismo; revelação de uma verdade histórica; tema de espionagem e reflexo da política vigente do país onde é escrito o livro.

Esta comparação será baseada nos ensaios *The Spy Story* e *The British Spy Story*. O primeiro é uma obra norte-americana que trata do gênero de uma forma bem mais abrangente que o segundo, o qual enfoca especificamente a literatura britânica de espionagem. Os dois estudos, no entanto, não entram em acordo com relação às origens do gênero. Os autores norte-americanos apontam *The Spy*, de Fenimore Cooper, como o precursor do romance de espionagem, enquanto o autor britânico defende a tese de o gênero ter sido inaugurado por um conterrâneo, Robert Erskine Childers, com *The Riddle of The Sands*, de 1903.

Esta diferença de quase 100 anos entre cada uma das prováveis estréias do mesmo gênero não é um empecilho para Atkins, ao analisar o romance de espionagem inglês, encontrar características em comum com as levantadas por Cawelti e Rosenberg em *The Spy*

⁶⁴ TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*, 2 ed., Perspectiva, São Paulo, 1970, p. 95.

Story. Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra (e como vimos anteriormente, com as análises de Paul Bleton em *Os Anjos de Maquiavel*, tanto quanto na França) a *Ss* revelou-se e tem se revelado representante de um estilo bastante peculiar de narrativa. Detectar estas peculiaridades (ou pontos de contato) em *UVLC* talvez faça com que cheguemos à conclusão de que o livro de Telmo Fortes é um típico romance de espionagem, e tomaremos como ponto de partida a comparação com um dos conceitos apresentados por Bleton: o exotismo.

Como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, o qual resume *UVLC*, a trama se desenrola em vários cenários diferentes. Os personagens são distribuídos entre Brasil, Argentina, Alemanha e Oceano Atlântico. A narrativa inicia-se na Alemanha, no front da Primeira Guerra Mundial em seus últimos dias e chega ao Brasil acompanhando os passos do protagonista Lothar Winckler. Em solo brasileiro, em um primeiro momento mostra Winckler entre as regiões Sul (aonde ele chega em 1921, em Santa Catarina) e Nordeste, onde, já estabelecido como comerciante, abre uma empresa em Recife, capital pernambucana. Logo em seguida, o cenário volta a ser a Alemanha, para onde o protagonista viaja a fim de rever a mãe doente e lá termina por receber o treinamento para tornar-se espião.

Em seguida, a narrativa começa a ganhar mais cenários, um para cada eixo da trama: a Alemanha para o alto comando do III Reich; a região fronteira com o Brasil, abrangendo Paraguai e Argentina, no contrabando de pneus para a Alemanha; o estado de São Paulo, o Oceano Atlântico, no qual o submarino U-513 navega rumo ao encontro de nazistas em solo sul-americano e o hidroavião do comandante Roy S. Whitcomb sobrevoa em seu enalço; o Rio Grande do Sul, onde começa a caçada à rede de espiões; e Santa Catarina, onde se desenrola um drama envolvendo familiares de Lothar e o desfecho do caso amoroso entre Lothar e Sabine e da caçada empreendida pelo policial Pereira.

A variedade de cenários atende a uma necessidade do gênero, como diz Bleton:

*"Decididamente mesmo não sendo intrinsecamente necessário, o exotismo parece estar vinculado à espionagem de papel, ele faz parte do horizonte de expectativas do leitor. Decorativo, fútil, o exotismo não foi menos útil ao menos para os editores, que colocavam-no nas capas de suas obras, uma forma de sedução (de encher os olhos) como os folhetos turísticos. Útil também aos autores, que estão sempre à procura de pequenas invenções que permitam de um volume da série ao próximo, preservando as convenções já garantidas, criar algo novo"*⁶⁵

⁶⁵ "Décidément, même s'il ne lui est pas intrinsèquement nécessaire, l'exotisme semble chevillé à l'espionnage de papier, il fait partie de l'horizon d'attente du lecteur. Décoratif dans doute, futile, l'exotisme n'en a visiblement pas moins été utile, au moins aux éditeurs qui trouvaient avec lui à mettre en couverture de leurs ouvrages les

Para Bleton, o leitor do romance de espionagem parece já esperar este exotismo. É como em *O Dia do Chacal*⁶⁶ de Frederick Forsyth, em que o assassino profissional contratado pela Organização do Exército Secreto para matar De Gaulle faz um percurso por vários países da Europa em busca de diversos e pitorescos elementos para realizar sua missão. Ele passa pela capital da Bélgica e pelo seu litoral para encomendar e testar uma arma e documentos secretos (*“Deve haver em Londres homens capazes de fazer isto em poucas horas”*⁶⁷), vai a Paris avaliar o terreno e desfila por pontos que pertencem ao imaginário do leitor – *“Passou três dias rondando pelo Arco do Triunfo ou sentado no terraço do Café de l’Élysée”*⁶⁸, enquanto seus contratantes refugiam-se, até a missão ser concluída, em um hotel de luxo na Via Condotti, em Roma. Para Cawelti, a busca pelo exotismo reflete um sentimento comum ao europeu moderno, do final do século XIX e início do século XX, e a Ss satisfaz estas necessidades desde aquela época.⁶⁹ A Itália é outro país que o Chacal visita – *“O avião do Chacal pousou no Aeroporto de Linate, em Milão, pouco depois das seis”*⁷⁰ – com uma desenvoltura atribuída aos passaportes forjados e a uma liberdade inerente ao personagem clandestino, ao espião-assassino que ele é. Bleton fala sobre esta liberdade em:

*“O espião anda por todos os lugares. ‘Por todos os lugares’ política e tecnologicamente moderna, em sintonia com a hiperbolização das obsessões da escandalosa Guerra Fria, uma espécie de dublê grosso modo do conceito de ‘aldeia global’ de M. McLuhan.”*⁷¹

séductions tape-à-l’œil des dépliants touristiques; utile aussi aux auteurs toujours en quête de petites inventions qui permettent, d’un volume de la série au suivant, de préserver les conventions, de faire du neuf avec des formules éprouvées”, BLETON, Paul, op. cit., s/n.

⁶⁶ FORSYTH, Frederick. *O Dia do Chacal*, romance inglês, tradução de Pinheiro Lemos, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

⁶⁷ Id., p. 95.

⁶⁸ Id., p. 106.

⁶⁹ “The quest for the exotic, the urge to cast aside the constraining roles of civilized man, the ambivalent fascination with colonial peoples – these are the same urges that were articulated more powerfully and tragically in the life of a poète maudit like Rimbaud or in later works of Joseph Conrad like Heart of Darkness, or in the life and paintings of Paul Gauguin. The social-psychological causes of these curious urges in modern European culture have been explored from many different perspectives”⁶⁹ CAWELTI, J.G.; ROSENBERG, B.A., *The Spy Story*, p. 97.

⁷⁰ Id., p. 264.

⁷¹ “L’espion va partout. ‘Partout’ moderne, politiquement et technologiquement, en phase avec l’hyperbolisation des hantises obsidionales de la guerre froide, sorte de double grimaçant du rétrécissement de la planète qu’essayait de penser M. McLuhan avec son ‘village global’”, BLETON, Paul, *Les Anges de Machiavel. Essai*

O narrador de *UVLC* parece querer atribuir a Lothar Winckler uma mesma desenvoltura para ir e vir que conta o Chacal de Forsyth. Para deslocar-se clandestinamente como agente nazista em um mundo em guerra, Winckler não parece ter muito trabalho. Tão pouco o narrador perde tempo e palavras descrevendo o que deveria ser uma empreitada de alto risco em tempos de guerra. Praticamente esta aventura em especial é resumida em poucas frases, as quais sugerem que Lothar empreende “*uma sinuosa viagem: primeiro dirigiu-se a Lisboa, e dali foi ter em Willemstadt*”⁷². Em seguida, toma outro avião para a “*graciosa e pequena capital de Curaçao e de todas as Antilhas Holandesas*”⁷³, e faz isso sob um esquema de clandestinidade profissional, que é o máximo que o narrador se dispõe a esclarecer:

“*O pessoal do Grupo F enxertara dados falsos em documentos holandeses verdadeiros (...) o seu nome e sua fotografia, de modo que pudesse passar por um cidadão daquele país, mesmo perante a polícia das possessões holandesas no Caribe*”⁷⁴

Ele sai da Alemanha, volta para o Brasil com uma missão que desafia os serviços de contra-espionagem, brasileiro e dos EUA. O narrador não precisa levar o espião para outros cantos do globo porque está convicto de que o cenário local está carregado de segredos e mistérios. O autor brasileiro, 177 anos após James Fenimore Cooper ter redigido o prefácio de *O Espião*, chama a atenção para os cenários do romance *UVLC* da mesma forma como fez o autor norte-americano com relação a sua obra:

O narrador de *UVLC* vai mostrar uma cultura alemã incrustada no Brasil, que para pessoas que não nasceram na região sul pode parecer algo inusitadamente *exótico* (grifo meu), e, além do mais, o autor afirma implicitamente poder revelar uma *verdade histórica* (grifo meu) que está por trás deste cenário de casas de arquitetura enxaimel emoldurando perfis arianos às janelas. Uma verdade histórica que somente poderá ser conhecida com a narrativa. Narrativa esta que faz um mergulho a um submundo de operações de espionagem que teriam ocorrido veladamente durante a época da guerra, ao mesmo tempo em que explora um universo de etnias nos cenários da obra.

Dois características da *Ss* parecem fundir na explicação que o autor fornece no prefácio, no qual ainda parafraseia Hemingway ao citar que “*mesmo concordando que na*

sur l'espionnage, Nuit blanche, Collection Études paralittéraires, Quebec, 1994

⁷² FORTES, T. op.cit., p. 21.

⁷³ Id., p. 21.

⁷⁴ Id., p.16.

guerra a primeira vítima é a verdade, fui sistematicamente atrás dela...”, enumerando em seguida 19 instituições no Brasil e no exterior junto às quais pesquisou informações que julgou necessárias para redigir *UVLC*, “além de diversos ‘sites’ na internet, inúmeros colaboradores inclusive alguns desconhecidos e esses anônimos livreiros entrincheirados em ‘sebos’”.

Esta busca por informações não conferem apenas apreço e respeito com relação às informações geográficas presentes no texto – logo que o autor utiliza-se dos cenários como elemento ativo da narrativa – mas também servem para alimentar com dados reais aquilo que é a sua versão da história oficial. Fortes insere dois anexos ao corpo da narrativa. Um antecede o texto, o outro está no final. O primeiro consiste em descrições técnicas do que ele chama de “*personagens inconscientes da trama*”. O segundo enumera os nomes dos marinheiros mortos no bombardeio do U-513 e mostra foto de Guggenberger recebendo condecorações do alto comando nazista.

Ou seja, ao reproduzir com precisão dados que conferem ao texto um aspecto que se aproxima do exotismo presente nos textos de Ss, Fortes faz contato com outra característica do gênero, que é a revelação de uma verdade não-oficial. Em *UVLC*, assim como é possível verificar na maioria dos romances de Tom Clancy, estas duas características se confundem, interagem. O autor norte-americano, que começou a publicar nos anos 80, valoriza ao extremo o detalhe, seja técnico ou geográfico. As primeiras linhas do prólogo de *Perigo Real e Imediato*⁷⁵ ilustram a afirmativa:

*“O recinto permanecia vazio. Situado num dos cantos da Ala Leste da Casa Branca, o Salão Oval tem três portas que se abrem para ele: a do gabinete do secretário pessoal do presidente dos Estados Unidos, outra de uma pequena cozinha, que por sua vez leva à sala de estudos, e uma terceira num corredor, diretamente oposta à entrada do Salão Roosevelt”*⁷⁶

O narrador mostra, com detalhes, um cenário que é exótico e ao mesmo tempo conhecido por bilhões de pessoas, que é a Casa Branca. Muitos já viram as tais três portas em algum documentário, ou, mais comumente, em pronunciamentos presidenciais transmitidos por emissoras de TV. Mas o que está por trás das três portas, é, indubitavelmente, um aperitivo que o narrador oferece ao leitor em um romance que tem como um de seus objetivos mostrar que haveria algo secreto por trás da guerra norte-

⁷⁵ CLANCY, T. *Perigo Real e Imediato*, Record, Rio de Janeiro.

americana contra o tráfico de drogas na América do Sul. Clancy chega a afirmar que a mesa presidencial “é feita da madeira do HMS Resolute, um navio inglês naufragado em águas americanas na década de 1850”⁷⁷, ou, em outro trecho do romance, dizer que “a RPG-7D havia sido a arma leve antitanque padrão dos soviéticos. Sua origem remonta à Panzerfaust dos alemães, e só recentemente fora substituída pela RPG-18, uma cópia descarada do foguete americano M-72 LAW”⁷⁸.

Esta última citação, acerca de uma arma antitanque, pode parecer dispensável se considerarmos que a trama poderia ir adiante sem a informação sobre o histórico da RPG-7D. No entanto, é interessante averiguar, em outra parte do livro, a forma como a descrição e o detalhe sobre a tecnologia militar podem representar informação característica do gênero e ainda ser interpretada como um argumento ideológico. No trecho, dois personagens, militares, dentro de um porta-aviões, vistoriam a bomba que será lançada em um alvo na Colômbia:

“O sargento bateu na cápsula mais próxima com os nós dos dedos, produzindo um som estranho. Tão estranho que Robby resolveu fazer o mesmo.
 — Isto não é aço.
 — Celulose, senhor. Os caras agora estão fazendo bombas de papel! O senhor já pensou?
 (...)
 — ... Na verdade, a explosão vai ser bem barulhenta, senhor, mas depois de dissipada a fumaça, ninguém vai conseguir entender o que foi que aconteceu.
 (...)
 Na verdade, ele não conseguiu entender muito bem para que servia uma bomba que... mas, afinal, era provavelmente algum equipamento para o novo bombardeiro tático Stealth”⁷⁹

Quando o leitor chega à página 374, ele já assumiu que o narrador sabe o que está falando e pode ser considerado um especialista nos temas sobre os quais escreve. Relatos baseados em pesquisas científicas e históricas como a que aparece na página 278, sobre o RPG— 7D, conferem confiança ao leitor sobre as capacidades do narrador. No ponto seguinte, quando os personagens falam sobre a bomba feita de papel, não deve restar dúvidas sobre a veracidade dos fatos que são expostos no romance. É fundamental que o pacto da veracidade esteja efetivado, pois, logo em seguida, quando ele diz que o personagem chamado Robby não entendera o porquê de seu governo produzir uma bomba de celulose, está fazendo aquilo que todo romance de espionagem pretende fazer já em sua gênese: propor a revelação

⁷⁶ Id., p. 11.

⁷⁷ Id., p. 11.

⁷⁸ Id., p. 278.

⁷⁹ Id., p. 374-375.

de uma verdade não-oficial.

É para desfrutar de um momento como este que o narrador se aplica a sua pesquisa. É para isso que ele se esforça em revelar os dados levantados em pesquisas científicas para criar exatamente o pacto de veracidade entre ele e o leitor. E é este pacto que fará com que o narrador sintá-se à vontade para sugerir uma revelação de verdade ao leitor. Como diria Bleton:

"Em contraponto, aquilo que concluíram A. Raulin e L. Sebbar-Pignon (1975) em relação a SAS ('é o realismo do pequeno fato verdadeiro, do nome da rua, do hotel, do bairro, que deslumbra o leitor como verossimilhança. Villiers [autor da série SAS i.e.] não retém do nada do Terceiro Mundo real que não possa alimentar a mitologia do Ocidente', p. 1439) não poderia também ser aplicado a toda literatura exótica?"⁸⁰

Citando Raulin e Sebbar-Pignon, ao comentar a obra de Villiers – a série francesa de espionagem SAS –, Bleton reforça que é o realismo do pequeno fato verdadeiro, no nome de rua, do nome do hotel, do bairro, localizados em locais exóticos, geralmente do outro lado do mundo, que acaba por deslumbrar o leitor como informações verdadeiras. E, de fato, são verdadeiras. O autor do romance de espionagem não quer restringir sua credibilidade perante o leitor ao fato de estar realmente citando o nome de uma rua que de fato existe em Bagdá, como em *"Mike Martin veio pedalando devagar da Rua Shurja, deu a volta para os fundos da igreja. Viu a marca do giz no muro ao passar e continuou em frente. Parou no final da viela..."*⁸¹ ou em *"A manhã de 12 de janeiro testemunhou a última reunião do plenário do Conselho do Comando Revolucionário realizada no palácio presidencial, na esquina da Rua 14 de Julho com a Rua Kindi"*⁸². A função de oferecer informações como as citadas é uma só, em *O Punho de Deus*, de Frederick Forsyth: garantir que o leitor acredite que Saddam Hussein desenvolveu um canhão capaz de lançar ogivas nucleares em Israel.

Que as ruas Kindi, 14 de Julho e Shurja existem, de fato, em Bagdá, é uma dúvida que pode ser sanada facilmente ao consultar um mapa que pode ser baixado a qualquer momento pela internet. Ou podemos fazer uma ligação DDI e conferir a informação com algum cidadão iraquiano. Mas e quanto ao canhão? Ou quanto aos planos secretos da OAS

⁸⁰ "Et, en retour, ce que concluaient A. Raulin et L. Sebbar-Pignon (1975) à propos de SAS ("C'est le réalisme du petit fait vrai, d'un nom de rue, d'hôtel, de quartier qui éblouit le lecteur comme vérité. Villiers ne retient du Tiers-monde réel que ce qui servira à alimenter la mythologie de l'Occident", p. 1439), ne vaut-il pas pour toute littérature exotique?", Paul Bleton, op.cit., s/n.

⁸¹ FORSYTH, F. *O Punho de Deus*, op.cit., p. 333.

⁸² Ibid., p. 329.

para matar De Gaulle, tomando O Dia do Chacal como referência? Ou então sobre a real capacidade e desejo de um grupo terrorista instalar uma bomba nuclear em solo norte-americano, considerando-se *A Soma de Todos os Medos*, de Tom Clancy? Como confirmar esta realidade não-oficial que estes romances de espionagem sugerem existir? Não é possível, posto que a realidade não-oficial é, em geral, o elemento ficcional da Ss.

Por exemplo, a bomba de celulose da qual fala Clancy em *Perigo Real e Imediato* existe, de fato. O elemento ficcional, que aparece como realidade não-oficial, é a possibilidade de utilizá-la como um artefato para simular atentados terroristas (por isso os militares, em seu simplismo, não conseguem entender qual a sua verdadeira função). Ou seja, o autor pode afirmar que existe uma Rua Shurja em Bagdá, mas não pode comprovar que tal bomba de celulose foi utilizada em atentados atribuídos a terroristas pela imprensa internacional. Em *Dívida de Honra*, Clancy sugere a possibilidade de aviões serem utilizados como armas contra prédios nos EUA. O personagem Sato, piloto comercial, após ver seus parentes mortos em um conflito contra os norte-americanos, opta pela vingança e seqüestra um jato 747, com o qual penetra no espaço aéreo dos EUA sem levantar suspeita:

“— Centro de Washington, aqui é o vôo Meia-Cinco-Nove, da KLM. Temos uma emergência a bordo.

Pelo tom da voz, parecia coisa séria. (...)

— Sim, senhor. Meia-Cinco-Nove, estou vendo você no radar. Altitude quatro mil metros, velocidade seiscentos quilômetros por hora. Recomendo mudar a rota para dois-nove-zero e descer para três mil metros.”⁸³

Ao mostrar a reação tranqüila e ingênua do controlador de vôo, que permite o tráfego de um avião que fazia uma rota irregular e que em poucos momentos será arremetido contra o Capitólio, o narrador tem a intenção de surpreender o leitor com o que ele aposta ser uma verdade: a falta de segurança do território norte-americano. O livro foi publicado em 1996 e o atentado contra as torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001 mostrou que a possibilidade sugerida por Clancy não era ficção científica.

O exemplo é clássico e mostra com clareza que a Ss baseia-se em pesquisas para convencer o leitor de sua plausibilidade. Em *UVLC*, a intenção de revelar uma verdade oculta, diferente da oficial que é facilmente encontrada nos livros de História, aparece logo na contracapa, com um texto que começa afirmando que “*Até hoje nenhum livro havia revelado em detalhes a impressionante saga da espionagem alemã no sul do Brasil durante a 2ª*

Guerra Mundial”. Na tentativa de garantir que o pacto da veracidade seja estabelecido entre obra e leitor, o narrador faz uso constantemente do “*réalisme du petit fait vrai*”, como ao narrar um corriqueiro evento ocorrido em uma das cidades onde concentravam-se espões alemães:

*“Na sexta-feira, feriado de 1º de Maio, se enfrentariam, no que deveria ser um “match de congraçamento” os dois times rivais do futebol local. Os entendidos, contudo, esperavam uma carnificina dentro do campo, porquanto um dos associativos, o Grêmio Sportivo Santoangelense, de fardamento verde e branco, era o clube dos fazendeiros (...) O outro, era o Elite Clube Desportivo (...) o clube da poderosa colônia alemã.”*⁸⁴

As informações sobre a partida de futebol entre times de brasileiros e de alemães servem para dar o tom de animosidade que em algumas localidades era despertada em função da guerra e da política do governo federal – “*pressionada pela crescente reação do governo, a diretoria do Elite aceitara cautelosamente, manter um plantel inter-racial*”⁸⁵. O narrador, no entanto, não parece satisfeito em apenas relatar que um dia tais times existiram, e narra trechos da partida, com detalhes obtidos na imprensa da época:

*“Aos cinco minutos do segundo tempo, parecendo o martelo de Thor, o centerfoward Saturno – do Elite – emendou, de fora da grande área, um passe do pivô Gugu, e a bola alaranjada foi entrar num dos ângulos em que, Tiqueza o goleiro alvi-verde só poderia alcançar se tivesse asas nas costas”*⁸⁶

A credibilidade obtida através do emprego do realismo dos pequenos fatos faz com que o leitor aceite a ficção da Ss, apesar de sua temática estar muito distante do dia-a-dia da maioria das pessoas. A espionagem, mesmo sendo uma das mais antigas atividades humanas – “*Tem sido geralmente comentado que espionagem é pelo menos a segunda mais antiga profissão. No livro X da Ilíada, Ulisses conduz uma incursão noturna contra os troianos com o objetivo de espionar duas posições*”⁸⁷ – permanece considerada, no mínimo, um ramo incomum do trabalho humano. A profissão aparece na literatura sob os mais diversos aspectos. Nas primeiras Ss, como *The Spy* e *The Riddle Of The Sands*, existem dois tipos de espões: no primeiro romance, um agente secreto a serviço de uma instituição, no caso o exército revolucionário americano sob as ordens de George Washington; no segundo

⁸³ CLANCY, T. *Dívida de Honra*, p. 857-858.

⁸⁴ UVLC, p. 37.

⁸⁵ Ibid, p. 37.

⁸⁶ FORTES, T. Op. cit., p. 41.

⁸⁷ “*It has often been remarked that spying is at lest the world’s second oldest profession. In book X of the Iliad, Odysseus conducts a night raid against the Trojans in order to spy out their positions*”, *The Spy Story*, p. 3

livro, um cidadão britânico (Carruthers) que, ao vislumbrar a ameaça de invasão germânica, decide, por si próprio, agir como contra-espião.

Carruthers, herói criado por Erskine Childers, é modelo para gerações de espiões-amadores que têm seu papel cristalizado nas primeiras décadas da Ss. O personagem mais freqüente nas obras de John Buchan, autor de *The Thirty-Nine Steps* (publicado em 1915, em 1965, este livro já havia vendido um milhão de cópias “*em ingles e tem sido traduzido para o persa, árabe, checo, sueco, espanhol, francês, alemão holandês e dinamarquês*”⁸⁸), Richard Hannay, é definido como um cavalheiro – “*um cavalheiro amador*”⁸⁹ – cujos inimigos “*são supervilões que representam a ameaça de culturas e raças não-britânicas para a hegemonia inglesa*”⁹⁰.

*"O herói da história de espionagem Buchanesca é, antes de tudo, um cavalheiro que se encontra momentaneamente envolvido em atividades de espionagem, melhor que um espião profissional. Seu código moral é derivado não de sua ligação com a burocracia de um serviço secreto, mas de seu compromisso com a preservação do estilo de vida britânico."*⁹¹

A afirmativa de Cawelti encontra sentido ao levarmos em conta que o tema de espionagem era, no início do século XX, algo extremamente exótico para a maioria dos leitores. Havia poucos escritos sobre as atividades de espionagem. John Atkins concorda com Cawelti e afirma que “*outra constante na Spy Fiction é o espião amador. Ele estava na moda durante a primeira parte deste século*”⁹², referindo-se ao século passado. Buchan, no entanto, antes de 1915 trabalhara como correspondente durante a Primeira Guerra Mundial e envolvera-se com atividades de Inteligência.

Teria ele, então, experiência suficiente para fazer de Hannay um espião profissional, mas, provavelmente a forma como ele mesmo via sua obra (“*Ele escreveu biografias sérias e livros sobre assuntos públicos. Como a maioria dos escritores deste tipo*”

⁸⁸ “*in English and had been translated into Persian, Arabic, Czech, Swedish, Spanish, French, German, Dutch and Danish*”, *The British Spy Novel*, p. 31.

⁸⁹ “*a gentleman amateur*”, *Ibid.*, p. 79.

⁹⁰ “*are supervillains who represent the threat of non-Britain races and cultures to the English hegemony*”, *Ibid.*, p. 80.

⁹¹ “*The hero of Buchanesque spy story is, first of all, a gentleman who happens to be momentarily engaged in espionage activities, rather than a professional spy. His moral code is derived not from his allegiance to a secret service bureaucracy, but from his commitment to the preservation of the British way of life.*”, *ibid.*, p. 42.

⁹² “*...another constance in spy fiction is the amateur spy. He was in the heyday during the early part of this century*”, ATKINS, J. Op. cit., p. 58-59.

ele pensava que que eram seu melhor”⁹³), fazia com que Buchan decidisse por seguir apenas uma moda. E a tendência era de que o herói fosse uma pessoa qualquer envolvida, por acaso, numa intriga internacional (“*um sólido e respeitável cidadão que é envolvido acidentalmente em uma aventura*”⁹⁴).

Lothar Winckler é o tipo de espião que não se enquadra no perfil do agente secreto da “juventude” da Ss. O personagem criado por Fortes combina mais com o tipo de herói que começa a aparecer mais na segunda metade do século passado. Este novo modelo de espião é mais profissional, é geralmente oficial – trabalha sob remuneração para uma instituição federal – e sempre, invariavelmente, bem treinado.

*“Seu successor pós-1950, mesmo quando não é um agente oficial, é um camarada muito mais profissional. Ele entende e usa toda a última tecnologia, não se esquivava de nenhum truque sujo e evita a impressão de ingenuidade...”*⁹⁵

Realmente, a descrição de Atkins cai como uma luva sobre agentes como Jack Ryan, James Bond, Leamas e outros. Cai como uma luva também sobre Lothar Winckler. É certo que não vemos o personagem fazer uso de sequer um rádio-comunicador, mas sabemos o quanto foi treinado para sua atividade:

*“Ele fora intensamente preparado para a missão. No começo, sem deixar de comparecer aos escritórios da firma, freqüentara a ‘escolinha noturna’ do SD (Sexto Departamento), onde os instrutores lhe ministraram aulas e mais aulas sobre códigos, radiotelegrafia, tiro defensivo e técnicas sobre como tapear uma vigilância policial”*⁹⁶

Tal treinamento permite que Lothar desempenhe suas funções de espião, que, para o leitor, muitas vezes podem parecer estranhas. Afinal de contas, dentro da história da Ss, é raro encontrar uma missão de espionagem como a de UVLC. O espião não está atrás de segredos de uma arma poderosa, ou tentando evitar que uma misteriosa lista com nomes de agentes secretos caiam nas mãos do inimigo. O espião tem a incumbência de contrabandear pneus.

⁹³ “*He wrote serious biographies and books about public affairs. Like most writers of this type he thought they were his best*”, Ibid., p. 32.

⁹⁴ “*a solid and respectable citizen who is drawn into adventure accidentally*”, ibid, p. 32.

⁹⁵ “*His post-1950 successor, even when he is not an official agent, is a much more professional fellow. He understands and uses all the latest technology, he will shrink from no dirt trick and he avoids the impression of naivety...*”, ibid., p. 59.

⁹⁶ UVLC, p. 16.

Em uma primeira análise, ao leitor pode ser provocado um estranhamento e a temática de espionagem pode acabar sendo afastada. Lothar Winckler seria tomado não como um espião, mas como um mero malfeitor, um contrabandista, e o romance, em tese, de Ss passaria a ser lido como um romance policial – levando-se em consideração as forças em oposição na trama, que seriam Lothar e o policial Pereira.

No entanto, deve-se levar em conta a motivação de Lothar. Ele assume a missão de contrabandear pneus não objetivando o lucro, mas sim atender a uma causa maior. A missão do espião, vista por este ângulo, ganha novas proporções. Neste enfoque, o leitmotiv de Winckler é uma força quase que irresistível. Na obra *Anatomy of the Spy Thriller*, Bruce Merry compara a missão dentro da Ss com as motivações que movem os protagonistas nas mais primitivas formas de narrativa:

*"O ponto comum entre o padrão do conto folclórico e o moderno thriller de espionagem é precisamente um. O que ilustra mais uma vez – e esta tem sido a primordial motivação por trás deste estudo - é a universalidade da literatura popular e a atemporalidade de seu apelo. A busca épica, a missão mágica, o encontro do conto de fadas e a missão de espionagem, apelam para as necessidades de grandiloquência do público plebeu e a imaginação do leitor popular em qualquer idade. O thriller de espionagem se encaixa para a mesma necessidade do homem moderno e urbanizado"*⁹⁷

A missão do espião, para Merry, é comparável à universalidade dos contos de fadas, das narrativas folclóricas. Ou seja, a missão do espião, na Ss, atende às necessidades universais do homem moderno, de certa forma sendo moldada baseada em suas neuroses, medos e inseguranças. Se há uma missão, há um espião (ou mais) e há um perigo universal, que, em geral, é o medo da invasão territorial, da ingerência de forças estrangeiras ao solo e às vontades de uma nação. Em *UVLC*, esta universalidade poderia ser detectada dentro da missão de Lothar Winckler? Seu trabalho é obter pneus para o III Reich, o que deve garantir o sucesso das forças germânicas no avanço sobre o território europeu e o norte da África – o que garantiria a soberania alemã no mundo e facilitaria uma pan-germanização do mundo.

A necessidade de obter os pneus para garantir a supremacia germânica é a missão de Lothar, e ele age clandestinamente dentro do Brasil para burlar as forças policiais e

⁹⁷ *"The fit between the standard pattern of the folk tale and the modern spy thriller is a strikingly precise one. What it illustrates once again - and this has been the prime motive behind the present study - is the universality of popular literature and the atemporality of its appeal. The epic quest, the magic mission, the fairytale encounter and the espionage assignment, appel to the larger-than-life fantasy needs of the plebian audience and the imagination of popular readership in every age. The spy thriller caters to the same need in urbanized, conscios modern man."*, MERRY, B. *Anatomy of the Spy Thriller*, McGill Queen's University Press, Montreal, 1^a ed., 1977, p. 235.

de segurança, que têm uma missão que representa uma resistência à missão do agente alemão. Tais forças de segurança são representadas pelo policial Pereira, cuja missão é garantir a segurança e a soberania nacional. Esta missão, atribuída não a um espião profissional, mas sim a uma espécie de agente de contra-espionagem, é a mesma desempenhada por Carruthers, o personagem principal de *The Riddle of the Sands*, de Robert Erskine Childers, que também não é um espião profissional, que descobre os planos alemães para invadir a Inglaterra. Tal ameaça, levantada em 1903, não parece hoje fruto de uma mente apenas criativa. Fatos históricos comprovam, em duas guerras, um forte antagonismo entre os dois países envolvidos na obra de Erskine, como sugere Atkins, ao afirmar que a Alemanha seria “our great trade rivals of the present our great naval rivals of the of future”⁹⁸.

Então, Lothar e Pereira têm missões que entram em rota de colisão. Normalmente, poder-se-ia dizer que um lado seria o protagonista, e, o outro, o antagonista, mas como detectar esta classificação, este maniqueísmo, dentro de *UVLC*? Em uma primeira análise, o personagem principal do romance seria Lothar, porque é o personagem que ocupa o maior volume da narrativa. É ele a quem o narrador acompanha em quase todas as páginas do livro, e a ele para onde se confluem a maioria dos eixos dramáticos, desde o contrabando dos pneus, passando pelo romance de Sabine, a caçada de Pereira e a própria viagem – última viagem – do submarino que dá nome ao romance e que, estranhamente, parece subaproveitado e deslocado dentro da trama.

A condição de Lothar como protagonista de *UVLC* sugere uma comparação com *O Dia do Chacal*, no qual o narrador acompanha passo a passo a execução do plano de assassinato do presidente da França, o general De Gaulle. No romance de Frederick Forsyth, os membros da OAS (Organização do Exército Secreto) decidem contratar um assassino profissional para cumprir com uma missão que seus próprios integrantes haviam tentado em vão inúmeras vezes. O narrador expõe as intenções da OAS sem apresentar um julgamento direto de seus princípios, mas sim relatando seu papel histórico dentro do processo de libertação da Argélia; também não critica diretamente a decisão de De Gaulle, mas usa a palavra “traição” várias vezes, sempre atribuindo seu uso aos membros da OAS.

Forsyth, então, criou uma Ss onde a força policial francesa é protagonista e o Chacal é o antagonista? Torce o leitor para que o Chacal não consiga matar De Gaulle? O questionamento é relativamente vazio, posto que De Gaulle não foi na realidade assassinado e

⁹⁸ ATKINS, J. Op. cit., p. 21-22.

os métodos da OAS foram execrados pela opinião pública mundial nos anos 60 do século passado. Para o leitor médio, a OAS e seus assassinos e terroristas representa o Mal – apesar do narrador oferecer argumentos para justificar o comportamento de seus integrantes, como quando o líder da OAS recorda seu trajeto de lutas:

“A Argélia era a França, fazia parte da França, era habitada por três milhões de franceses. Lutava-se pela Argélia como se poderia lutar pela Normandia, pela Bretranha, pelos Alpes Marítimos”⁹⁹

O coronel Rodin sabia que poderia lutar para manter a Argélia sob jugo francês, porque isso era o certo. No entanto, “quando se teve afinal (...) a prova de que o conceito de Charles De Gaulle de uma França ressuscitada não compreendia uma Argélia francesa, o mundo de Rodin se desintegrou...”¹⁰⁰ e isto faz com que o leitor se depare com uma realidade onde Bem e Mal tornam-se muito voláteis. Não fosse por uma decisão de libertar a Argélia, os ideais da OAS não representariam o Mal. Mas a história mostra o que de fato ocorreu, e *O Dia do Chacal* nos revela o que se passaria na clandestinidade da contra-espionagem francesa – com um maniqueísmo bem definido.

O narrador de *UVLC* também acompanha o espião que está a serviço de um lado que a história notabilizou como o lado do Mal. Lothar Winckler trabalha para os nazistas, e – sem a intenção de generalizar – existe pouca literatura de ficção que mostre de forma não-tendenciosa o papel do nazismo na história da Humanidade. Desta forma, temos Lothar e Pereira como forças antagônicas, e a pergunta continua: quem representa o Bem e quem representa o Mal? A pergunta é reiterada porque a polarização Bem X Mal é fundamental para a Ss. Rosenberg e Cawelti, em *The Spy Story*, citam o exemplo de *Secret Agent*, de Joseph Conrad (autor de *The Heart of Darkness*), como um romance que utiliza o tema da espionagem, possui um espião entre seus personagens, mas não se trata de uma Ss: “In Conrad’s *Secret Agent*, however, there is no heroism and no meaningful conflict between good and evil”¹⁰¹. Para os autores, mesmo nos mais cínicos e realistas romances de Le Carré, como *O Espião que Veio do Frio*¹⁰², existe uma vitória do bem (“...there is a kind of moral triumph at the end”¹⁰³:

⁹⁹ FORSYTH, F., *O Dia do Chacal*, Abril Cultural, São Paulo, 1980, p. 32.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 33.

¹⁰¹ *The Spy Story*, p. 6.

¹⁰² LE CARRE, J.. *O espião que saiu do frio*, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

¹⁰³ *The Spy Story*, p. 6.

*“Leamas agora entende a natureza corrupta e malévola das forças com as quais ele está envolvido; ele aprendeu como diferenciar entre bem e mal e ter coragem moral para rejeitar uma vida de ainda mais servidão a estes princípios malignos. Assim, sua morte é também uma ação moral positiva e uma resistência simbólica contra os meios pervertidos usados na luta da Guerra Fria”*¹⁰⁴

Considerando-se a ausência de uma clara definição de um conflito entre Bem e Mal em *UVLC*, o livro de Telmo Fortes parece, após mostrar tantos pontos de contato com as características (ou fórmulas) da Ss, distanciar-se do gênero do romance de espionagem. Tal afastamento pode ser resultado de uma decisão voluntária do autor no sentido de privar sua obra de maniqueísmo; ou, não podemos descartar a hipótese de que seja uma falha involuntária na estrutura do romance – que merece uma nova e revisada edição para impedir a publicação dos inúmeros erros de ortografia que aparecem na edição avaliada –; ou ainda, podemos sugerir uma terceira razão para que *UVLC* não se enquadre na Ss, assim como *Secret Agent*, de Conrad.

Essa terceira possibilidade estaria baseada na definição do que é Bem e o que é Mal, no estabelecimento de um código que seja compreendido como motivador da missão. Ou seja, na forma como é impreciso para o narrador quem é o inimigo de quem, e porque, pois é contra o inimigo que a missão é executada. Logo, para que haja um lado bom e um lado mal, sugere-se que seja necessário identificar o leitor com esse alinhamento moral, tornando claro que o inimigo contra quem a missão é executada é inimigo também do leitor, por afligir-lhe a segurança, de alguma forma. Antes mesmo de ser um questionamento moral, a raiz da dicotomia maniqueísta na Ss seria puramente ideológica?

¹⁰⁴ “Leamas now understands the corrupt and evil nature of the forces he is involved with; he has learned how to differentiate between good and evil and have the moral courage to reject a life of further servitude to these evil principles. Thus, his death is both a positive moral action and a symbolic stand against the perverted means used in fighting the Cold War.” *Ibid.*, p. 6.

Uma questão de ideologia

“Chegamos a um ponto em nosso trabalho em que nossos estudos não mais podem ignorar os impérios e o contexto imperial”¹⁰⁵

Edward Said

Retomando a questão dos conflitos Bem x Mal dentro da Ss, seria simples afirmar que estes se desenrolam unicamente entre países, mas isto seria reduzir a um dogma aquilo que é uma característica deste gênero. Existem obras que poderiam causar a impressão de que a regra estivesse errada, como a maioria dos livros de Ian Flemming contando as aventuras de 007. É muito comum encontrarmos o agente secreto James Bond enfrentando milionários ensandecidos na busca do poder. Apesar de aparentemente indicarem características profundamente pessoais, veremos adiante que tais personagens podem ser diretamente associados a tipos étnicos e, como consequência, a nações.

Esse tipo de ligação tem contornos bem peculiares em *UVLC*, porque a trama é ambientada em uma região onde se misturam nacionalidades (brasileiros, alemães, italianos e seus descendentes) que se tornaram antagônicas no decorrer da História. Inicialmente imigrantes bem-vindos ao país, os europeus acima citados, com o decorrer da guerra, ganham status diferente conforme eventos violentos ocorrem entre as nações que eles representam. Um exemplo destes antagonismos é o início da rivalidade entre Brasil e Alemanha, com o afundamento de vários navios brasileiros por submarinos alemães. Através da apresentação de um comandante de submarino alemão, que caça embarcações no Atlântico Sul, o narrador resgata esses eventos históricos:

“O comandante Harro Schacht, com trinta e cinco anos de idade e uma larga folha de serviços prestados à Kriegsmarine, era agora o único remanescente daqueles dez submarinistas que haviam partido em julho para hostilizar os navios e os portos brasileiros, por expressa decisão de Hitler (...) Emergiu traiçoeiramente o seu U-507 no entardecer do dia 15, (...) e mandou um certo torpedo contra o velho e moroso Baependi, matando duzentos e setenta homens.”¹⁰⁶

A ação de Harro Schacht prossegue nos poucos dias que permanece nas águas do sul. O narrador não a interrompe para algum tipo de repercussão, mostrar o que o

¹⁰⁵ SAID, Edward W., *Cultura e Imperialismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, tradução de Denise Bottman, p. 37.

¹⁰⁶ FORTES, T., Op. cit., p. 135-136.

governo teria pensado, ou da forma que teria agido – tão pouco se refere a uma provável revolta do povo brasileiro. Apenas dá continuidade aos ataques de Harro:

“Harro perambulou por ali e duas horas depois apanhou o Araraquara. Das cento e trinta e nove pessoas a bordo, perderam-se cento e trinta e uma (...) Harro era experiente, ao contrário dos ingênuos comandantes mercantes brasileiros que navegavam com as luzes acesas”¹⁰⁷

No total, o narrador mostra cinco navios sendo afundados e centenas de vidas perdidas. Faz isso de forma distante, como um frio relato histórico. Ele encerra o raide do comandante alemão de forma breve, dizendo que *“Com estes troféus desprovidos de valor moral, Harro Schacht retornou para a sua base francesa...”¹⁰⁸*. O resultado dos ataques às embarcações brasileiras surge na terceira página dedicada a este episódio, estopim para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. No entanto, esse capítulo dramático da história brasileira parece ser tratado com certo ar irônico pelo narrador:

“A declaração de guerra não gerou nada por si só que desanimasse o bando de contrabandistas, pois pelo menos nas primeiras semanas, oficialmente o governo brasileiro não se mexeu, dando a idéia de a guerra parecia não ser com ele.”¹⁰⁹

Apesar de mostrar esta escalada de beligerância, o narrador concentra sua atenção na missão dos pneus e trata a rivalidade entre as nacionalidades envolvidas de uma forma menos acentuada. Para que possamos fazer uma análise sobre os antagonismos existentes em UVLC, usaremos como ponto de partida uma listagem de todos os relacionamentos entre nacionalidades existentes no romance:

- Alemães -> Teuto-brasileiros
- Brasileiros -> Teuto-brasileiros
- Teuto-brasileiros -> Teuto-brasileiros
- Brasileiros -> Norte-americanos
- Alemães -> Norte-americanos
- Argentinos/Paraguaios -> Teuto-brasileiros
- Alemães -> Argentinos/Paraguaios

A lista acima mostra em que níveis se desenvolvem os contatos dos personagens, mas não revela as naturezas e as finalidades das relações. Considerando o

¹⁰⁷ Ibid., p. 136

¹⁰⁸ Ibid., p. 137.

conteúdo da obra, podemos destacar que existem confrontos, antagonismos significantes, nas seguintes relações:

- Teuto-brasileiros -> Teuto-brasileiros
- Alemães -> Norte-americanos
- Brasileiros -> Teuto-brasileiros

A primeira relação apresenta confronto entre Lothar e o pessoal do Partido Nacional-Socialista no Brasil, que se encontra pronto para prejudicar o irmão do espião por negar-se a aceitar uma posição de submissão ao partido. É um dos mais vigorosos conflitos da trama, o único diante do qual Lothar é levado a tomar atitudes violentas, e acontece exatamente entre dois grupos de descendentes de alemães no Brasil. Após ser pego de surpresa ao chegar ao quarto do hotel onde se hospedara em Brusque (SC), Lothar tenta subjugar os homens do Partido Nazista local:

“Ao se aproximar, ofegante, Lothar levantou a pistola e encostou o cano em sua testa. Dê-me sua arma, por favor – disse procurando controlar a voz. Schnabel entregou um grande revólver, sem criar dificuldades.”¹¹⁰

E depois, mais tarde, quando Hirsch recebe a incumbência de participar da segurança da reunião do partido em Porto Belo para receber tripulantes do submarino U-513, as desavenças anteriores estão longe de ter sido contornadas. O antagonismo aparece evidente:

“- Pois eu quero garantias por escrito de que esse Winckler não vai entrar no local da festa, não vai se aproximar da minha pessoa e não vai me dirigir a palavra. Recebi uma ameaça de morte dele. A questão está sob os cuidados da justiça partidária.”¹¹¹

Um segundo conflito dentro de *UVLC* ocorre entre os personagens alemães e os norte-americanos, a exemplo de O’Shaughnessy e de Whitcomb, o próprio piloto que afundou o submarino que dá nome ao livro – dois personagens que demonstram predisposição para enfrentar tanto alemães quanto teuto-brasileiros pelo elementar fato de que estes últimos fazem parte do outro lado, dentro do grande plano da Segunda Guerra Mundial.

Esse conflito tem seu clímax no capítulo 20 que é praticamente o último já que o capítulo 21 não acrescenta nada à ação do livro, resumindo-se a uma explicação sobre o que teria acontecido aos personagens principais com o passar dos anos. Da página 267 até a

¹⁰⁹ Ibid., p. 138.

¹¹⁰ *UVLC*, p. 102.

272 ocorre o confronto final entre as tripulações do hidravião Nickle Boat e o U-513. O desfecho desse conflito é o último foco de ação do romance, e é aquele que envolve o elemento físico que dá nome ao livro. Apesar disso, não se trata de representante do antagonismo principal. Tem menos peso e é menos valorizado – pode-se perceber isso através de uma simples contagem do número de páginas – que o antagonismo entre teuto-brasileiros e brasileiros, que é o que veremos a seguir.

O confronto entre brasileiros e teuto-brasileiros é o último que aparece em nossa lista porque a ele precisamos dar mais destaque. É o grande conflito da obra, representado pela caçada do policial Pereira a Lothar e seu esquema de espionagem. Essa perseguição se inicia na página 47 (com a apresentação do policial) e prossegue até a página 266, suscitando um questionamento: o suspense do livro reside na dúvida quanto às condições de Lothar Winckler conseguir levar a cabo sua missão sem ser preso por Pereira? Ou quanto às chances de Pereira prender Winckler? Cabe aqui retomar uma citação que fizemos no capítulo anterior, investigando a forma de pensar do policial Pereira:

"...bandido era quem matava, roubava, feria, furtava, abusava de mulheres, incendiava casas ou abandonava crianças ao relento. Os restantes, do tipo falsário, vigarista, contrabandista e caluniador, eram casos para serem examinados com vagar. [...] Onde encaixar então, os agitadores nazistas? Em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, as chefias sabiam dessa relutância, mas na falta de um organismo especial de segurança eram compelidos a manter com a polícia judiciária a função de contra-espionagem."¹¹²

Pereira questiona-se acerca da classificação do delito que seria cometido por aqueles a quem chama de “agitadores nazistas”. A voz do policial confundir-se-ia, no trecho, com a do narrador? A dúvida do policial ultrapassa os limites de suas decisões pessoais e profissionais e é compartilhada com o leitor. Isto acontece porque neste trecho fica muito claro – mais do que em qualquer outro – que o ponto de vista de Pereira, apesar de a narrativa estar em terceira pessoa, é o ponto de vista predominante dentro da obra – seria o ponto de vista do autor? Neste ponto, tomaremos emprestadas de Lubbock algumas considerações sobre as propriedades do narrador de romance para que possamos seguir adiante.

“O narrador pode haver-se da melhor maneira possível, pode haver-se tão bem que ouvi-lo seja tão bom quanto ver o que ele descreve, e nada poderia ser melhor; e aqui talvez terminasse a questão, se isso fosse tudo. Mas ela depende muitíssimo da natureza da história, pois é possível que ele conte e descreva coisas que um homem jamais poderá demonstrar; o que ele conta a respeito de si mesmo, por exemplo, não

¹¹¹ Ibid., p. 251.

¹¹² UVLC, p. 49.

*pode ser integralmente válido, não por improbidade sua, mas apenas porque nenhum homem pode objetivar-se integralmente, e um relato crível de alguma coisa precisa parecer destacá-la, libertá-la de todo para que possa ser examinada. E assim o romancista continua na direção do drama; coloca-se atrás do narrador e representa a mente do narrador como se ela, em si mesma, fosse uma espécie de ação.*¹¹³

Voltemos a Pereira e sua consideração sobre os agitadores nazistas. O narrador descreve que existe uma relutância em Pereira no caso de atribuir-lhes uma classificação de marginalidade. Para o policial, não seriam eles seus inimigos, mas sim os bandidos normais, como ele mesmo diz, aqueles que roubam, que matam, que maltratam mulheres e crianças e etc. Antes de entrarmos na discussão sobre quem seria inimigo de quem em *UVLC*, precisamos olhar para o narrador e tentar estabelecer como e se a sua presença se revela nesse romance – e na *Ss* – para que possamos tentar compreender como são os relacionamentos antagônicos entre os personagens e como eles atingem, ou não, o leitor.

É possível destacar, dentro de *UVLC*, a presença de um narrador que sabe de tudo o que acontece a todos os personagens, em todos os lugares, e até mesmo se permite realizar superficiais mergulhos psicológicos – superficiais, é bom ressaltar aqui. Uma outra característica do trabalho deste narrador é a frequência com a qual dedica parte de seu tempo a fazer comentários sobre os fatos. Poderia ser classificado, de acordo com a teorização de Décio de Almeida Prado, como um narrador onisciente – “é esta, sem dúvida, a maneira tradicional e ‘natural’ da narração”¹¹⁴. Em *A Personagem no Teatro*, ao comparar a literatura com o teatro, Prado mostra o seguinte perfil:

*“O narrador, por excelência, talvez seja dominante no romance do século XIX, o narrador impessoal, pretensamente objetivo, que se comporta como um verdadeiro Deus, não só por haver tirado as personagens do nada como pela onisciência de que é dotado. Ele está em todos os lugares e ao mesmo tempo, abarca com o seu olhar a totalidade dos acontecimentos, o passado como o presente, é ele quem descreve o ambiente, a paisagem, quem estabelece as relações de causa e efeito, quem analisa as personagens (revelando-nos coisas que às vezes elas mesmos desconhecem), é ele quem discorre sobre os mais variados assuntos (lembremo-nos das intermináveis considerações marginais de Tolstoi em *A Guerra e Paz*), carregando o romance de matéria extra-estética, dando-lhes o seu sentido social, psicológico, moral, religioso ou filosófico.”*¹¹⁵

¹¹³ LUBBOCK, P., *A técnica da Ficção*, Cultrix, São Paulo, 1976, tradução de Otávio Mendes Cajado. Original de 1921, p. 95.

¹¹⁴ WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da Literatura*. 3ª ed., São Paulo, Publicações Europa-América – Biblioteca Universitária, 1976. p. 277.

¹¹⁵ PRADO, D. de A., *A Personagem no Teatro*, in *A Personagem de Ficção*, Editora Perspectiva, CÂNDIDO, A., ROSENFELD, A., GOMES, P. E. S., São Paulo, 1974, p. 85-86.

Cabe ressaltar o último aspecto citado por Prado, que é essa capacidade de discorrer “sobre os mais variados assuntos”. O narrador de *Ss* dá a impressão de fazer mais que isso. Extremamente ligado aos fatos, o narrador não somente explica em minúcias detalhes históricos, de contextos e de elementos, mas também se permite entrar em cena. Para Norman Friedman, em *Point of View in Fiction*¹¹⁶, este narrador, além de ser considerado onisciente, é chamado de “intruso”. Podemos acrescentar ainda que, nesta intrusão, ele também é parcial (tendencioso). No trecho de *UVLC* podemos visualizar um exemplo dessa tendência de ir além da simples narrativa dos fatos e expressão de opiniões:

*“No correr da década de trinta, quando era farta a “imigração” de agentes da Ausland e dos serviços de segurança para a América Latina, muitos deles foram mandados para a região de Blumenau, local de uma concentração alemã que primava pela qualidade de seus integrantes.”*¹¹⁷

Quando o narrador fala sobre a “qualidade de seus integrantes” ele está dando uma opinião. Começa, com essas palavras, a fazer ironias sobre a imigração alemã em Santa Catarina, como podemos ver em seguida, na continuidade do texto:

*“Um bom teuto-brasileiro fazia questão de proclamar as suas raízes nobres. Todos eles, conforme afiançavam, vinham de famílias ricas, em cujas respectivas genealogias encontravam-se valentes generais, estadistas eméritos, industriais poderosos, cientistas brilhantes, ou pelo menos um artista de valor ou um barão com seu castelo erguido sobre um daqueles montes nevados que lembravam as paisagens das histórias de Grimm.”*¹¹⁸

Se a ironia já começa a se mostrar presente neste parágrafo, no seguinte ela fica ainda mais mordaz, mais ácida. O narrador espeta, deliberadamente (e tendenciosamente), a comunidade teuto-brasileira, questionando um discurso que, segundo ele, seria falso:

*“Quando embarcaram em Hamburg, Bremerhaven ou Kiel, contudo, sobraçando seus sacos de parques haveres e cheios de dívidas - as deixadas para trás e as que vinham pela frente, contraídas com as companhias colonizadoras - eles não tinham tanta soberba. Na América, ao longo das décadas, partindo da pobreza e amealhando fortuna, mercê do trabalho incessante e incansável de sucessivas gerações, foram amadurecendo a idéia de que certamente nunca tinham sido simples colonos quase desvalidos...”*¹¹⁹

¹¹⁶ FRIEDMAN, Norman. *Point of View in Fiction, the development of a critical concept*. In: STEVICK, Philip, ed. *The Theory of the Novel*. New York, The Free Press, 1967.

¹¹⁷ *UVLC*, p.89.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 89.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 89.

Não seria somente, e vimos isso agora, um narrador que sabe de tudo o que está se passando com e entre os personagens e fornece essas informações ao leitor. É também um narrador que perde sua invisibilidade quando faz comentários que parecem se destacar da narrativa com muita clareza. O perfil desse narrador se repete continuamente dentro do romance de espionagem para que se pense ser uma eventualidade. Podemos observar o trecho de *A Soma de Todos os Medos*, de Tom Clancy, onde um detetive da polícia federal alemã (a Bundeskriminalamt) interroga uma terrorista:

“O detetive removeu a fita cassete do mesmo aparelho que usara para exibir a comovente cena familiar. Guardou-a na mesma pasta com a outra. Trancou a pasta e levantou-se. Não havia um sorriso em seu rosto, mas havia uma expressão de satisfação. Não era culpa sua que o Bundestag e o Bunrestag fossem incapazes de aprovar uma simples e eficiente pena de morte. Isso acontecia por causa dos nazistas, é claro. Malditos bárbaros. Mas até os bárbaros não eram idiotas rematados (...) O desenlace, refletiu o detetive, era bastante justo.”¹²⁰

O narrador, como foi explicado, é onisciente, sabe o que o detetive pensa – um detetive que é personagem secundário na trama e, está bem claro, além de ter a capacidade de descrever os pensamentos dos personagens, funde-os com suas próprias opiniões. Em *Nosso Homem em Havana*¹²¹, de Graham Greene, apesar do pouco espaço disponível para se perceber a presença do narrador (a grande maioria do texto é composta por diálogos) é possível pinçar momentos como o que segue, quando Wormold está em um jantar para autoridades diplomáticas:

“O dr. Braun, que, com uma palmada nas costas, encaminhou Carter, figura sem importância, para junto de um suíço que negociava com relógios, estava agora conduzindo o cônsul geral americano em torno da sala, a fim de apresentá-lo aos membros mais importantes. Os alemães formavam um grupo à parte, colocando-se, de maneira bastante adequada, junto da parede que dava para o ocidente, tendo todos no rosto, como cicatrizes de duelos, o ar de superioridade do marco alemão: a honra nacional, que sobrevivera a Belsen, dependia agora de uma cotação de câmbio”¹²²

Mesmo com pouco tempo (ou oportunidade) de aparecer, o narrador faz uma observação sobre os alemães que em nenhum momento demonstra ser de autoria de um personagem. Mais evidente ainda, a ação deste narrador pode ser vista em *O Punho de*

¹²⁰ CLANCY, T., *A Soma de Todos os Medos*, p. 254.

¹²¹ GREENE, Graham. *Nosso Homem em Havana*. São Paulo, Folha de São Paulo, 2003, Tradução de Brenno Silveira.

¹²² *Ibid.*, p. 222.

*Deus*¹²³, de Ken Follet. Ao contar a história de um oficial britânico que se infiltra no Iraque durante a formação da coalizão da primeira Guerra do Golfo, o narrador se permite longos momentos nos quais se isola de qualquer personagem. Nesses momentos ele dá opiniões, faz digressões, mas raramente – seria possível arriscar até a afirmar que nunca – se deixa levar a fazer um mergulho psicológico. O trecho abaixo se passa no segundo dia da guerra, e é dedicado a explicar como foram os ataques iraquianos aos países vizinhos com mísseis Scud:

*“O verdadeiro Scud era um míssil soviético impreciso e obsoleto, do qual o Iraque comprara novecentos, vários anos antes. Tinha um alcance inferior a trezentos quilômetros e carregava uma ogiva de menos de quinhentos quilos. (...) Do ponto de vista do Iraque, fora uma aquisição virtualmente inútil. O míssil não podia alcançar Teerã, na guerra Irã-Iraque, e também não podia alcançar Israel, mesmo que disparando da fronteira oeste do Iraque. / O que os iraquianos fizeram, com a ajuda técnica alemã, foi bizarro.”*¹²⁴

Podemos afirmar que o narrador de *UVLC* se comporta do mesmo modo, ou até é tão intruso quanto os narradores dos exemplos citados. Conforme vimos, ele opinou sobre a arrogância dos imigrantes alemães de Blumenau, afirmou que o comandante alemão que afundou embarcações brasileiras amealhou *“troféus desprovidos de valor moral”* e, ao longo da obra, deu inúmeras outras opiniões sem ser pelo intermédio da boca de personagem algum. Mas, a nosso ver, esse mesmo narrador onisciente, que se sente tão à vontade para fazer suas intrusões, utiliza o fluxo de consciência¹²⁵ de Pereira para dar uma das opiniões mais marcantes da obra: aquela em que o policial alega que não vê crime nos atos dos agitadores nazistas.

¹²³ FORSYTH, Frederick, *O Punho de Deus*, tradução de Pinheiro de Lemos, Record, São Paulo, 1994.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 366

¹²⁵ Wellek e Warren definem como fluxo de consciência uma ferramenta do narrador: *“Um recurso técnico característico do romance objectivo é aquele a que os Alemães chamam ‘erlebte Rede’ e os franceses ‘le style indirect libre’ (Thibaudet) e le ‘monologue intérieur’ (Dujardin). Em inglês, encontra impreciso e amplo equivalente na frase ‘stream of consciousness’, originada por William James. Dujardin define o ‘monólogo interior’ como um processo para a ‘directa introdução do leitor na vida interior da personagem, sem quaisquer intervenções da parte do autor sob a forma de explicações ou comentários...’ e como ‘a expressão dos mais íntimos pensamentos, daqueles que mais próximos se encontram do inconsciente...’*, WELLEK, René; WARREN, Austin. Op. Cit., p. 279-280. Nos romances de Clancy, o fluxo de consciência parece se fundir com a *“intrusão”* (grifo nosso) do narrador, em momentos em que uma idéia do personagem é concluída como se ele ou se o narrador fizessem uma pergunta ao leitor. Tomemos um breve exemplo em *A Soma de Todos os Medos*: *“A chegada a Israel, tão pouco tempo antes, parecera a todos como a verdadeira salvação... e agora recebiam a ordem de deixar suas casas? Outra vez? Suas vidas já haviam recebido choques em demasia. Aquele era a gota d’água”*, p. 269, ou, demonstrando de forma ainda mais clara a utilização do recurso, em nome de uma parcialidade, no seguinte trecho: *“Qati franziu o cenho. Não era um homem que empalidecia à vista de sangue, mas também não era de matar desnecessariamente. Já precisara antes matar pessoas por razões de segurança, embora não muitas. Estava quase se tornando um hábito. Mas por que se preocupar com uns poucos, quando se planeja matar muito mais?”*, p. 452.

A trama em si sustenta o ponto de vista de Pereira: o propósito da missão de Lothar não parece causar mal nenhum a ninguém, assim como o processo para desempenhá-la; em suas passagens pelo interior do Brasil, o espião encontra a família sendo vitimizada por pessoas aliadas àquelas que o empenharam da missão, e contra elas se volta, numa ação de heroísmo e despreendimento, em defesa dos oprimidos (sua família); Lothar consegue ajudar sua família utilizando como moeda sua habilidade em vigilância, servindo aqueles para quem – em princípio – seria mesmo obrigado a trabalhar.

Ou seja, dentro do ponto de vista de Pereira, que parece ser compartilhado sem parcimônia pelo narrador, Lothar, parece, não faz mal nenhum a ninguém! Somente de acordo com o ponto de vista pouquíssimo explorado do agente do FBI, Emil Oshaughnessy, e de dois agentes nazistas em solo sul-americano – Grubber e Becker – sua ação poderia representar algum tipo de ameaça:

“Grubber chamou Becker para um lado e segredou:

— Escreva a ordem de eliminação de Winckler, e mande alguém do SD fazer o serviço... Sabine, por exemplo! Ou aquele fanático da Ausland, lá de Santo Antônio, o tal Lowitz.

— Você é o homem indicado para a tarefa — retorquiu Becker.

— Sou da Gestapo. Preciso de uma ordem de Muller para fazê-lo. Ele jamais a dará.”¹²⁶

Quando Grubber e Becker decidem que Lothar deve ser morto, fazem isso porque, apesar de o espião estar desempenhando bem seu trabalho, suas idas e vindas a Santa Catarina com a intenção de liberar sua família da pressão do partido podem colocar em risco todo o sigilo da operação. Lothar seria, então, um inimigo de seus próprios aliados, mas não por vontade própria.

Poder-se-ia dizer que Lothar, então, representa o Mal para o Partido Nazista, já que ele se coloca numa posição antagônica a algumas de suas metas – mas não de todas! Não podemos esquecer que o que move o espião é exatamente a missão em benefício do Partido Nazista. É por estar agindo em seu nome que ele é caçado pela polícia, por Pereira, que é brasileiro e age ao lado dos aliados norte-americanos. Então, com referência a Pereira, Lothar representaria o Mal, mas o próprio Pereira isenta-o desse rótulo, como já foi visto.

Uma relação sinuosa. No entanto, essa sinuosidade não aparece com clareza em nenhum momento. Prevalece o ponto de vista difuso de Pereira, que não consegue discernir a categoria do espião dentro do conflito Bem x Mal do qual ele próprio está imerso

¹²⁶ UVLC, p. 120.

até o pescoço em sua situação rigidamente maniqueísta de policial – *um policial incansável, honesto e dotado de invulgar capacidade investigativa*¹²⁷. Parece o tempo todo, que o narrador não quer envolver o esforço da missão do espião com as ações que o próprio Lobo Cinzento (e seus colegas de “matilha”, os outros submarinos alemães no Atlântico Sul) desenvolve no mar, afundando navios e tirando vidas de centenas e milhares de brasileiros.

Essa ambigüidade dentro de *UVLC* não pode ser considerada – a priori – um distanciamento das regras da Ss. Mesmo o personagem de 007, em seu primeiro romance, experimentou uma sensação de não saber ao certo qual lado deveria ser considerado o Bem, e mesmo se o trabalho de espionagem permitiria uma visão maniqueísta do mundo. Umberto Eco, em *James Bond: Uma Combinatória Narrativa*, mostra como 007 enxergava ao final do romance *Casino Royal* seu oponente, Le Chifre:

*“A diferença entre o bem e o mal é verdadeiramente tão nítida, reconhecível, como o quer a hagiografia da contra-espionagem? Neste momento, Bond está maduro para a crise, para o reconhecimento salutar da ambigüidade universal, e para tomar o caminho percorrido pelo protagonista de Le Carré (Em O Homem que Veio do Frio, ie). Mas no momento em que ele se interroga sobre a aparência do diabo e em que está pronto para reconhecer no adversário um ‘irmão separado’, James Bond é salvo por Mathis.”*¹²⁸

Eco mostra Bond avaliando seu inimigo e encontrando nele semelhanças. Como não vê-las, considerando-se que no grande jogo disputado entre nações, as quais geralmente são representadas nas Ss, os interesses de cada uma são invariavelmente os mesmos? Paul Bleton, no já citado trabalho que atribui à Ss a filosofia de Maquiavel (os fins justificam os meios), se pergunta como no gênero é possível definir um lado correto, se os dois desejam atingir os mesmos fins. Esta pergunta é retórica, na verdade, pois ele sabe que o gênero não permite esta ambigüidade. É exatamente por isso que o amigo de 007, Mathis corta o fluxo de pensamento do agente secreto James Bond, rumo a uma jornada pela sua autoconsciência:

*“...Quando você voltar a Londres, descobrirá que há outros Chiffre que tentam destruí-lo, destruir seus amigos e seu país. ‘M’ lhe falará. E agora que viu um homem verdadeiramente mau, saberá sob que aspecto o mal pode apresentar-se, irá à procura dos maus para destruí-los e proteger assim os que você ama, e você mesmo...”*¹²⁹

¹²⁷ Ibid., p. 219.

¹²⁸ ECO, Umberto. *James Bond, Uma Combinatória Narrativa*, in *Análise Estrutural da Narrativa*, 2 ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1973, p. 137.

¹²⁹ Ibid., p. 138.

Mathis não dá chance para que 007 pare para pensar e acabe assim questionando toda a lógica de seu trabalho de espião. Ele diz que M eliminará qualquer dúvida que ele eventualmente possa ter. Da mesma forma que o narrador, que o ponto de vista do narrador, no romance de espionagem, faz com o leitor – por isso suas intrusões tão oportunas. Não pode haver dúvida de qual lado representa o Bem e a qual lado resta representar o Mal. Esse narrador onisciente e intruso está presente em praticamente todos os casos de Ss, porque eles todos foram criados sob a mesma égide, a da dominação. Não importa para onde olhemos quando estamos procurando o lado do Bem ou o do Mal dentro de um romance de espionagem, pois o primeiro sempre vai despontar como aquele que obtém a supremacia e o direito de invadir a soberania do outro no final. Bleton procura esclarecer da seguinte forma:

“O gênero declina com efeito em todos os extratos semióticos sua idéia de dominação: arrombamento dos territórios nacionais dos "outros" e de seus espaços imaginários como acabamos de ver, arrombamento dos seus segredos mais bem guardados, arrombamento da personalidade social (chantagem) ou psicológica (torturas físicas, lavagem de cérebro), invasão dos corpos (tortura)...”¹³⁰

Tais atividades, é preciso tornar claro, são prerrogativas dos dois lados dentro de uma relação de espionagem e contra-espionagem, mas caberá somente ao Bem o direito de fazê-lo. Mas onde estaria a chave para este entendimento, que não aparece com clareza na forma como Pereira, em *UVLC*, questiona-se acerca de possíveis crimes cometidos por ativistas nazistas em solo brasileiro, e que surgem como letreiros luminosos no breve discurso de Mathis para 007 em *Casino Royal*? A fala de Mathis é tão eficiente que não somente elimina a dúvida do agente secreto que, como define Eco, abandona “*as vias incertas da meditação moral e do tormento psicológico*”¹³¹, e também o transforma em “*uma máquina magnífica, como o querem, Mathis, o autor e o público*”¹³².

O mecanismo que Eco revela em *Casino Royal* não é exclusivo de 007. A missão, como já vimos, é elemento integrante da narrativa dentro da Ss. No caso da obra de Flemming, o personagem que atribui a 007 a missão é sempre M, considerando-se que 007 e M são elementos de uma máquina – narrativa – que Eco aposta que funciona “*à base de*

¹³⁰ “*le genre décline en effet dans toutes ses strates sémiotiques son idée de la domination effraction des territoires nationaux des "autres" et de leurs espaces imaginaires comme on vient de le voir, effraction de leurs secrets les mieux gardés, effraction de la personnalité sociale (chantage) ou psychologique (tortures psychiques, lavage de cerveau), effraction des corps (torture)” Le Anges du Machiavel, Paul Bleton, s/n*

¹³¹ Análise combinatória, p. 138.

¹³² Idem, p. 138.

unidades suficientemente simples sustentada por regras rigorosas de combinação”¹³³. Tal combinação estabelece que o relacionamento Bond-M (“*relação dominado-dominante que caracteriza desde o começo os limites e as possibilidades do personagem Bond, e dá campo livre às aventuras*”) “*mesmo se atendo puramente à narrativa*”¹³⁴, mostra que “*M coloca-se diante de Bond como detentor de uma informação total concernente aos acontecimentos*”¹³⁵. Em *UVLC*, Lothar tem seus próprios “Ms”, que lhe fornecem tudo o que precisa saber para seguir adiante em sua missão de amealhar pneus para a Alemanha, mas sem a mesma clareza, com a qual Eco se permite afirmar que “*colocado por M na rota do Dever a todo preço, Bond entra em contraste com o Mau*”¹³⁶. Esta mesma clareza permite que seja definido, mesmo que em amplo espectro, quem é o Mau para a saga de James Bond:

*“O Mau vê o dia em uma zona ética que vai da Europa Central aos países eslavos e à bacia do Mediterrâneo. É habitualmente de sangue mestiço e suas origens complexas e obscuras. É assexuado ou homossexual; em todo caso, não é sexualmente normal... ele empreendeu por sua própria conta uma atividade considerável que lhe permite juntar uma imensa fortuna, graças à qual trabalha em favor da Rússia... estudado em seus menores detalhes, visa a colocar em sérias dificuldades ou a Inglaterra ou o Mundo livre em geral... reúne de fato os valores negativos que identificamos... em particular os pólos União Soviética e países não anglo-saxões”*¹³⁷

Se para Eco estava claro que todo e qualquer vilão de Flemming – por mais que tivesse sua maldade e desequilíbrio moral ligados a motivações estritamente pessoais – era uma representação de ameaças não somente russas, mas também de qualquer povo não britânico ou norte-americano, o mesmo ficou evidente com relação a outros autores de Ss, tanto que para Cawelti e Rosenberg:

*“‘Eles’ não são simplesmente outra força política ambígua diferente somente em grau em comparação a ‘nós’ – um tema hegemônico na recente spy story – ‘eles’ são uma civilização estrangeira que ameaça a continuação de ‘nossa’ vida”*¹³⁸

O discurso de Cawelti e Rosenberg é sugestivo. A definição do inimigo é de suma importância para o romance de espionagem e, sem que este inimigo esteja presente, parece ser impossível que exista a Ss. Já vimos antes a referência de Cawelti e Rosenberg em

¹³³ Idem, p. 139.

¹³⁴ Uma combinatória narrativa, p. 140.

¹³⁵ Idem, p.140.

¹³⁶ Idem, p. 141.

¹³⁷ Idem, p. 145-146.

The Spy Fiction ao livro *The Secret Agent*, de Conrad. Para os dois pesquisadores do gênero sem que haja um conflito Bem X Mal não existe Ss. Agora estamos aptos a ir mais além: para que exista Ss, é preciso que o código do conflito Bem x Mal seja não apenas claro, mas também que o Bem seja alvo de identificação do leitor. Por isso que Cawelti e Rosenberg sejam tão precisos ao definir o inimigo como “eles” e o Bem como “nós”, indo de encontro ao que Eco – que não se enquadra como cidadão anglo-saxônico – estabelece em seu estudo sobre a obra de Flemming.

John Atkins, em *The British Spy Novel*, concorda com Eco ao afirmar que “o mais claro caso de autor/agente que não tem dúvidas sobre a identidade de seu inimigo é, obviamente, Fleming/Bond”¹³⁹. É interessante reparar como, no capítulo em que Atkins se dedica a esmiuçar os inimigos dentro da Ss britânica ele trate Fleming e Bond como se ambos representassem a mesma entidade. E Atkins vai mais fundo em sua análise deste inimigo que não somente incomodava M e Bond, mas também ao próprio Fleming:

“...os grupos que preocupam M são SMERSH, os alemães chyper-breakers, o círculo de traficantes de ópio chineses, a máfia e as grandes gangues americanas. Agora, somente dois destes são essencialmente políticos e, descontando a espionagem industrial que raramente aparece na ficção, o espião é um animal político”¹⁴⁰

Tais afirmações ajudam a estabelecer algo que podemos aproximar de uma ‘teoria’, surgida ao longo do desenvolvimento deste trabalho a partir do estudo teórico e das reflexões críticas. Apelidamos de “Teoria do Inimigo” (grifo nosso), que poderia trazer como princípio básico: o inimigo do espião de Ss deve ser o inimigo do narrador, assim como o inimigo do autor, e também, por extensão, identificar-se como inimigo do leitor. Esta teoria, por mais resumida e simples que possa parecer, indica algo que estamos, de forma mais argumentativa, comprovando nesse texto. Todo o desenvolvimento que fizemos aqui, desde resumir *UVLC*, passando por mostrar o histórico da Ss e suas características, comprova que o gênero foi criado e se desenvolveu no seio da civilização anglo-saxônica. Além disso, os ensaios utilizados como referência nesta dissertação, os que versam especificamente sobre o romance de espionagem, são também fruto da produção acadêmico/cultural anglo-saxônica

¹³⁸ ““they”are not simply another ambiguous political force different only in degree from “us” - a prevalent theme of the recent spy story - “they”are an alien civilization wich threatens the very continuation of “our”life.”, *The Spy Story*, p. 42.

¹³⁹ “the most clear-cut case of the author/agent who had no doubts about the identity of the enemy is of course Fleming/Bond”, *The British Spy Novel*, p. 202.

(distanciam-se um pouco deste meio os estudos de Paul Bleton, e as obras sobre as quais seus estudos se debruçam). Esses estudos apresentam pontos de vistas internos em suas análises do gênero, alguns deles tratando claramente o inimigo como “eles”, e o Bem como “nós”.

Se isso acontece – este isolamento teórico e crítico da Ss – é porque o fenômeno do romance de espionagem, apesar de ser hegemônico no século XX, parece ter despertado pouco a curiosidade dos estudiosos da literatura no Brasil e em nações que não falam inglês, como alvo de avaliação e crítica. Podemos, nesse sentido, revendo o assunto às luzes de Venuti, considerar que esse gênero, que chega traduzido à maioria de seus leitores espalhados pelo mundo, é cercado por uma aparência estereotipada, como se fosse “coisa de americano” (grifo nosso):

“os padrões tradutórios que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agenda domésticas. Ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo, racismo ou patriotismo. A longo prazo, a tradução penetra nas relações geopolíticas ao estabelecer as bases culturais da diplomacia, reforçando alianças, antagonismos e hegemonias entre nações”¹⁴¹

As leituras sobre o gênero atribuem-lhe essa condição etnocêntrica, na qual no centro encontra-se a cultura anglo-saxônica, a Inglaterra, os Estados Unidos; e ao redor situa-se o resto do mundo. E assim parece decorrer porque foi desta forma durante a sedimentação da Ss, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O mundo via como seu centro de poder a Inglaterra. Era uma época em que *“as únicas questões internacionais que contavam eram as relações entre as cinco grandes potências européias... Inglaterra, Rússia, França, Áustria e Prússia. O único estado além destes com suficiente ambição e poder para ser levado em conta, os Estados Unidos...”*¹⁴², já dizia Eric Hobsbawm, exemplificando o modo como eram vistos os assuntos internacionais entre 1848 e 1875 – época em que o mundo já conhecia *O Espião*, de Cooper, e começava a ler os primeiros exemplares de Ss na França. Uma época em que o conceito de nação – tão

¹⁴⁰ “...the groups that worry M are SMERSH, the German cypher-breakers, the Chinese opium ring, the Mafia and the big Americans gangs. Now only two of these are essentially political and, apart from the industrial spy who is rarely celebrated in fiction, the spy is a political animal”, *ibid.*, p. 202

¹⁴¹ VENUTI, Lawrence, *Op.cit.* p. 130.

¹⁴² Hobsbawm, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*, 3ª ed. Paz e Terra, RJ, 1982, Tradução Luciano Costa Neto, p. 93.

importante para a formação da própria estrutura do romance de espionagem – começa a ganhar novo valor e contorno:

“...1848, a ‘primavera dos povos’, foi claramente, e sobretudo em termos internacionais, uma afirmação de nacionalidade, ou melhor, de nacionalidades rivais”¹⁴³

A formação e o fortalecimento das nações européias – não é nossa intenção aqui fazer uma incursão tão extensa ao tema, mas o suficiente para que possamos entender a conjuntura – criou um ambiente ideal para não somente a rivalidade, mas também para a suspeita e a ameaça. As classes dominantes dentro de cada país viam, na suplantação de seu vizinho, uma forma de aumentar sua área de poder. Isso, somado à facilidade com que se declaravam guerras (“...graças à falta de um sério perigo revolucionário e a existência de rivalidade internacional a um nível incontrolável... podiam iniciar e terminar guerras quase que pela livre vontade...”¹⁴⁴) gerou uma escalada de beligerância que parecia querer engolfar toda a Europa:

“...apesar de que a guerra era bastante comum neste mundo entre 1848 e 1871, o medo de uma guerra geral,... ainda não assustava os cidadãos do mundo burguês. Isso só começou a ocorrer lentamente depois de 1871”¹⁴⁵

É necessário reconhecer que o cenário delineado acima, de constantes guerras e ameaça crescente de uma guerra global tenha influenciado o imaginário do homem que vivia nas nações que se consideravam centro propagador de poder e, ao mesmo tempo, centro de todas as paranóias de vingança, exatamente contra esta propagação de poder. Alguma semelhança aos dias de hoje, considerando os EUA como referência? Tomamos emprestadas novamente as palavras de Hobsbawm para iluminar o pensamento coletivo dos primeiros anos do século XX, em outra obra:

“[...]no período de 1880 a 1914, o nacionalismo avançou dramaticamente e seu conteúdo ideológico e político transformou-se... A própria palavra ‘nacionalismo’ apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados[...]”¹⁴⁶

¹⁴³ Ibid., p. 101.

¹⁴⁴ Ibid., p. 91.

¹⁴⁵ Ibid., p. 95.

¹⁴⁶ HOBBSAWM, Eric J., *A Era dos Impérios – 1875 – 1914*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988, p. 203

Não é possível imaginar o avanço do nacionalismo, no caso, o nacionalismo britânico e o norte-americano, sem atrelá-lo ao drástico avanço de sua ideologia. Mais do que a reboque, a literatura veio impulsionando o império anglo-saxônico e suas idéias. Martin Green, no preâmbulo de sua análise da literatura inglesa no século XX, não deixa de lembrar que, no início do século passado, “*a qualquer momento existiam 200.000 marinheiros e 200.000 passageiros no mar em embarcações britânicas. De cada 1.000 toneladas de carga passando através do Canal de Suez, 700 eram britânicas*”¹⁴⁷. Para Green, era tamanho o poder, tão invejável poder de um império que “*é claro, (...), significou e significa também oportunidade, até mesmo para escritores*”¹⁴⁸.

Os escritores anglo-saxônicos, os mesmos que vimos ao longo do segundo capítulo, enxergaram esta oportunidade de mexer com as emoções de seus compatriotas¹⁴⁹, oferecendo-lhes suspense, tensão e catarse, provocando, em suas páginas, distensões entre os nacionalismos mais vibrantes de suas épocas¹⁵⁰. Kipling tratava das rusgas entre o império britânico e suas colônias na Ásia; Childers e Buchan colocavam britânicos e alemães em confronto; e, mais tarde Fleming, Greene, Le Carré e outros mostrariam a civilização anglo-saxônica travando entreveros com os russos. Todos estes conflitos que saíam das folhas dos jornais, das conversas entre os poderosos e os homens normais, direto para as páginas dos livros. Conflitos recheados de fartas doses de ideologia, de atavismo, de rivalidades antigas e preconceitos. Cabe retomar algumas palavras de Georg Lukács:

*“Os grandes romancistas esforçam-se por inventar uma ação que seja típica da situação social de seu tempo e, para suporte desta ação, escolhem um homem que possa revestir-se dos traços típicos da classe e, ao mesmo tempo na sua aparência e em seu destino, que possa aparecer como positivo e digno de ser sustentado”*¹⁵¹

Os romances que remontam do nascimento da Ss, a meu ver, encaixam-se perfeitamente na definição de Lukács. Como vimos antes, os primeiros romances de

¹⁴⁷ GREEN, Martin. *The English Novel in the Twentieth Century – The Doom of Empire*, 1984, Routledge, Kegan Paul plc – Londres, “*At any moment there were 200.000 seaman and 200.000 passengers at sea on British ships. Of every 1.000 tons of shipping passing through the Suez Canal, 700 were British*”, p. 4.

¹⁴⁸ “*Of course, empire did and does also mean opportunity, even for writers*”, *ibid.*, p. 11.

¹⁴⁹ Edward W. Said, em *Cultura e Imperialismo* cita, na página 39, que: “...para os cidadãos da Inglaterra e França oitocentistas, o império era um grande tema de atenção cultural sem que houvesse qualquer constrangimento”.

¹⁵⁰ Sobre o impacto da tradução e da divulgação de obras dentro de um contexto como o citado acima, podemos citar palavras de Venuti: “Os governos coloniais fortaleceram sua hegemonia por intermédio de traduções que eram inscritas com a imagem que colonizador tinha do colonizado, um estereótipo étnico o racial que racionalizava a dominação”, VENUTI, Lawrence, *Op. Cit.*, p. 312.

¹⁵¹ Lukács, Georg. *Écrits de Moscou*, 1974, Éditions Sociales, Paris.

espionagem apresentavam espões amadores, pessoas normais (esse homem revestido dos traços típicos da classe) envolvidas em situações extraordinárias, mas é possível considerar ainda mais pertinente quando Lukács esmiúça que os romancistas inventam ação típica da situação do seu tempo. Assim, entendemos a influência não somente da época, mas do poderio do império britânico – e do poderio da nação que conseguira expulsar os britânicos para fora de suas fronteiras – na formação de um gênero.

Passa muito perto das idéias de Lukács, com uma visão clara da influência da história na criação literária, Edward Said em *Cultura e Imperialismo*. De origem muçulmana e com uma vasta experiência dentro do império norte-americano, Said não crê que:

*“...os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus”*¹⁵²

E ao mesmo tempo em que Said não crê em um mecanicismo ligando os autores com o poder, propriamente dito, ele mesmo afirma que *“como as narrativas desempenham um papel notável na atividade imperial, não surpreende que a França e (sobretudo) a Inglaterra tenham uma tradição ininterrupta de romances, sem paralelo no mundo”*¹⁵³. O argumento faz a conexão com os ingredientes que servem de sustentação para uma afirmação feita no capítulo anterior deste trabalho, que diz que a Ss é um gênero que projeta do poder.

E, se isso é verdade, como reproduzir o gênero em uma cultura que não pode ser diretamente associada ao imperialismo (definido por Said como *“a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante”*¹⁵⁴)? Sem que haja essa disposição imperialista, essa vontade de dominar um outro território que não seja o seu propriamente dito, não seriam reduzidas drasticamente as possibilidades de que exista uma relação como a descrita anteriormente como a Teoria do Inimigo? Poderíamos experimentar de forma prática elencando os elementos da teoria dentro de romances de Ss notórios, e o resultado seria sempre que o autor é um cidadão de um país imperialista; o narrador toma partido a favor do império; seus protagonistas simpatizam com o império e

¹⁵² Said, Edward W., *Cultura e Imperialismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, tradução de Denise Bottman, p. 23.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 24.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 40.

assim fazem seus leitores. E tais leitores não se limitam àqueles que vivem dentro do território da metrópole deste império. Os livros de 007 não fizeram sucesso apenas na Inglaterra – tão pouco seus filmes – e o mesmo podemos dizer a respeito de Le Carré, Forsyth e Follet; e de Clancy e outros, com relação aos Estados Unidos da América.

Muito pelo contrário. Os romances de espionagem tomaram conta do século XX na literatura e no cinema. O espião transformou-se no herói preferido dentro do imaginário popular – deixou de ser uma figura vil para frequentar uma outra esfera, a dos protagonistas. E, sob as luzes que acendemos agora, podemos intuir que o afastamento de *UVLC* com relação à Ss é o não-funcionamento da Teoria do Inimigo e, por extensão, a ausência de um herói. O antagonismo dos papéis de Lothar e de Pereira, por mais que pareça assim, é impreciso demais. Isso ocorre porque o narrador de *UVLC*, apesar de sua tendência à parcialidade, não assume um posicionamento ideológico como o da Ss. É um romance que tenta ser de espionagem, mas não cumpre com os mandamentos do gênero porque não elege um inimigo.

Chegamos a um ponto, aqui, “*em nosso trabalho em que nossos estudos não mais podem ignorar os impérios e o contexto imperial*”¹⁵⁵. Não podemos, tão pouco, ignorar a ideologia sob a influência da qual vivemos. Elegemos palavras de Muniz Sodré para esclarecer que: “*a ideologia implica sempre num discurso de dominação ou de poder, já que sua consequência específica é significar uma hegemonia*”¹⁵⁶. Em seus estudos sobre a tradução de *best-sellers*, Venuti parece concordar com Sodré quando diz que “*as traduções podem manter relações sociais existentes, revestindo temas domésticos com a qualificação ideológica para que adotem um padrão ou desempenhem uma função numa instituição*”¹⁵⁷. Os recortes se aplicam bem ao que vimos, até agora, na Ss, desde *O Espião* de Fenimore Cooper, de 1821, até as mais recentes obras de Carré ou Follet. Se o texto de Cooper já servia de propaganda da nova potência mundial que surgia derrotando a ainda poderosa Inglaterra, os textos de hoje perpetuam o poder ocidental anglo-saxônico.

Dessa forma, poderíamos concluir que um romance de espionagem dentro da literatura brasileira seria incapaz de seguir as regras que deveria respeitar para manter-se dentro do gênero. Afinal, para que haja o conflito Bem x Mal é preciso existir um consenso coletivo tácito (criado por uma conjuntura histórica) de que existe uma ameaça, um inimigo,

¹⁵⁵ Said, Edward W., *Cultura e Imperialismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, tradução de Denise Bottman, p. 37.

¹⁵⁶ SODRÉ, Muniz, *Teoria da Literatura de Massa*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978, p. 43.

¹⁵⁷ VENUTI, L., *Op. Cit.*, p. 149.

algo ou alguém que exija uma ação de defesa que justifique ações de espionagem – lembrando mais uma vez Bleton – cujos fins justifiquem os meios. A Ss que o mundo todo conhece teve um sem-fim de inspiração com as duas guerras mundiais e com a Guerra Fria, e hoje tem com a ameaça terrorista propagandeada pela mídia. O leitor não precisa fazer esforço para receber os subsídios para seu imaginário, para esse tal acordo tácito que resulta na consolidação dos itens necessários para o bom funcionamento da Teoria do Inimigo.

A pressão da Ss traduzida, da mídia, faz com que os subsídios nacionais para a formação de um imaginário de uma Ss local sejam sufocados. Mas eles existem. Podemos citar as conexões levantadas com o conhecido “Escândalo Baumgarten”, nos anos 80, assim como outros capítulos mais discretos da espionagem brasileira, como o citado por Bob Woodward em seu livro-reportagem sobre as atividades da CIA entre 1981 e 1987. Ele narra as dificuldades encontradas pela Central de Inteligência norte-americana para empreender operações secretas na América Central e no Caribe. Estas começaram quando o Congresso dos EUA criou ferramentas para limitar o poder daquela instituição devido aos escândalos internacionais relativos às ações na Nicarágua. “Quando o plano da CIA para derrubar o líder do Suriname mostrou-se inviável”¹⁵⁸, devido às limitações citadas, a agência usou de outros estratagemas:

*“...o serviço secreto brasileiro resolveu realizar sua primeira operação clandestina. O Brasil e o Suriname têm uma fronteira de cerca de 160 quilômetros. Com o encorajamento de Motley e uma pequena assistência da CIA, o serviço secreto brasileiro enviara agentes disfarçados de professores ao Suriname, com o objetivo de afastar o governo do Suriname dos cubanos. O líder, tenente-coronel Bourtese, mais tarde realmente afastou-se dos cubanos e o serviço secreto brasileiro informou a Motley que todos os registros da operação confidencial haviam sido destruídos.”*¹⁵⁹

Não existe, no texto de Woodward, uma precisão sobre a data em que ocorreu este evento específico, mas é possível estimar que tenha sido em torno de 1981. O Brasil ainda vivia sob o regime militar, com o governo do general João Batista Figueiredo. O serviço secreto ao qual Woodward se refere era supostamente o Serviço Nacional de Informação (SNI), extinto pelo ex-presidente Fernando Collor de Melo, durante seu curto mandato. Esse trabalho não tem a intenção de fazer qualquer julgamento, mas apenas apresentar informações que ligam o Brasil a atividades internacionais de espionagem.

¹⁵⁸ WOODWARD, Bob. *Veil: As Guerras Secretas da CIA*, Best Seller, São Paulo, 1987, p. 302.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 302.

Outro jornalista, o brasileiro Roberto Lopes, também em um livro-reportagem, revela envolvimento de espões brasileiros com a produção de arma nucleares na África, também no início dos anos 80. Lopes resgata matérias publicadas na imprensa nacional, como a do também jornalista Teodomiro Braga para o Jornal do Brasil de 2/9/1990:

“...a parceria [Brasil-Iraque] continuou se desenvolvendo no escuro. Isso contribuiu para que as iniciativas previstas no acordo se confundissem com as ações que não tinham amparo legal’. Em uma dessas iniciativas clandestinas, ‘foi decidida a criação da empresa privada de aerofotogrametria patrocinada pelo SNI (...) para atuar no Iraque e nos territórios de seus aliados. (...) Contam ainda que ‘um avião Bandeirante cedido pelo governo a (...) empresa criada e custeada pelo SNI foi metralhado pela aviação da Etiópia, quando fazia trabalho de aerofotogrametria no espaço aéreo da Somália. A tripulação era composta por técnicos brasileiros em busca de urânio e outras riquezas minerais na Somália, então em guerra com a Etiópia.”¹⁶⁰

Lopes revela também, mais adiante, que profissionais brasileiros estiveram bem mais envolvidos no programa nuclear iraquiano:

“O recrudescimento da guerra Irã-Iraque impediu o governo de Bagdá de continuar financiando a equipe brasileira que, no tórrido deserto de Ogaden, na Somália, iniciava a prospecção de jazidas de urânio.”¹⁶¹

Mas não foi apenas em solo africano que esses “agentes secretos” brasileiros agiram. Conforme outra reportagem de Teodomiro Braga, citada no livro de Lopes, revelava em 2/9/1990:

“faltou pouco para que as bombas [lançadas por Israel sobre a usina de Osirak, em 7 de junho de 1981] caíssem na cabeça de algum brasileiro. Por sorte, o ataque ocorreu numa data em que nenhum dos técnicos brasileiros da central nuclear do Iraque se encontrava nas dependências do reator. (...) em um ano e meio (...) quatro missões de funcionários da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) estiveram no Iraque, em absoluto sigilo, colaborando na conclusão da montagem do reator, comprado por Saddam junto aos franceses”¹⁶²

Sobre o mesmo tema, Frederick Forsyth escreveu *O Punho de Deus*. Em um trecho logo no início da trama, o narrador mostra o nível de envolvimento entre o pessoal que trabalhava no programa nuclear iraquiano com o de serviços secretos:

¹⁶⁰ LOPES, Roberto. *Rede de Intrigas – Os Bastidores do Fracasso da Indústria Bélica no Brasil*. Rio de Janeiro, Record, 1994, p. 126.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 146.

¹⁶² *Ibid.*, p. 146-147.

“...o Mossad possui outro hábito quando lida com um cientista ou um industrial, embora nunca se aplique a um terrorista. Sempre faz uma advertência final; (...) Mesmo com o Dr. Yahia El Meshad, o físico nuclear egípcio que trabalhava no primeiro reator nuclear iraquiano, assassinado em seu quarto no hotel Meridien, em Paris, a 13 de junho de 1980, o procedimento foi observado. Um katsa que falava árabe foi ao seu quarto e comunicou francamente o que aconteceria se ele não desistisse. O egípcio disse ao estranho que não o incomodasse mais, que sumisse...”¹⁶³

Versões da verdade e ficção transitam de forma bastante íntima dentro da Ss, como já vimos. Mas agora, sob essas novas luzes, podemos supor que o imaginário para uma Ss brasileira está apenas oculto, indefinido. Talvez posicionado tão sob a sombra da Ss traduzida, que o próprio mercado editorial, o próprio escritor brasileiro não se sintam à vontade para experimentar seus caminhos. Uma espécie de caminho que já foi trilhado pelo romance policial. Apesar de o primeiro romance policial brasileiro ter sido detectado no início do século passado¹⁶⁴, segundo Sandra Reimão em *Literatura Policial Brasileira*, foi nas últimas décadas que os autores do gênero encontraram mais espaço para não somente publicar, mas também publicar com a liberdade de seguir os preceitos do gênero.

“A multiplicação atual de textos de literatura policial de autores nacionais e a atenção dada pelos escritores a esse tipo de produção são pistas que nos levam a deduzir que a história da literatura policial brasileira ainda terá muitos outros capítulos”¹⁶⁵

José Paulo Paes fala sobre esse processo de expansão da literatura de entretenimento (na qual se enquadram os gêneros policial e de espionagem) a qual Sandra Reimão se refere. Para ele, esse tipo de literatura é resultado do trabalho não exatamente de literatos, mas de artesãos das letras. “Em países como a Inglaterra, a França ou os Estados Unidos”, explica Paes, “o escritor adquiriu faz tempo estatuto profissional e muitos deles tiram sua subsistência do que escrevem”¹⁶⁶. Segundo o autor, é um processo decorrente do grande consumo e da antigüidade da cultura livreira daqueles países. Já aqui no Brasil, as condições são mais “propícias ao surgimento de literatos que de artesãos”¹⁶⁷. E literatos geralmente não são afeitos ao cumprimento de normas, de regras de gêneros. Apesar disso, há:

¹⁶³ FORSYTH, F., *O Punho de Deus*, Record, São Paulo, 1994, P. 22.

¹⁶⁴ Sandra Reimão aponta que *O Mistério*, de 1920, foi a primeira narrativa policial do Brasil. “Foi escrito a oito mãos por Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa (...) foi publicada em capítulos pelo jornal *A Folha* a partir de 20 de março de 1920 e editada em livro no mesmo ano”, Op. Cit., p. 13.

¹⁶⁵ REIMÃO, S., Op. Cit., p. 50.

¹⁶⁶ PAES, J. P., Op. Cit., p. 37.

¹⁶⁷ Ibid., p. 37.

“sinais alentadores de que as coisas começam a mudar por aqui. Editoras voltadas para a área do livro paradidático estão encomendando obras de ficção de entretenimento a bons autores (...) Com isso estimula-se a criação de uma literatura de entretenimento de bom nível”¹⁶⁸

Enquanto esse fenômeno se vê atuante no gênero policial – tanto que vimos o lançamento, em 2005, do trabalho de Sandra Reimão – somos levados a entender que o processo deve ser um tanto mais complicado com relação à Ss. Somos levados a supor que para que esse gênero venha a ganhar o mesmo fôlego do romance policial no Brasil, com novos nomes como Marçal Aquino, Tony Bellotto, Ruy Castro e Luiz Alfredo Garcia-Roza, será necessário mais do que a constatação de que é possível ao escritor seguir as regras de um gênero. Talvez seja fundamental que o brasileiro desça do muro e saiba enxergar, no mundo, quem é seu verdadeiro inimigo.

¹⁶⁸ Ibid., p. 37-38.

Considerações finais

Esse trabalho nos conduziu a algumas considerações envolvendo o romance de espionagem, suas características, seus variados esquemas de enredo e a dificuldade de reprodução fora de um contexto específico. A primeira dessas considerações, levantadas ao longo desse estudo, é a de que existe o gênero de espionagem, afirmação que faço minha após as análises dos romances e os juízos críticos que serviram de base para este trabalho.

Foi possível detectar, e constatar que ele tem suas regras bastante claras desde o seu surgimento, em 1821, com *O Espião*, de Fenimore Cooper. De acordo com essas regras, não basta o autor inserir espiões e missões de espionagem em sua obra, para que esta se torne um romance de espionagem. Parafraseando Umberto Eco, “*existe pelo menos um caso em que é possível dizer que uma determinada interpretação é ruim*”¹⁶⁹. Ou seja, existe a liberdade de interpretação, mas não é essa liberdade que vai fazer um texto pertencer a um gênero quando ele não atende às necessidades do mesmo.

Se existe uma maneira correta de interpretar um texto, baseado no respeito às regras que são comuns à maioria dos representantes de um gênero, chegamos a mais uma consideração: talvez *UVLC* pudesse ser realmente um romance de espionagem, e assim ser quase que um dos pioneiros do gênero no Brasil. Porém, para que isso pudesse ser verdade, não teria o autor que ter seguido o “estatuto” (grifo nosso) da *Ss*? Julgo que sim, pois tal estatuto teria direcionado a trama para outros rumos, talvez.

Mais especificamente, teria sido modificada a atuação do narrador, pois este deveria ter se posicionado dentro da trama, a favor de algum personagem. Como vimos no desenrolar da argumentação, isso somente aconteceu no âmbito de um drama pessoal, colocando em rota de colisão Lothar e os representantes locais do Partido Nazista. Nesse momento, em

relação a esse tópico específico, o narrador pareceu tomar as dores de Lothar e fez críticas à arrogância do teuto-brasileiro da região do Vale do Itajaí, exatamente àqueles que prejudicavam os seus familiares (de Lothar) e quiseram causar-lhe problemas.

Outra consideração passa pelo fato de que, a meu ver, o posicionamento do autor também poderia ter transformado *UVLC* em uma *Ss*, caso ele tivesse decidido não pelo modelo que Cawelti e Rosenberg chamam de “*to catch a spy*”¹⁷⁰, mas sim pelo modelo “*on the run*”, que sugere que o espião seja perseguido pelo seu próprio pessoal. No entanto, tal decisão demandaria, também, um posicionamento decisivo quanto à parcialidade do narrador.

Quanto ao romance de espionagem em geral, relacionado diretamente à questão, avaliando a possibilidade do surgimento de futuros representantes no Brasil, podemos chegar a uma quarta consideração: será que o mercado editorial quer que isso aconteça? Será que este é um movimento que tende a surgir? Ou será que a produção de traduções de *Ss* importadas não abrange de tal forma uma ampla fatia do mercado nacional que não haveria espaço para uma *Ss* produzida aqui? Vimos, mesmo que de forma breve, que houve, ao longo do século passado, uma apropriação do gênero policial pelo escritor brasileiro. Talvez chegue, algum dia, o momento de amadurecer o mesmo processo no romance de espionagem no Brasil. Quanto à questão dos romances traduzidos, mais do que uma falha da existência do gênero do Brasil, talvez se deva pensar no fenômeno da globalização e nas amplas campanhas de marketing que envolvem as publicações de autores consagrados como Le Carré, Forsyth e Clancy.

Mas se o autor de *Ss*, como vimos, é tão atrelado à realidade, aos fatos que aparecem nos noticiários, é de se supor que deva partir da mídia o aparecimento dos subsídios para a

¹⁶⁹ ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*, Martins Fontes, São Paulo, 1993, p. 29.

¹⁷⁰ “...no romance de contra-espionagem, PARA PEGAR UM ESPIÃO (o mais perto da forma do romance policial), o criminoso é culpado por espionagem” (...in the novel of counterespionage, TO CATCH A SPY (closest in form to the detective novel), the criminal is guilty of spying”) CAWELTI, John G.; ROSENBERG, Bruce A. Op. Cit., p. 72.

criação de um imaginário do gênero no Brasil. Fatos como vimos no capítulo anterior, ligando o Brasil a eventos de espionagem, geralmente são velados, e quando não, terminam por relacionar a atividade de espionagem à vilania.

No entanto, é exatamente essa falta de informação que nos leva a tecer outra consideração dentro desse trabalho: revelar uma verdade histórica oculta é uma das motivações do autor do romance de espionagem. Ele não está no mercado literário apenas para reproduzir o que dizem os noticiários, e sim para fazer um mergulho além desses fatos. Forsyth inicia *O Punho de Deus* com o assassinato do cientista norte-americano Gerry Bull, famoso projetista de armas. O fato ocorreu, na vida real, em Bruxelas, em 1990, assassinado com cinco tiros na nuca. Ninguém foi preso. O que Forsyth faz, em sua narrativa, é inserir a morte do cientista dentro de uma intrincada trama de espionagem, ultrapassando a realidade, mas criando uma ficção repleta de verossimilhança.

Alguns fatos existem que podem servir de trama para uma narrativa de espionagem no Brasil. Estão documentados e disponíveis. Usá-los, talvez represente uma forma mais artificial do que teria sido a influência natural provocada pelo cenário mundial para ao surgimento do gênero nos EUA e na Inglaterra (e na França também). Para aproveitar todo o potencial desses fatos, o perfil desse/a que será um novo/futuro/a escritor/a de Ss deverá ser como o de Telmo Fortes, pesquisador dedicado, que busca as informações necessárias para ilustrar sua trama.

A revelação desses fatos terá resultados ideológicos, com certeza. Caberá a cada autor/a decidir como irá interpretá-los, sabendo compreender o contexto que o cerca, estabelecendo pontos de ligação com as regras do gênero. Pode ser que uma leitura desses fatos, feita de determinada maneira, resulte em uma nova visão do país. Uma visão que não seja a visão do colonizado, do pobre coitado, do fraco. Talvez resulte numa visão mais

polarizada do mundo, naquele maniqueísmo, que é tão fundamental ao gênero de espionagem.

Talvez, nesse caso, estar preso a regras, paradoxalmente signifique realmente ter liberdade.

Bibliografia

ATKINS, J. **The British Spy Novel. Styles in Treachery.** Londres: John Calder, 1984.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 1987. Trad. J. Guinsburg.

BENJAMIN, Walter. **O narrador.** In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BLETON, Paul. **Les Anges de Machiavel. Essai sur l'espionnage, Nuit blanche.** Collection Études paralittéraires, Quebec, 1994.

_____. **Dictionnaire des littératures policières,** direção de Claude Mesplède, Joseph K, Collection Temps noir, Paris, 2003, vol. 2.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade,** 5 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. **Formação da Literatura Brasileira,** 5 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental,** volume IV. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CAWELTI, J.G.; ROSENBERG, B.A. **The Spy Story.** Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

CLANCY, Tom. **A Soma de Todos os Medos**. São Paulo: Record, 1994.

_____. **Perigo Real e Imediato**. São Paulo: Record, 1993.

COOPER, James Fenimore. **O Espião: Um Episódio da Guerra da Independência**. Rio de Janeiro: O. Pierre, 1978.

ECO, Umberto. **James Bond, Uma Combinatória Narrativa**, in *Análise Estrutural da Narrativa*, 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

_____. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

Enciclopedia della Letteratura, Milão: Editora Garzanti, 1999.

FORSYTH, Frederick,. **O Punho de Deus**. São Paulo: Record, 1994.

_____. **O Dia do Chacal**, 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 1971.

FORTES, Telmo, **A Última Viagem do Lobo Cinzento**. Florianópolis: Insular, 1999.

_____. **Glória até o fim: Espionagem militar na Guerra do Contestado**. Florianópolis: Insular, 1998.

_____. **O Tesouro Hebreu**. Florianópolis: Insular, 2002.

FRIEDMAN, Norman. **Point of View in Fiction, the development of a critical concept**. In: STEVICK, Philip, ed. *The Theory of the Novel*. New York, The Free Press, 1967.

GREEN, Martin. **The English Novel in the Twentieth Century – The Doom of Empire**, Routledge, Kegan Paul plc, Londres, 1984.

GREENE, Graham. **Nosso Homem em Havana**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, Trad. Brenno Silveira.

HARPER, Ralph. **World of the Thriller**. Cleveland, The Press of Case Western Reserve University, 1969.

HOBBSAWM, Eric J.. **A Era do Capital 1848-1875**, 3 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, Trad. Luciano Costa Neto.

_____. **A Era dos Impérios – 1875 – 1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KHOTE, Flávio. **A narrativa trivial**. Brasília: Unb, 1994.

LE CARRÉ, John. **O Espião que Saiu do Frio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LOPES, Roberto. **Rede de Intrigas – Os Bastidores do Fracasso da Indústria Bélica no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

LUBBOCK, Percy. **A técnica da Ficção**. São Paulo: Cultrix, 1976, trad. Otávio Mendes Cajado.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São paulo: Cultrix, 1987.

LUKÁCS, Georg. **Écrits de Moscou**, 1974, Éditions Sociales, Paris.

OLIVEIRA, Salma Ferraz de Azevedo de. **O Jeitinho Brasileiro de Sherlock Holmes: o Xangô de Baker Street de Jô Soares**. Blumenau: Furb, 1998.

PAES, José Paulo. **A Aventura Literária Ensaio Sobre Ficção e Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PANEK, Leroy. **Special Branch: The British Spy Novel , 1890-1980**. Londres, 1981.

POUND, E. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, s/d.

PRADO, Décio de Almeida, CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

REIMÃO, Sandra, **Literatura Policial Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

SAID, Edward W., **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, trad. Denise Bottman.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre os Diferentes Métodos de Tradução**, in *Clássicos das Teorias da Tradução*, Volume 1, alemão-português. Florianópolis: UFSC, NUT, 2001.

SOARES, Jô. **O Xangô de Baker Street**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da Literatura de Massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. **Best-Seller, a Literatura de Mercado**, 2 ed., São Paulo: Ática, 1988.

SCHÜLLER, Donaldo. **Teoria do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**, 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

WELLEK, René & Warren, Austin. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976, trad. José Palla e Carmo.

WOODWARD, Bob. *Veil: As Guerras Secretas da CIA*. São Paulo: Best Seller, 1987.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**. São Paulo: Edusc, 2002.

ZUCKERMANN, Albert. **Como escrever um romance de sucesso**. São Paulo: Mandarim, 1996.

Anexos

Anexo 1

Paratexto em UVLC

O paratexto em UVLC

A interpretação da paratextualidade em uma obra literária é fundamental para o leitor. É através dela que é possível obter uma leitura mais enriquecedora e pormenorizada das propostas do autor e do editor da obra em questão. Durante os estudos de *UVLC*, fizemos questionamentos sobre a presença um elemento nazista em sua capa. Inicialmente, pudemos intuir que a suástica fora aplicada sobre a última letra do título com o objetivo de fazer uma ligação direta com o tema da Segunda Guerra Mundial. Poderíamos considerar que seja apenas um chamariz. Afinal, a guerra é amplamente conhecida pelo público. Bem mais do que qualquer outro elemento que está presente na capa. Esses elementos são:

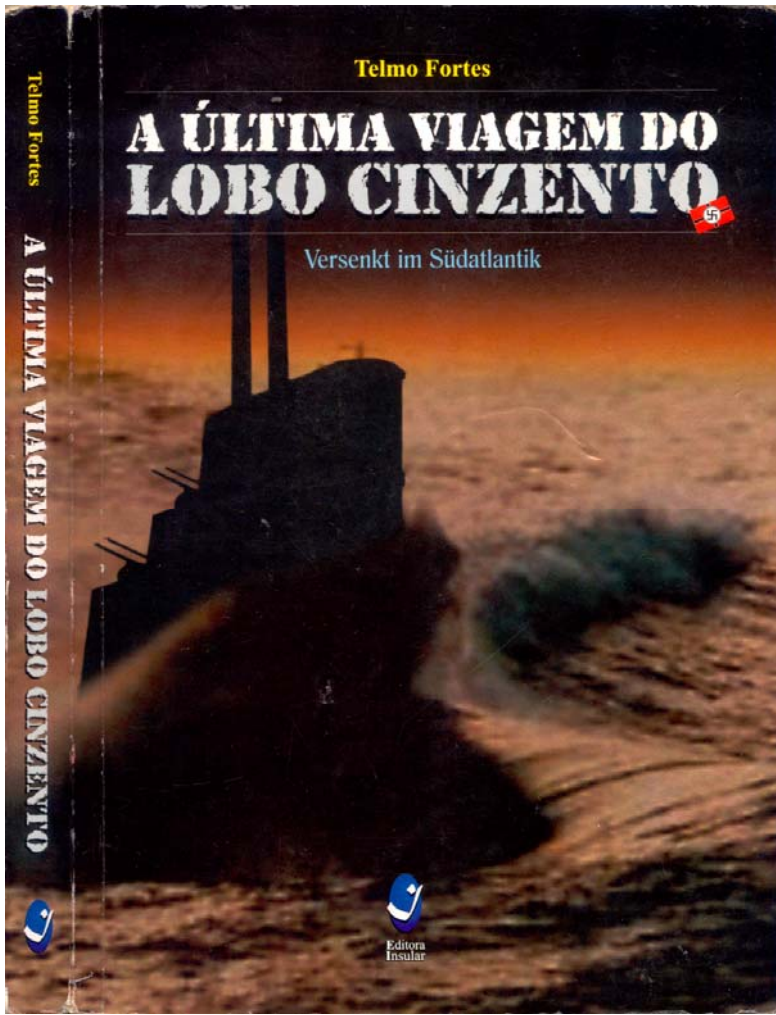
- O nome do autor (em amarelo);
- O título, em fonte *STENCIL*, encimado e sublinhado por duas finas linhas claras. A fonte escolhida é geralmente relacionada a temas militares, pois é utilizada para pintar letras com facilidade em tecidos, caixas, veículos. As fontes ainda receberam um tratamento de envelhecimento;
- Subtítulo redigido em alemão “*Versenkt im Südatlantik*”, que significa “*afundado no Atlântico Sul*”;
- Fotografia aparentemente montada com a silhueta da torre de um submarino contemporâneo da Segunda Guerra Mundial. Podemos ver que é uma embarcação de submersão equipada com dois jogos de canhões, típicos implementos daquela época, hoje em dia anacrônicos. Essa fotografia se estende da capa até a contracapa, passando pela lombada, onde se repete o nome do autor e o título sem a presença da suástica. Na contracapa encontramos a sinopse e, acima dela, um grafismo que parece sugerir um mapa com um traçado.

Outros elementos agregam-se à paratextualidade de *UVLC*, fora das capas. Nas páginas 276, 277 e 279 foram aplicadas fotografias e uma lista. A fotografia da página 276 é dos tripulantes do avião que bombardeou o U-513. Ela mostra os militares norte-americanos perfilados diante do “nariz” do hidravião Martin PBM-3D 74P5. A posição dos militares remete uma típica imagem de orgulho perante a derrocada de sua “caça”.

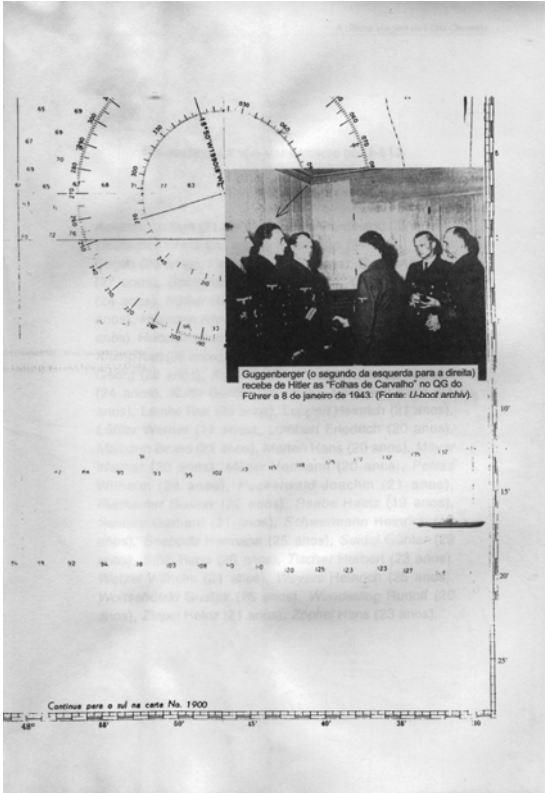
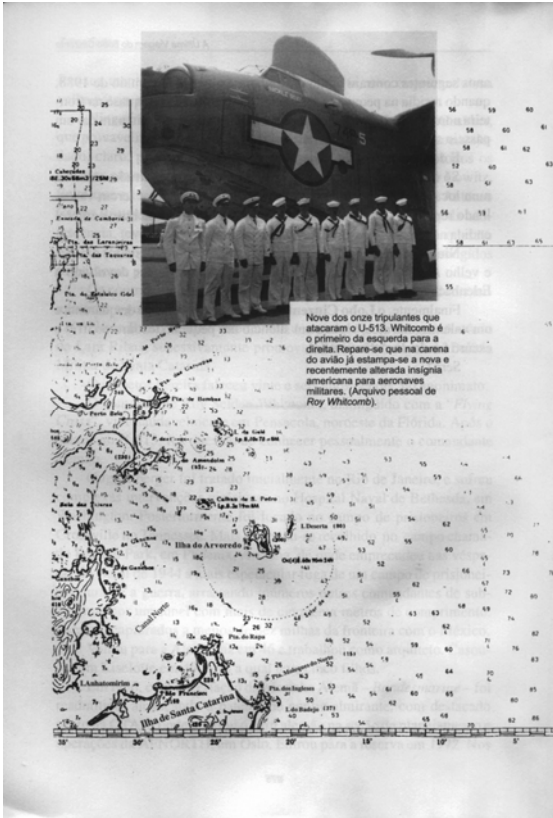
Na página seguinte, vislumbramos a fotografia do oficial naval alemão Guggenberger, comandante do U-513, que não estava a bordo da embarcação no momento de sua destruição. A foto revela a cerimônia em que o oficial recebeu do próprio Hitler a medalha “Folhas de Carvalho”, em 8 de janeiro de 1943. Uma preciosidade que o autor/pesquisador fez questão de

compartilhar com seus leitores. A foto remete uma idéia de orgulho do comandante que não foi afundado junto com seu navio. Ambas as fotos estão aplicadas sobre um mapa, em preto e branco, do local onde foi afundado o submarino. A relação entre as três imagens é forçosamente significativa.

Na página 279, foi publicada uma lista dos 46 marinheiros que morreram com o afundamento do submarino U-513. Da listagem constam apenas o nome e a idade de cada militar. A presença desta lista suscita um questionamento: por que não foi publicada a lista dos tripulantes que estavam a bordo dos navios que foram afundados pelo próprio U-513?





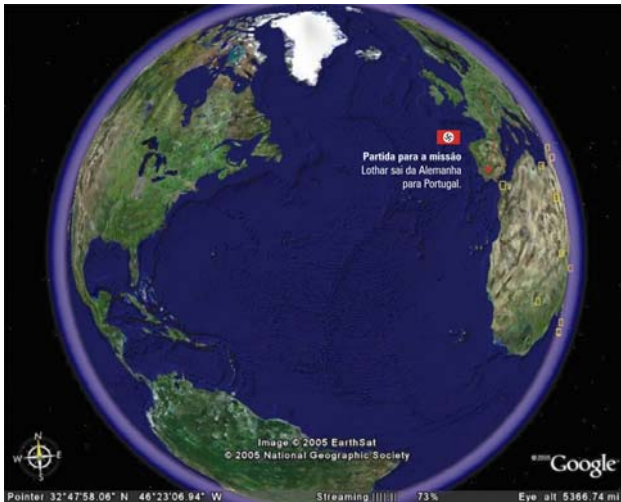


**OS QUARENTA E SEIS MARINHEIROS DO U-513
MORTOS NO COMBATE**

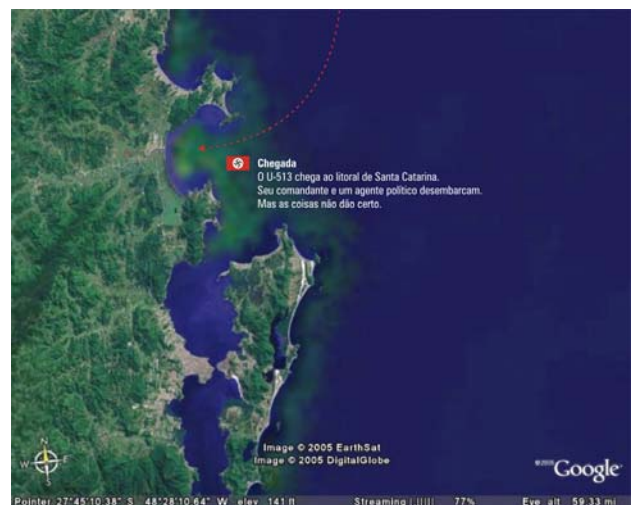
Ackermann Kurt (21 anos), Demhoff Ferdinand (22 anos), Deutscher Erwin (20 anos), Elger Otto (24 anos), Faller Eugen (20 anos), Falter Georg (20 anos), Gebhardt Erich (27 anos), Gottschalk Horst (22 anos), Gröschel Walter (24 anos), Häfker Hermann (19 anos), Hain Heinrich (24 anos), Hibmann Alfred (37 anos), Hungerge Wilhelm (20 anos), Hutterer Johann (19 anos), Illing Hermann (20 anos), Klump Karl (35 anos), Kobs Reinhard (21 anos), Komrumpf Georg (28 anos), Kunz Oswin (21 anos), Kunze Herbert (24 anos), Kurtz Günter (19 anos), Lehmann Arno (21 anos), Lemke Rolf (20 anos), Luppert Heinrich (21 anos), Löffler Werner (21 anos), Lumbert Friedrich (20 anos), Maibaun Bruno (21 anos), Merten Hans (20 anos), Meyer Werner (30 anos), Müller Hermann (20 anos), Petras Wilhelm (24 anos), Puckelwald Joachim (21 anos), Puttkamer Gustav (22 anos), Raabe Heinz (19 anos), Schlate Gerhard (21 anos), Schwermann Heinrich (19 anos), Seebode Hermann (25 anos), Seidel Günter (29 anos), Stölk Hugo (20 anos), Tischer Herbert (23 anos), Wetzel Wilhelm (21 anos), Weyers Heinrich (25 anos), Woitschützki Gustav (25 anos), Wunderling Rudolf (20 anos), Ziepel Heinz (21 anos), Zöpfel Hans (23 anos).

Anexo 2

Os deslocamentos em UVLC: o espião



Os deslocamentos em UVLC: o U-513





Anexo 3

O Lobo Cinzento e seu algoz

Os personagens inconscientes do drama:



Hidavião Martin PBM-3D Mariner prefixo 74P5,
do comandante Roy S. Whitcomb

Características:

Velocidade máxima: 340 km/h a 4.875 m de altitude.
Raio de ação: 3.605 km.
Peso vazio: 15.048 kg; máximo carregado, 26.309 kg.
Dimensões: envergadura, 35,97m; comprimento, 25,33m; altura, 8,38m.
Armamento: oito metralhadoras .50 e 3.629 kg de bombas.
Tripulação: 9 a 11 homens.



Submersível transoceânico tipo IX-C prefixo U-513,
do comandante Karl F. Guggenberger

Características:

Deslocamento: emerso, 1.120 ton; submerso, 1.232 ton.
Dimensões: comprimento, 76,70m; largura do casco 6,75m; calado, 4,70m.
Autonomia: emerso, 25.000 km, a 18,6 Km/h; submerso, 115 km a 7,5 km/h.
Armamento: um canhão de 105 mm; um canhão anti-aéreo de 37 mm e outro de 20 mm; 22 torpedos de 533 mm, em quatro tubos a vante e dois a ré.
Tripulação: 54 homens.

Anexo 4

Outras obras investigadas

